

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

JULINY GUIMARÃES SÁ BARRETO

**TELEJORNALISMO “PÓS-PANDEMIA”: práticas e estratégias que
ficaram após a cobertura da COVID-19**

João Pessoa-PB, 2023

JULINY GUIMARÃES SÁ BARRETO

**TELEJORNALISMO “PÓS-PANDEMIA”: práticas e estratégias que
ficaram após a cobertura da COVID-19**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do título de mestre.

Orientador: Prof. Dr. Laerte Cerqueira.

João Pessoa-PB, 2023

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

B273t Barreto, Juliny Guimarães Sá.
Telejornalismo "pós-pandemia" : práticas e
estratégias que ficaram após a cobertura da COVID-19 /
Juliny Guimarães Sá Barreto. - João Pessoa, 2023.
101 f. : il.

Orientação: Laerte Cerqueira.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCTA.

1. Telejornalismo - práticas. 2. Estratégias de
telejornalismo. 3. Jornalismo na covid-19. I.
Cerqueira, Laerte. II. Título.

UFPB/BC

CDU 070:654.197(043)



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Aos vinte e nove dias do mês de agosto de 2023, às 19 horas, foi realizada, por videoconferência, através da plataforma Google Meet®, em sessão pública, Banca de Defesa de Dissertação de Mestrado do(a) aluno(a) **JULINY GUIMARÃES SÁ BARRETO**, sob a matrícula **20211006313**, cuja pesquisa intitula-se “**TELEJORNALISMO “PÓS-PANDEMIA”: práticas e ferramentas que ficaram após a cobertura da COVID-19**”, para obtenção do título de Mestre em Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba.

AVALIAÇÃO:

(x) Aprovado(a) () Reprovado(a) () Insuficiente

As observações sobre o trabalho acadêmico encontram-se no verso desta ata.

COMISSÃO EXAMINADORA:



Documento assinado digitalmente

LAERTE JOSE CERQUEIRA DA SILVA

Data: 20/09/2024 12:03:08-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof(a). Dr(a). **LAERTE JOSE CERQUEIRA DA SILVA**

Presidente



Documento assinado digitalmente

PATRICIA MONTEIRO CRUZ MENDES

Data: 20/09/2024 12:15:34-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof(a). Dr(a). **PATRICIA MONTEIRO CRUZ MENDES**

Examinador(a) Interno(a)



Documento assinado digitalmente

ELANE GOMES DA SILVA OLIVEIRA

Data: 20/09/2024 12:35:28-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof(a). Dr(a). **ELANE GOMES DA SILVA OLIVEIRA**

Examinador(a) Externo(a) ao Programa



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA | UFPB
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES | CCTA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO | PPJ



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

OBSERVAÇÕES: Foram feitas observações para ampliar conclusão, reordenamento de categorias e melhorias na introdução.

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof(a). Dr(a). LAERTE JOSE CERQUEIRA DA SILVA
Presidente

Prof(a). Dr(a). PATRICIA MONTEIRO CRUZ MENDES
Examinador(a) Interno(a)

Prof(a). Dr(a). ELANE GOMES DA SILVA OLIVEIRA
Examinador(a) Externo(a) ao Programa

Aos meus amados primos Clean Barreto, Milka Guimarães e as outras
mais de 700 mil vidas e histórias interrompidas pela COVID-19.

AGRADECIMENTOS

É impossível iniciar este texto sem deixar que as lágrimas me conduzam. Cada uma dessas páginas carrega muita paixão, muitos sonhos e muito desejo, mas também muitas lágrimas. Em novembro de 2020, meu pai, Cláudio, foi a primeira pessoa para quem liguei quando recebi a notícia da aprovação no mestrado. Choramos juntos. “Eu sabia que você conseguiria”, disse ele. Pois é, pai, eu consegui!!! E muito dessa força veio da sua ausência. Despedir-me de você no momento mais feliz da minha vida foi desafiador. Buscar forças para continuar foi ainda mais. Mas eu consegui, painho! Muito obrigada por tudo o que foi e sempre será. O senhor é parte fundamental desta conquista. Pra sempre, todo o meu amor e saudade.

Agradeço à minha mãe, Jussara, por suas orações, por sua força e carinho. Te amo muito minha rainha!

Ao meu filho Gael, que chegou à minha vida em meio a essa jornada e me trouxe ainda mais força. Mamãe te ama!

Agradeço aos meus irmãos Claudia e Matheus pelo carinho incondicional e aos meus sobrinhos Isabelly, Isaac e Davi por trazerem alegria aos meus dias.

Sou grata aos meus tios Rusty e Reivan e à minha avó Iva (*in memorian*) por sempre terem acreditado no meu potencial, antes mesmo de mim. Tio Rusty, muito obrigada por não soltar minha mão. Tia Reivan, você é meu grande exemplo. Vovó, essa conquista também é sua. Amo muito vocês!

Agradeço a Gedeão por ser um pai incrível para o nosso filho.

Agradeço aos amigos-irmãos Tito, Bruno, Wagner e Arielle que me inspiram e trazem leveza para minha vida.

Agradeço aos meus eternos mestres da graduação: Cândida Nobre (ídola!), Carmélio Reynaldo, Nadja Moura e Suely Maux (minha eterna inspiração!).

Obrigada ao meu orientador Laerte Cerqueira pelos conhecimentos compartilhados e pela generosidade de me orientar neste (e em tantos outros) trabalhos. Sua compreensão e apoio foram excepcionais.

Agradeço a todo o corpo docente do PPJ, em especial aos professores Patrícia Monteiro e Fernando Firmino pela sensibilidade e carinho.

Agradeço aos professores Luís Augusto e Elane Gomes pelas ricas contribuições na qualificação deste trabalho. Obrigada por tamanha generosidade.

Agradeço aos colegas de turma do PPJ pelo acolhimento e apoio. Somos mais que vencedores e eu tenho muito orgulho de ter feito parte deste time.

Agradeço aos colegas da Rede Tambaú de Comunicação: Camila, Gleyberson, Lia, Davi, Anália, Guilherme, Lucas, Letícia, Ingrid, Pri Albuquerque e Pri Melo pela compreensão e suporte. Vocês foram incríveis.

Eterna gratidão a Deus por ter colocado tantas pessoas especiais em meu caminho e por estar me permitido realizar mais um sonho.

Por fim, sem querer parecer presunçosa, agradeço a mim mesma por não ter abandonado os sonhos da Juliny criança e por ter concluído mais essa jornada. Embora não tenha sido fácil, é gratificante ver onde cheguei.

RESUMO

A pandemia da COVID-19 impôs ao telejornalismo uma readequação ao seu *modus operandi*. Devido às restrições sociais, práticas e estratégias favorecidas pelas tecnologias ganharam protagonismo colocando em cheque padrões e paradigmas institucionalizados. Com o objetivo de compreender como tais adaptações impactaram a entrega final da notícia e quais dessas práticas foram incorporadas na produção da notícia, mesmo pós-pandemia, tomamos o Jornal Nacional e o Bom Dia Paraíba como objetos de estudo e realizamos uma análise de conteúdo, aliada a entrevistas com profissionais envolvidos nestas produções e chegamos a 6 categorias que evidenciam a implementação da maioria destas novas práticas, nos demonstrando que a pandemia representou um marco histórico não apenas para a sociedade, mas também para o telejornalismo.

PALAVRAS-CHAVE: práticas de telejornalismo; estratégias de telejornalismo; telejornalismo e covid-19; jornal nacional; bom dia paraíba

RESUMEN

La pandemia de COVID-19 obligó al periodismo televisivo a reajustar su *modus operandi*. Debido a las restricciones sociales, las prácticas y estrategias favorecidas por las tecnologías ganaron protagonismo, desafiando estándares y paradigmas institucionalizados. Con el objetivo de comprender cómo tales adaptaciones impactaron la entrega final de las noticias y cuáles de estas prácticas fueron incorporadas en la producción de las noticias, incluso pospandemia, tomamos como objetos de estudio *Jornal Nacional* y *Bom Dia Paraíba* y realizamos un análisis de contenido, combinado con entrevistas a profesionales involucrados en estas producciones y llegamos a 6 categorías que resaltan la implementación de la mayoría de estas nuevas prácticas, demostrando que la pandemia representó un hito histórico no solo para la sociedad, sino también para el periodismo televisivo.

PALABRAS- CLAVE: prácticas periodísticas televisivas; estrategias de periodismo televisivo; periodismo televisivo y covid-19; periódico nacional; buenos días paraíba

ABSTRACT

The COVID-19 pandemic requires television journalism to readjust its *modus operandi*. Due to social restrictions, practices and strategies favored by technologies gained prominence, challenging institutionalized standards and paradigms. With the aim of understanding how such adaptations impacted the final delivery of the news and which practices were incorporated into the production of news, even post-pandemic, we took *Jornal Nacional* and *Bom Dia Paraíba* as objects of study and carried out a content analysis, combined with interviews with professionals involved in these productions and we arrived at 6 categories that highlight the implementation of most of these new practices, demonstrating that the pandemic represented a historic milestone not only for society, but also for television journalism.

KEYWORDS: television journalism practices; television journalism strategies; television journalism and covid-19; national newspaper; good morning paraíba

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2. TELEJORNALISMO: SEIS DÉCADAS DE TRANSFORMAÇÃO	16
2.1 DO RÁDIO COM IMAGENS AOS “VIVOS” COM O CELULAR.....	16
2.2 JORNALISMO MÓVEL E COLABORATIVO.....	21
2.3 A ESTÉTICA DO CELULAR E A CULTURA DO AMADORISMO.....	22
3. TELEJORNALISMO, TRABALHO E SOCIEDADE.....	26
3.1 O NOTICIÁRIO COMO AGENTE SOCIAL	26
4. COVID-19 E SEUS IMPACTOS NO TELEJORNALISMO.....	30
4.1 BREVE HISTÓRICO: O VÍRUS QUE PAROU O MUNDO	30
4.2 TELEJORNALISMO E A COVID-19	33
5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	37
6. ANÁLISE.....	42
6.1 O TELEJORNALISMO DO JORNAL NACIONAL E DO BOM DIA PB NA PANDEMIA	42
<i>Categoria I - Entrevistas gravadas com o celular, pelos entrevistados.....</i>	<i>46</i>
<i>Categoria II - Imagens de apoio gravadas com o celular, pelos entrevistados</i>	<i>49</i>
<i>Categoria III - Entrevistas gravadas através de vídeochamadas</i>	<i>51</i>
<i>Categoria IV - Entrevistas ao vivo através de vídeochamadas.....</i>	<i>54</i>
<i>Categoria V - Uso de máscaras pelos repórteres</i>	<i>56</i>
<i>Categoria VI - Uso de microfone auxiliar em entrevistas.....</i>	<i>59</i>
7. RESULTADOS.....	63
8. CONSIDERAÇÕES.....	70
REFERÊNCIAS.....	73
ANEXOS	79

FIGURAS

Figura 1 - Bonner demonstra uso de celular na horizontal.....	24
Figura 2 - Registros de matérias gravadas em ambientes domésticos	47
Figura 3 - Enquadramento e angulação de câmera em entrevistas remotas	48
Figura 4 - Uso de recurso background no Bom Dia Paraíba.....	49
Figura 5– Uso do recurso background para vídeos verticais no JN	50
Figura 6-Enquadramento e angulação de câmera em entrevistas remotas no JN	51
Figura 7-Imagens de bastidores com entrevistas por videochamadas.....	52
Figura 8-Matéria produzida inteiramente em home-office no BDPB.....	53
Figura 9-Entrevistas ao vivo por videochamadas no BDPB	55
Figura 10-Repórteres sem máscaras na edição do dia 26 de março de 2020	56
Figura 11-Repórteres usando máscaras no JN	57
Figura 12-Repórter da TV Correio/Record usando máscara transparente	58
Figura 13-Repórteres em passagens usando máscaras no BDPB	59
Figura 14-Entrevistados segurando microfone durante entrevistas no JN	60
Figura 15-Entrevistas com uso de dois microfones no BDPB	61

QUADROS

Quadro 1 -Ocorrência das práticas recorrentes analisadas no Jornal Nacional.....	63
Quadro 2 -Ocorrência das práticas recorrentes analisadas no Bom Dia	65

ILUSTRAÇÃO

Ilustração 1-Gráfico com a incidência de novas práticas no Jornal Nacional.....	66
Ilustração 2-Gráfico com a insidência de novas práticas no Bom Dia.....	67
Ilustração 3-Gráficos com o comparativo entre práticas tradicionais e novas estratégias ..	68
Ilustração 4-Gráficos comparativos entre os anos analisados no JN e BDPB	69

1 INTRODUÇÃO

Diante do contexto catastrófico e incógnito da pandemia da COVID-19, o telejornalismo teve um papel sobretudo social, ao registrar fatos, mobilizar a sociedade didaticamente a como se proteger do vírus, compartilhar orientações e descobertas dos órgãos de saúde e do campo da ciência, fiscalizar e cobrar políticas públicas diante da crise de saúde, social e econômica. Tudo isso, sem esquecer dos cuidados vitais para que profissionais e fontes não se tornassem também vítimas. Em outras palavras, os jornalistas - assim como outros profissionais- colocaram suas próprias vidas em risco para manter a sociedade informada. Essa situação acabou por impor importantes alterações nas rotinas de produção diária do telejornalismo, que motivaram a provocação da presente pesquisa. Os impactos, as memórias e as dores da pandemia global da COVID-19 integram um episódio histórico e sem precedentes na humanidade, fato este que merece ser documentado para que as futuras gerações tenham acesso e possam entender o que foi esse momento para o jornalismo, e nesta pesquisa mais especificamente, para o telejornalismo. Como percurso teórico, através da revisão bibliográfica, o estudo destaca a evolução do telejornalismo no Brasil, bem como seu importante papel como agente social, além de analisar como a evolução das tecnologias de comunicação impactam na produção do telejornalismo e a influência do jornalismo móvel e colaborativo nas práticas cotidianas do telejornalismo atual.

Tomamos como questão central analisar as práticas e estratégias usadas pelo telejornalismo durante a pandemia, devido ao distanciamento social, que foram incorporadas às rotinas produtivas mesmo no pós-pandemia, diante da flexibilização dos protocolos sanitários impostos pelos órgãos de saúde. E por consequência pontuar possíveis impactos dessas mudanças na rotina dos profissionais e na entrega do produto final, através da análise de conteúdo e de entrevistas com profissionais dos noticiários Jornal Nacional e Bom Dia Paraíba.

A fim de responder tais questões, desenvolvemos uma pesquisa científica de natureza original, empírica, de objetivo exploratório através da análise de conteúdo, de caráter quanti e qualitativa. Tomamos como objeto de análise os telejornais ‘Jornal Nacional’ e o local Bom Dia Paraíba’, delimitando como *corpus* o recorte de 8 edições de cada telejornal, somando 16 edições exibidas em diferentes momentos da pandemia COVID-19, entre os anos de 2020 a 2023. E para melhor compreender como essa experiência foi

vivenciada na prática, realizamos entrevistas com profissionais jornalistas integrantes das equipes dos telejornais analisados.

As hipóteses para tal questão pontuam o robusto uso da internet e das tecnologias de comunicação no telejornalismo, como por exemplo, a popularização da produção audiovisual e das videochamadas, ambas a partir de *smartphones* (em livre tradução, telefones inteligentes). Uma mudança de paradigmas que justifica a iminência de nos debruçarmos sobre esta temática. Especialmente, considerando que mesmo antes da pandemia, o telejornalismo já enfrentava um momento de crise. Seja pelo enxugamento das redações com a crise econômica das empresas, ou pelos novos hábitos de consumo da sociedade, diante da abundante oferta de outros canais de informação. Portanto, uma readequação no modo de fazer telejornal já era esperada, mas compreender como o fenômeno da adoção destas novas práticas e estratégias, em caráter de urgência, passou a ser assimilado pela práxis do noticiário televisivo no período de “pós-pandemia” como veremos neste estudo.

No capítulo 1 realizamos uma revisão bibliográfica a partir das contribuições dos autores Bucci (1997), Wolton (2006), Porcello (2006), Gomes e Menezes (2008), , Vizeu e Correia (2007), Vizeu (2014) e Cerqueira (2018) quanto a importância do telejornalismo e a sua relação com a sociedade, enquanto agente social de informação e transformação. No capítulo 2, traçamos uma linha do tempo resgatando a origem do telejornalismo e destacando a contribuição da tecnologia para o telejornalismo, com base nos estudos de Yorke (1998), Santaella (2003), Jenkins (2007), Lima (2007), Lima e Bezerra (2010), Melo (2015) e Silva (2018). Já no capítulo seguinte conceituamos o jornalismo móvel e colaborativo tendo como principal referência Levy (2003), Weissberg (2003), Wolf (2003), Primo (2007), Botelho (2010), Monteiro (2015) Aguiar e Andrade (2019) e Neto (2020).

No capítulo 4 apresentamos o impacto da pandemia da COVID-19 no dia a dia do telejornalismo, os desafios do momento e as alterações impostas pelas medidas sanitárias de combate à proliferação do vírus. Já no capítulo 5 apresentamos nosso percurso metodológico, a escolha do corpus e as dificuldades do percurso. Já nos capítulos 6 e 7 nos debruçamos sobre a análise dos noticiários Jornal Nacional, da Rede Globo e Bom Dia Paraíba, da TV Cabo Branco, afiliada da Rede Globo com o objetivo empírico de analisar quais das práticas e estratégias utilizadas durante os momentos crítico da pandemia, permaneceram mesmo com a flexibilização do distanciamento social, além de compreender

através de entrevistas as percepções dos profissionais que vivenciaram cada etapa analisada por essa pesquisa.

Cientes do impacto global que a pandemia da COVID-19 exerceu em todas as áreas, mas aqui especificamente voltando o olhar para o telejornalismo apresentamos seguir um estudo preliminar que servirá como elemento para pesquisas futuras e novas readaptações e descobertas, para este organismo vivo que é o jornalismo.

Posto isto, acreditamos que o presente trabalho seja de grande valor não apenas para a academia, contribuindo para pesquisas futuras, mas também para o mercado profissional visto que aponta reflexões, promovendo discussões sobre estes novos processos produtivos e suas implicações no telejornalismo e na sociedade.

Nossa pesquisa trata de um fato concluído, essa é uma narrativa ainda em construção, portanto o presente trabalho não tem a pretensão de delimitar ou esgotar o assunto. Mas contribuir com uma memória social, servindo como trilha para trabalhos futuros.

2. TELEJORNALISMO: SEIS DÉCADAS DE TRANSFORMAÇÃO

2.1 DO RÁDIO COM IMAGENS AOS “VIVOS” COM O CELULAR

Em 2020, o telejornalismo brasileiro completou sete décadas de existência. Neste mesmo ano, a pandemia da COVID-19 impôs limitações que exigiram adaptações por parte dos profissionais da área. Ao analisarmos esta linha cronológica, concordamos com Silva (2018) ao pontuar que tanto a televisão quanto o telejornalismo traçaram caminhos paralelos quanto à sua forma e conteúdo. De fato, "(...) não há dúvida de que a televisão e o jornalismo não possuem as mesmas práticas de 10, 20 ou 50 anos atrás", especialmente ao considerarmos que a proposta inicial do telejornalismo era ser um rádio com imagens, marcando uma revolução à época na maneira de transmitir notícias e causando grande impacto na sociedade, que passou não apenas a ouvir, mas ver as notícias.

A televisão, desenvolvida no século XX, é um dos inventos mais populares da história. Seja pelo entretenimento, seja pela teledramaturgia ou pelo telejornalismo, a TV se tornou um relevante agente de formação e debate social nos lares e na vida cotidiana da sociedade. De acordo com Lima (2007), a relevância cultural e sociológica que a televisão representa na vida dos brasileiros não gerou apenas impacto no imaginário e na formação da população, mas também transformou a estrutura das habitações.

De fundamental importância para o povo, no Brasil, ela alcança o nosso imenso território e é vista por mais de 170 milhões de brasileiros. Representa, portanto, um imenso espaço dentro de nosso imaginário e de nossa vida. (...) Para se ter uma ideia do significado da televisão para a vida brasileira, basta dizer que ela chegou a modificar a arquitetura das casas do nosso interior, em que, tradicionalmente, o lugar mais usado era a cozinha. (...) A arquitetura foi-se adaptando aos poucos, o tamanho da cozinha diminuiu e a sala da frente foi aumentando. (LIMA, 2007, p. 20-21).

Desde setembro de 1950, com a inauguração da TV Tupi e do noticiário ‘Imagens do Dia’, transmitido duas vezes por semana e com apenas dez minutos de duração, o telejornalismo passou a ser uma das principais fontes de informação para os brasileiros. Desde então, o telejornalismo tem enfrentado diversas transformações, ganhando mais espaço na programação e adotando novos formatos e tecnologias. Além disso, a instantaneidade dos novos meios é algo bem diferente do telejornalismo pioneiro, quando eram necessários vários dias para a produção de uma reportagem. Isso porque o formato seguia os padrões de captação e edição do cinema, era como produzir um filme.

O programa tinha notícias locais lidas pelo locutor Ruy Rezende, que era também produtor e redator do jornal. As imagens eram produzidas em filme preto e branco pelos cinegrafistas Jorge Kurkjian, Paulo Salomão e Alfonso Zibas. Na época, a programação da TV Tupi São Paulo iniciava-se a partir das 20 horas e o telejornal não tinha um horário certo para ser veiculado, pois dependia da programação a ser exibida antes dele. Todos os programas eram feitos ao vivo, pois não havia ainda o videotape. (MELLO, 2015, p. 58)

Na produção das reportagens, a produção do conteúdo era muito rudimentar e não era possível nem mesmo visualizar o material que estava sendo captado, os repórteres e cinegrafistas só visualizavam as imagens captadas ao voltarem para a redação. Quando descreviam ao editor o que haviam registrado, ele escrevia o texto que narraria às imagens. Além disso, anotavam a sequência das cenas e calculavam precariamente o tempo aproximado de cada uma para que fossem ao ar diretamente do laboratório para o exibidor.

A partir da década de 1960, o processo de edição dos telejornais tornou-se mais ágil com a introdução do videotape (VT). De acordo com Rezende (2000), em virtude da demora na revelação e montagem dos filmes, a transmissão das imagens de algum acontecimento passava por atrasos de até doze horas do momento do ocorrido até sua divulgação nos telejornais. Com o VT, esse tempo foi consideravelmente reduzido e as notícias passaram a chegar aos telespectadores com maior instantaneidade.

Com o advento do Videotape (VT), tornou-se possível arquivar matérias jornalísticas através da gravação em fitas de vídeo e áudio. Tal fato representou uma revolução para a época. Entretanto, o equipamento utilizado para tal finalidade era demasiadamente grande e pesado para ser transportado pelas equipes de reportagem. Em decorrência disso, mesmo após dez anos da chegada do Videotape aos telejornais, estes ainda utilizavam recursos básicos como mapas e fotos para ilustrar as notícias.

Somente na década de 1970 é que houve atualização na tecnologia do Videotape, tornando-o mais compacto e fácil de manusear. Isso facilitou a produção jornalística, pois os cinegrafistas passaram a ter mais liberdade sem precisar limitar a quantidade de imagens ou sequência de captação. Neste período, a fita magnética substituiu o filme e projetou o telejornalismo para uma nova era de produção, embora ainda com suas limitações. Para editar uma matéria e inserir um trecho era preciso realizar uma verdadeira operação que copiava trechos da fita original para outra fita, costurando as partes na ordem desejada e desgastando a qualidade da captação original.

A reportagem de televisão talvez tenha passado por uma revolução desde que o videoteipe substituiu o filme como matéria-prima para a coleta de notícias: sem os satélites de comunicação para agilizar a transmissão deste material, tal revolução não seria completa. (YORKE,1998,p. 128).

Em 1962, a tecnologia de satélite foi experimentada pela primeira vez no estado da Flórida, EUA. Dois anos depois, em 1964, a Organização Internacional de Telecomunicações por Satélite (Intelsat) foi fundada. Em 1965, a criação da Empresa Brasileira de Telecomunicações (Embratel) possibilitou a veiculação simultânea da programação das emissoras de televisão para todo o país por meio de um sistema de micro-ondas.

A TV Globo foi pioneira na transmissão via satélite (Intelsat III) e, em 1969, colocou no ar, ao vivo, para todo o Brasil o Jornal Nacional. O programa apresentava reportagens de grande impacto sobre os acontecimentos nacionais e internacionais, alcançando todo o território nacional.

Foi também nesse período que os aparelhos de TV passaram a ter preços mais populares, o que favoreceu a ampliação do mercado. Além disso, o hábito de reunir a família diante da TV na hora do telejornal começou a se consolidar entre os brasileiros. Em 1969, a TV ainda era em preto e branco e as principais emissoras do Brasil eram: TV Tupi, canal 4 (São Paulo e Rio); Rede Globo, canal 5; TV Cultura, canal 2; TV Record, canal 7; TV

Excelsior, canal 9 e TV Bandeirantes, canal 13. Todas tinham programações apenas no período da tarde e da noite, exceto a TV2 Cultura, que só tinha programação à noite.

Em fevereiro de 1972, a Rede Globo realizou a primeira transmissão em cores da TV brasileira. Transmitiu, com imagens da TV Difusora da cidade de Porto Alegre (RS), a Festa da Uva de Caxias do Sul (RS), com narração de Cid Moreira. O novo formato de transmissão em cores, chamado PAL-M, possibilitou uma nova experiência aos telespectadores.

Com o processo de digitalização das edições e a chegada dos computadores, os editores passaram a ter mais liberdade na hora de editar uma matéria. Agora podiam inserir cortes e efeitos em qualquer parte do vídeo, a qualquer momento, sem perda de qualidade.

A internet e o avanço das tecnologias de comunicação transformaram o mundo e a humanidade, impactando a comunicação em todos os aspectos. Não apenas na maneira de se relacionar e interagir com o mundo ao nosso redor, mas também nos meios de mídia e informação. Os últimos 20 anos foram de grandes transformações para o cinema, o rádio e a televisão. Jenkins (2008) vai tratar dessas renovações em seu livro ‘Cultura da Convergência’, quando explica que a mudança de paradigma dos mercados midiáticos acontece de tempos em tempos, destacando que isso não determina o fim de nenhum desses meios, mas sim uma convergência de meios.

Se o paradigma da revolução digital presumia que as novas mídias substituíssem as antigas, o emergente paradigma da convergência presume que novas e antigas mídias irão interagir de formas cada vez mais complexas. O paradigma da revolução digital alegava que os novos meios de comunicação digital mudariam tudo. Após o estouro da bolha pontocom, a tendência foi imaginar que as novas mídias não haviam mudado nada. Como muitas outras coisas no ambiente midiático atual, a verdade está no meio-termo. (JENKINS, 2008)

Santaella (2003) destaca que tais mudanças tecnológicas têm impacto cultural na sociedade, fazendo emergir novas formas de produção, distribuição e consumo comunicacional. Se aplicarmos a teoria ao cotidiano, observamos que o entendimento do modo de produção de telejornalismo atual é incondicionalmente diferente dos tempos primórdios da TV, que acabava por criar um distanciamento entre suas produções e o público, como se a tela fosse uma barreira irremovível. A TV dos tempos atuais rompe, ano após ano, com os velhos paradigmas e se aproxima cada vez mais do público, o que acaba por fortalecer a credibilidade.

As transformações técnicas e econômicas que atingem as organizações da mídia jornalística ao longo do tempo transformam não apenas a sua organização institucional, suas rotinas de produção e o perfil dos jornalistas, como também a natureza do jornalismo e com isso a identidade sócio-profissional do jornalista. [...] pela necessidade de fornecer o máximo de informações precisas num tempo

cada vez mais comprimido, o jornalista afasta-se da sua condição de mediador crítico, daquele que relata, explica, interpreta e analisa questões de interesse público para a sociedade, contribuindo para a formação da opinião pública. O padrão que parece se delinear é o de um jornalismo basicamente informativo, prestador de serviços, adaptado à lógica capitalista da corporação, um mediador de retórica técnico-objetivista (LIMA; BEZERRA, 2010, p. 9).

A cultura digital propôs ao telejornalismo maior agilidade e mobilidade nos procedimentos de apuração, produção e distribuição. Processo este inicialmente denominado de “Jornalismo Digital”, mas que hoje se dissolveu de tal maneira, que se tornou impossível desassociar o jornalismo “tradicional”, do dito digital.

O jornalismo contemporâneo cada vez mais se alimenta de plataformas móveis tanto para a produção quanto para a difusão de conteúdo digital. Essa tendência está sendo chamada de jornalismo móvel e se caracteriza pelo uso de dispositivos portáteis digitais como celulares, smartphones, PDAs, pendrive, notebooks, câmeras e gravadores digitais e a utilização de conexões sem fio como Wi-Fi, WiMAX, Bluetooth, GPRS, GPS e outro (SILVA, 2007).

Com o avanço das tecnologias, houve uma transformação significativa nos ambientes físicos das redações, nos estúdios de gravação e nos equipamentos utilizados pelos jornalistas. De maneira geral, o telejornalismo se beneficiou da evolução tecnológica para se tornar mais dinâmico e interativo, possibilitando a transmissão simultânea de diferentes locais e a comunicação com correspondentes distantes. Além disso, os equipamentos de captação de imagem em alta resolução (4k, Ultra HD ou ultradefinição) proporcionaram ao telespectador uma experiência mais imersiva e realista, como se fosse uma testemunha ocular dos fatos.

Dentre as transformações, a utilização de smartphones como ferramentas de produção e divulgação de reportagens representou um avanço significativo para o telejornalismo, especialmente durante a pandemia da COVID-19, que impôs restrições à circulação de pessoas e à atividade jornalística. Nesse contexto, houve uma convergência entre as mídias tradicionais e as novas mídias, conforme defendido por Jenkins (2009), levando a uma adaptação do telejornalismo aos novos hábitos dos telespectadores. Esses, por sua vez, deixaram de ser meros receptores passivos de informação para se tornarem colaboradores ativos, enviando sugestões de pautas e até mesmo conteúdo produzido por eles mesmos, como vídeos e fotos capturados com seus smartphones. Esse fenômeno ficou conhecido como Jornalismo Móvel e Colaborativo.

2.2 JORNALISMO MÓVEL E COLABORATIVO

Na linha cronológica da história as tecnologias influenciaram diretamente a reconfiguração das comunicações, a começar pela criação do telégrafo, precursor do jornalismo móvel, que foi um dos principais marcos da inserção dos dispositivos móveis no jornalismo.

Já a chegada dos computadores às redações impôs, mais uma vez, uma transformação às práticas cotidianas do telejornalismo, porém, mudanças ainda mais profundas surgiram com a revolução da segunda geração da internet, também chamada de web 2.0. Possibilitando o telejornalismo a se desprender das limitações do *desktop*, e impactando culturalmente a relação das narrativas telejornalística e a sociedade, revelando novos padrões e possibilidades.

Os diferentes dispositivos móveis como notebooks, laptops, palmtops e celulares, bem como a popularização da internet no início dos anos 2000, alteraram para além do trabalho dos jornalistas, a maneira como a audiência participa da produção da notícia, interagi e consome tais conteúdos. Estreitando a relação público-TV e possibilitando uma maior participação neste ambiente de integração conectada.

Pereira e Moraes (2003) pontuam que a disseminação dos aparelhos móveis estabeleceu novas rotinas produtivas nas redações jornalísticas. Além disso, houve uma redefinição do status profissional do jornalista, que passou a incorporar novas funções e habilidades, como as de repórter fotográfico, rádio-repórter e repórter cinematográfico. Essas transformações foram sendo gradativamente incorporadas às rotinas de produção e difusão da informação.

Nas coberturas ao vivo, tornou-se possível ir além das limitações físicas do estúdio. Um importante marco foi a cobertura da tragédia com a aeronave da antiga companhia TAM Linhas Aéreas, atualmente Latam, em julho de 2007. Após o Airbus A320 derrapar na pista do aeroporto de Congonhas, em São Paulo e colidir com um prédio depósito, também da empresa TAM, causando a morte de 199 pessoas, incluindo 12 em solo, toda a imprensa se mobilizou para cobrir o evento.

Com o auxílio de dispositivos móveis e conexões de internet os jornalistas conseguiam fornecer às redações e portais de notícias informações atualizadas em tempo real, direto do local do acidente. Nas três noites subsequentes ao trágico acidente, o Jornal Nacional foi apresentado por William Bonner a partir de um edifício próximo ao aeroporto, tendo como plano de fundo, o cenário da tragédia.

Esse telejornalismo que extrapola as quatro paredes dos estúdios se alinha a ideia de não-lugar defendida pelo antropólogo Augé (1994) que defende que a “supermodernidade” nos permite desprender-se de ambientes enraizados, antropológicos e tradicionais, fazendo surgir “não-lugares”, que estabelecem suas identidades pela essência, através de presenças essenciais na existência social, não necessitando de uma prioridade fixa de presença e pertencimento.

Apropriando-se a ideia de Augé podemos dizer que este não-lugar em que o telejornalismo móvel se apropriou permitiu uma aceleração do tempo e a virtualização do espaço, ao ir além dos estúdios e das redações e realizar-se para além de onde se está fisicamente e ao mesmo tempo estar em muitos outros lugares.

"Na realidade concreta do mundo de hoje, os lugares e os espaços, os lugares e os não espaços misturam-se, interpenetram-se. A possibilidade do não lugar nunca está ausente de qualquer lugar que seja. A volta ao lugar é o recurso de quem frequenta os não lugares" (Augé, 1994, p.98)

Outra prática favorecida pelo avanço tecnológico é a apropriação de imagens capturadas por câmeras de video-vigilância na construção das narrativas telejornalísticas. Com a popularização dos aparatos eletrônicos, espaços públicos e privados se tornaram uma grande arena vigiada, seja por iniciativas que visam garantir a segurança dos cidadãos ou por outros interesses outros diversos, como coleta de dados para estratégias comerciais. Botello (2010) definiu este fenômeno como um contínuo movimento de vigilância:

(...) a vida das sociedades contemporâneas tornou-se um contínuo movimento entre aparatos eletrônicos que registram as idas e vindas das pessoas: em centros comerciais, bancos, espaços públicos (como parques e avenidas), complexos habitacionais, estádios, hotéis, centros educacionais, estações de metrô, ônibus e, claro – depois dos atentados de 11 de setembro – aeroportos. Nesse sentido, a vigilância sistemática das atividades tornou-se algo trivial (BOTELLO, 2010, p. 18)

2.3 A ESTÉTICA DO CELULAR E A CULTURA DO AMADORISMO

Ao longo dos anos o telejornalismo criou uma relação de cumplicidade com sua audiência. De um lado a imprensa, ao se colocar como representante da sociedade na cobrança e vigilância das instituições públicas e ao dar voz as demandas populares ao relatar seu cotidiano e queixas.

Do outro, a população que se sente parte integrante na produção da narrativa telejornalística, colaborando não apenas com sugestões de pautas, mas na produção e envio

de registros audiovisuais. Elevando o papel da audiência, que antes no máximo participava enviando críticas ou sugestões, através de cartas, telefonemas ou e-mails, a um papel de relevância ativo participante.

Os processos comunicacionais passaram por grandes transformações desde o final do século XX, acompanhando a evolução das tecnologias. A implementação da internet analógica e, mais recentemente, a chegada da internet móvel 5G, favoreceram a popularização do uso da internet e o surgimento de novas formas de jornalismo, como o jornalismo colaborativo, cidadão ou participativo. Embora Monteiro (2015, p.48) destaca que embora a internet tenha potencializando a capacidade de cooperação em rede, esta interação com o telejornalismo já existia por outros meios, como fax¹, telefone e carta. Mas com a difusão da internet a audiência passou a ter um papel ainda mais ativo nas produções telejornalísticas, inclusive incentivado pelos veículos como forma de proximidade com a audiência.

Esta evolução tecnológica não impactou apenas o modo profissional de fazer telejornalismo, ao possibilitar a produção da notícia fora das redações, mas também ampliou a participação da sociedade, que passou a ter um considerável papel de agente participativo direto, ao produzir e enviar captações e imagens "amadoras". E vale ressaltar que entendemos como amador todo o conteúdo audiovisual produzido por não profissionais de jornalismo.

Esses registros passaram a integrar o conteúdo jornalístico ao complementar as narrativas, com perspectivas diferentes e em alguns casos até mais abrangentes aos acontecimentos, um fenômeno que ficou definido como jornalismo móvel, colaborativo, participativo ou cidadão.

Além do uso de imagens de circuitos de segurança, outro recurso que já se tornou habitual nas produções telejornalísticas é a utilização de imagens produzidas por dispositivos móveis, enviadas pela audiência. Ainda que essas captações, muitas vezes, fujam do rigor técnico próprio do jornalismo televisivo, tais imagens, acabam se tornando significativas por seu valor-notícia, assim como definiu Wolf (2003, p.202), devido ao critério de relevância para a noticiabilidade. Afinal, em muitos casos, as imagens amadoras são o único registro dos acontecimentos.

¹ Abreviaturas para o termo latino facsimile, tecnologia das telecomunicações usada para a transferência remota de documentos por meio da rede telefônica

Essas novas formas de ações e interações só foram possíveis em decorrência do avanço da tecnológico e do desenvolvimento dos sistemas de tecnologias digitais que proporcionaram novos tipos de relacionamentos sociais no jornalismo, emergindo audiências ativas, que não devem ser descartadas. Fenômeno que Aguiar e Andrade (2019) definiram como uma complexa reorganização de padrões, um novo arranjo social.

Tanto que em 2017, o âncora e editor-chefe do Jornal Nacional William Bonner surpreendeu aos telespectadores ao quebrar o protocolo do telejornal e adotar uma postura didática para apresentar uma espécie de tutorial² de como gravar vídeos no celular. Com a utilização da hashtag #ficaadica no GC do telejornal, Bonner explicou que para as imagens geradas pelo telespectadores fossem melhor exploradas na televisão o ideal é que o smartphone fosse utilizado na posição horizontal, demonstrando ao segurar um aparelho celular.

Figura 1 - Bonner demonstra uso de celular na horizontal



Fonte: Jornal Nacional (printscreen)

A formação de comunidades, nas quais todos podem gerar e compartilhar informações e conhecimentos, resulta em uma “inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em mobilização efetiva

² Disponível em: <https://www.estadao.com.br/emails/tv/no-jornal-nacional-william-bonner-faz-tutorial-de-como-gravar-video>. Acesso em 05.abr.2022

das competências” (Levy, 2003, p.28). Weissberg destaca ainda a substituição do regime de reprodução pela inovação.

Graças às novas tecnologias de informação e comunicação, os conhecimentos podem circular independentemente do capital e do trabalho. Porém, ao mesmo tempo, esses conhecimentos nascem e se difundem por heterogeneidade (ou seja, ao longo de trajetórias desenhadas por aportes criativos cumulativos, cooperativos e largamente socializados) nos contextos de produção e uso. É por isso que se pode falar a justo título de produção de conhecimento por conhecimentos, o que traduz e denota a ideia de que se passa de um regime de reprodução a um regime de inovação (WEISSBERG, 2003, p.27).

Ao comparar os pensamentos de Weissberg (2003) e Levy (2003), é possível perceber que a cultura colaborativa é fortemente influenciada pela cultura do ciberespaço, que proporciona um espaço de encontros, cooperação e interação entre indivíduos e máquinas.

Ao debruçarem-se sobre esta segunda fase da internet, autores como Jeremy Rifkin (2000) e Chris Anderson (2009) destacam a democratização que este momento propôs. Rifkin definiu este momento como a "Era do Acesso" e Andersen pontua que:

“A consequência de tudo isso é que estamos deixando de ser apenas consumidores passivos para passar a atuar como produtores ativos.(...)O fenômeno se manifesta por toda a parte – a extensão em que os blogs amadores estão disputando a atenção do público com a grande mídia, em que as bandas estão lançando músicas sem selo de gravadora e em que os colegas consumidores dominam as avaliações on-line de produtos e serviços é como se a configuração básica da produção tivesse mudado de “Conquiste o direito de fazê-lo” para “O que o está impedindo de fazer”? (Anderser, 2006, p.57)

Em 'O Culto do Amador: como blogs, Myspac, Youtube e a pirataria digital estão destruindo nossa economia, cultura e valores', Andrew Keen faz uma crítica a celebração do amadorismo fomentada pela internet e chama atenção para o embate divergente entre a produção de conteúdo amador e do conteúdo profissional, a divulgação de fatos versus a publicação de opiniões e a paridade de especialistas e meros leigos entusiastas.

Para Keen, a cultura do amador vai além de livros e música e a Web 2.0 provoca um prejuízo a sociedade ao fragmentar a cultura e causar confusão, ao não deixar claro quais conteúdos são sérios e confiáveis.

Antes da web 2.0, nossa história intelectual coletiva foi conduzida pela cuidadosa agregação de verdades - através de livros profissionalmente editados e materiais de referência, jornais, rádio e televisão. Mas quando toda a informação se torna digitalizada e democratizada, e é tornada universal e permanentemente disponível, a mídia de registro transforma-se numa internet em que a falsa informação nunca desaparece. Em consequência, nosso banco de informações coletadas fica infectado por erros e fraudes. Os blogs estão conectados através de um único link, ou séries de links, a inúmeros outros blogs, e as páginas de MySpace estão conectadas a inúmeras outras páginas de MySpace, que se conectam a inúmeros

vídeos do YouTube, verbetes da Wikipédia e sites da web com diferentes origens e finalidades. É impossível deter a difusão da informação falsa, muito menos identificar sua fonte. Futuros leitores muitas vezes herdam e repetem essa informação falsa, agravando o problema e criando uma memória coletiva profundamente defeituosa. (Keen, 2009, p.74)

Já o filósofo Pierre Lévy, defende que embora seja necessário um senso crítico, a valorização do conhecimento de cada indivíduo é uma possibilidade de crescimento mútuo, onde os indivíduos podem através de uma interação democrática, fomentada pelo ambiente virtual, possibilitar uma importante troca de informações e conhecimento através do ambiente digital, que facilitou a divulgação em larga escala e o debate de ideias, movimento que Lévy chama de inteligência coletiva.

“[...] uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências. E [...] a base e o objetivo da inteligência coletiva são o reconhecimento e o enriquecimento mútuos das pessoas, e não o culto de comunidades fetichizadas e hipostasiadas”. (LÉVY, 2003, p. 28-29)

3. TELEJORNALISMO, TRABALHO E SOCIEDADE

3.1 O NOTICIÁRIO COMO AGENTE SOCIAL

Ao longo dos anos, o telejornalismo se tornou um dos instrumentos mais populares de comunicação de massa, servindo como agente social de transformação, devido ao seu significativo alcance e poder de impacto na opinião pública. Em “Decidindo o que é notícia: os bastidores do que é telejornalismo”, Vizeu (2014) pontua o lugar de destaque que os noticiários televisivos ocupam na vida dos indivíduos, ao passo que constroem uma imagem da realidade, que para muitos, a depender da sua capacidade crítica e intelectual, passa a ser um espelho da realidade.

Wolton (2006) reafirma essa relevância ao pontuar que a TV exerce "um dos principais laços sociais da sociedade individual de massa" (2006, p.135) e não à toa as notícias veiculadas diariamente nos telejornais tem o poder de pautar os temas debatidos em sociedade, além de influenciar os processos na construção das identidades.

A pesquisa 'Inside Vídeo 2023'³, realizada pela Kantar Ibope Media em 2023 aponta o protagonismo da televisão no consumo de vídeo. Alcançando 90,4% na preferência dos

³ Disponível: <<https://kantaribopemedia.com/conteudo/estudo/inside-video-2023/>>. Acesso em 10.mar.2023

brasileiros, bem à frente dos 7,6% dos aparelhos smartphone, apesar da crescente popularização desses aparelhos. Dados que reforçam o pensamento de Vizeu e Correia (2008) ao afirmarem que “os brasileiros acreditam mais na mídia que no governo”.

E assim tem sido nas mais de sete décadas em que os noticiários televisivos fazem parte do cotidiano dos brasileiros com significativa influência na formação da sociedade ao disseminar informações, pautar debates, definir tendências e moldar a opinião pública, sendo a janela para o mundo, defendida por Vizeu (2014):

Entendemos o telejornal como o meio mais simples, cômodo, econômico e acessível para conhecer e compreender tudo o que acontece na realidade e como se transforma a sociedade. A definição, aparentemente simples, esconde uma complexidade. O pressuposto é de que a informação televisiva seja um bem público. (VIZEU, 2014,p.91)

E essa concepção de “bem público” se reflete no relevante papel social que a notícia televisionada exerce, sobretudo em sociedades com pouco acesso à escolaridade e educação, assumindo além de ferramenta na formação de opinião pública, a importante posição de instrumento de formação educacional e de conscientização histórica. Ao comparar com outras culturas, Bucci (1997, p.15) relaciona esse importante papel da televisão para os brasileiros considerando os índices de analfabetismo e subdesenvolvimento da sociedade. Pontuando que a influência da televisão tende a ser maior nas classes menos favorecidas e com baixo índice de escolaridade.

“Se compararmos o Brasil com os países europeus, veremos que aqui não apenas a TV é um hábito mais cultivado e uma referência mais constante, como o poder do veículo (e de cada uma das grandes redes) é incomparavelmente superior” (BUCCI, 1997, p. 15).

Indo mais além, Vizeu e Correia (2007) defendem o telejornalismo como um lugar de referência não apenas intelectual, mas de identificação referencial, o que para muitos se assemelha ao papel da família, dos amigos, da escola ou da religião. Os autores alegam que a mídia hoje é essencial para a vida em sociedade e que os telejornais cumprem uma função de sistematizar, organizar, classificar e hierarquizar a realidade, contribuindo assim para a organização do mundo circundante. E que para tal exercício o questionamento e a avaliação constante são fundamentais.

“Como na Educação, acreditamos que a problematização também ocupa um papel central no Jornalismo. Não é possível se falar em conhecimento do jornalismo sem uma problematização constante das práticas jornalísticas, na função do Jornalismo

de informar. Um outro aspecto importante é a também centralidade do diálogo nos processos jornalísticos de construção do real, o fazer jornalístico é um estar em diálogo”. (VIZEU e CORREIA, 2007, p.10)

Especialmente nos tempos atuais, em que a concorrência da produção de notícias deixou de ser uma exclusividade dos grandes conglomerados de mídia, e a corrida pela atenção da audiência se tornou ainda mais frenética, manter padrões éticos e profissionais é um desafio diário para o telejornalismo, assim como manter a credibilidade diante de uma audiência cada vez mais crítica. Os mitos da imparcialidade e da objetividade hoje em dia já são desmentidos pelos próprios jornalistas e estudiosos da área, como afirma Porcello (2006), que destaca que apesar da responsabilidade imputada ao jornalismo televisivo em manter padrões éticos, tais paradigmas são profundamente utópicos:

"O desafio de quem trabalha nela é escolher certo, com responsabilidade, critério, ética, e, principalmente, honestidade. Existe imparcialidade jornalística? É claro que não. A ótica do jornalista, do cinegrafista, do fotógrafo, do diretor da empresa e dos interesses que ela representa, sempre estarão de algum lado. Objetividade? Muito menos". (PORCELLO, 2006, p.146)

Ao pontuar que TV é edição, recorte e fragmento, Porcello (2006) acaba reforçando a tese de Gomes e Menezes (2008) quanto à objetividade e imparcialidade jornalística, ao defenderem a notícia como uma construção e não como a representação fiel da realidade. Enquanto papel social os autores ainda destacando ainda o caráter de de instituição social do telejornalismo, baseados no olhar de). Para as autoras “pensar o telejornalismo como instituição social implica reconhecer também uma específica concepção de notícia ou de informação jornalística” (Gomes e Menezes, 2008). Em ‘A função pedagógica do telejornalismo: e os saberes de Paulo Freires na prática jornalística’, Cerqueira (2018), ressalta a responsabilidade e o poder do ser jornalista, na produção do conhecimento que impacta diretamente na vida em sociedade.

“Jornalistas (...) precisam se comprometer com seu público, lutando sob qualquer condição de produção e constrangimentos pela manutenção da sua importância e legitimidade, concedida pela sociedade. Para isso, precisam tomar consciência de seu poder; ser rigoroso no seu método de apuração, seleção e apresentação da realidade; pesquisar para evitar equívocos; ser ético e capaz de chamar atenção para o que é importante, ter capacidade e humildade de refletir sobre sua prática, com acertos e erros; estar convicto de que sua luta não é em vão e que há possibilidade de mudança do cenário que é prejudicial à maioria; ter capacidade de apreender a realidade em todas as suas dimensões para evitar injustiças (...) e ter consciência de que se não é educador da maneira formal, produz um conhecimento que ajuda, muda, estimula a vida em comunidade”. (CERQUEIRA, 2018, p.316)

Ao longo da história, o telejornalismo se alicerçou sob a construção de uma ideia de instrumento de legitimação, transformando em lugar-comum a premissa de que "se apareceu na TV, então aconteceu", e tornando passivamente aceito como verdade as informações veiculadas nos telejornais.

Diante desta validação social, o telejornalismo assume a missão de desafiar o *status quo* inclusive na promoção da justiça social, expondo as injustiças e responsabilizando os que estão no poder. Um dos diversos exemplos foi o movimento #MeToo, que se iniciou em 2017, na rede social Twitter, quando uma atriz norteamericana denunciou abusos sexuais e agressões cometidas por poderosos da indústria do entretenimento. Com a repercussão na mídia, dita tradicional, o que era um desabafo pessoal em uma rede social se tornou em uma das grandes campanhas mundiais, chegando a, segundo publicação do UOL⁴, provocar uma reconfiguração na maneira da imprensa cobrir assédios contra mulheres.

E aliado a este caráter fomentador, o telejornalismo também tem o poder de influenciar na criação e divulgação de políticas públicas, como na cobertura do movimento 'Black Lives Matter' ⁵que nos Estados Unidos levou à reforma da lei policial em vários estados e no Brasil gerou uma edição do 'Em Pauta', da GloboNews com apresentador e comentaristas negros compartilhando experiências diante de atitudes discriminatórias que vivenciaram ao longo da carreira.

E assim o telejornalismo ao redor do mundo e especial no Brasil, segue exercendo uma posição de profunda relevância no cotidiano da sociedade e servindo, não somente como fonte de informação e ferramenta para a formação de opinião de grande parte de seus telespectadores, mas também como instrumento educativo e de criação de consciência histórica.

Noticiar grandes catástrofes naturais, graves acidentes, intensas crises políticas e até mesmo guerras fazem parte do dia a dia de um telejornal do século XXI, mas certamente a cobertura de uma pandemia de impacto global foi um episódio histórico, inédito e revolucionário na atividade do telejornalismo, impactando não apenas os profissionais em atividade, mas também o modo de fazer notícia.

⁴ Disponível em < <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2022/10/03/a-relacao-entre-metoo-e-a-imprensa-cinco-anos-apos-as-revelacoes-sobre-weinstein.htm>>. Acesso em 10.mar.2023

⁵ Em tradução livre: vidas negras importam

4. COVID-19 E SEUS IMPACTOS NO TELEJORNALISMO

4.1 BREVE HISTÓRICO: O VÍRUS QUE PAROU O MUNDO

Dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) notifica que em Wuha, província de Hubei, república popular da China, uma série de casos de pneumonia alertavam autoridades.

No Brasil, o primeiro caso de COVID-19 foi confirmado⁶ em 26 de fevereiro de 2020, pelo Ministério da Saúde. Tratava-se de um homem de 61 anos que havia dado entrada no Hospital Israelita Albert Einstein, em São Paulo, no dia anterior, com histórico de viagem recente à Itália, na região da Lombardia. Na Paraíba, o primeiro caso confirmado foi divulgado⁷ no dia 19 de março. Um idoso de 60 anos que havia retornado à Paraíba, no dia 29 de fevereiro, após uma viagem à Europa. No dia 02 de março ele procurou auxílio médico, e o diagnóstico só foi confirmado no dia 18, dezesseis dias depois.

À época, a doença ainda era minimizada pelas autoridades brasileiras, que a consideravam apenas mais uma epidemia respiratória. O Ministro da saúde, em atividade, Luiz Henrique Mandetta, chegou a declarar⁸ que o povo brasileiro iria sair "mais forte do que entrou, com mais capacidade de reagir a essas situações" e que a COVID-19 seria "mais um tipo de gripe que a humanidade vai ter que atravessar. Das gripes históricas com letalidade maior, o coronavírus se comporta à menor e tem transmissibilidade similar a determinada gripes que a humanidade já superou".

A primeira morte por COVID-19, confirmada⁹ no Brasil, aconteceu em 12 de março. A vítima era uma mulher, de 57 anos, da cidade de São Paulo. Já na Paraíba, o primeiro

⁶ Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/26/casos-de-coronavirus-no-brasil-em-26-de-marco.ghtml>. Acesso em 10.mar.2023

⁷ Disponível em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/03/19/primeiro-caso-de-coronavirus-na-paraiba-levou-16-dias-para-ser-confirmado-apos-suspeita.ghtml>. Acesso em 11.

⁸ <https://www.gov.br/pt-br/noticias/saude-e-vigilancia-sanitaria/2020/02/brasil-confirma-primeiro-caso-do-novo-coronavirus>

⁹ <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/06/27/primeira-morte-por-coronavirus-no-brasil-aconteceu-em-12-de-marco-diz-ministerio-da-saude.ghtml>

óbito decorrente da COVID-19 foi divulgado ¹⁰em 31 de março de 2020, era um homem de 36 anos, que residia no município de Patos, sertão paraibano.

Nos meses seguintes, o mundo, o Brasil e a Paraíba vivenciaram um fenômeno histórico, que impôs distanciamento e isolamento social, esvaziou ruas, parou cidades, fechou comércios e dizimou centenas de vidas, tal como uma produção hollywoodiana de ação e muito terror.

Diante deste cenário insólito, a recomendação repetida exaustivamente, durante meses seguidos, era: “fique em casa”. Porém, alguns serviços considerados essenciais não puderam atender os decretos sanitários de restrição à mobilidade. Obrigando alguns profissionais a continuarem se expondo ao risco eminente. Médicos, enfermeiros, policiais, entre outros, precisaram se colocar em linha de frente, ante a uma população assombrada e completamente vulnerável. Os jornalistas integraram essa lista e tiveram muitos desafios, que incluíam desmentir o negacionismo e a desinformação propagada pelos representantes do Governo Federal, da época, e conter uma verdadeira “infodemia”, que segundo estudo¹¹ da agência UNESCO (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization) unia falsas notícias, produzidas e compartilhadas com motivação maliciosa e desinformação, mentiras disseminadas sem intenção maliciosa, em uma avalanche ainda mais destrutiva diante da velocidade de propagação e potencialidade de alcance da rede mundial de computadores.

O secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, chegou a declarar que “nosso inimigo (além da COVID-19) também é o crescente aumento da desinformação. No Brasil, uma Comissão Parlamentar de Inquérito chegou a classificar o então presidente Jair Méssias Bolsonaro como “líder e porta-voz” ¹²das fakes news no país e descreveu uma “organização oculta e complexa”, chefiada pelo presidente da República e por seus filhos, criada para espalhar notícias falsas sobre a COVID-19, no Brasil.

‘A partir da divulgação dos primeiros casos da COVID-19, a maior parte dos habitantes do planeta tiveram suas rotinas cotidianas alteradas. E não foi apenas no Brasil que as medidas

¹⁰ <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/03/31/paraiba-registra-primeira-morte-por-covid-19-diz-ses.ghtml>

¹¹ https://en.unesco.org/sites/default/files/unesco_covid_brief_es.pdf

¹² <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-10-20/bolsonaro-e-lider-e-porta-voz-das-fake-news-no-pais-diz-relatorio-final-da-cpi-da-pandemia.html>

sanitárias para mitigar a proliferação do coronavírus SARS-CoV-2 impactaram diversos setores da sociedade.

Em diversos países do mundo o cenário era o mesmo: superlotação de hospitais, espaços públicos como praias e parques ganharam barreiras e fiscalização para que não recebessem visitantes. Escolas suspenderam suas atividades presenciais, obrigando estudantes e professores a se adaptarem ao ensino remoto, ruas ficaram vazias, comércios fecharam suas portas e precisaram se adequar às vendas online e as entregas delivery. Shows, atividades esportivas, eventos sociais e reuniões familiares foram proibidas. Rotinas profissionais ganharam novos formatos, com o escalonamento de funções, diminuição de carga horária e salários e até mesmo adoção do *home-office*, obrigando os profissionais a trabalharem em seus ambientes domésticos.

E à medida que os casos de morte foram aumentando, os cuidados foram se intensificando ao ponto de em alguns lugares do mundo, inclusive no Brasil, as autoridades decretarem a manobra que ficou conhecida como *lockdown*, que compelia as pessoas a adotarem o isolamento social, convivendo apenas com familiares e saindo de casa apenas para o necessário.

Como forma de mitigar esse isolamento social, a tecnologia e a internet passaram a ser cada vez mais utilizadas. Artistas passaram a realizar seus shows através de transmissões ao vivo na internet, as aulas de escolas e faculdade, além das reuniões de trabalho e familiares passaram a acontecer através de ferramentas de videoconferência, seja pelo computador, seja pelos aparelhos de *smartphone*. O uso de aplicativos de interação audiovisual apresentou um crescimento estrondoso e passou a fazer parte do que ficou conhecido como "novo normal".

Nos primeiros meses de 2020, após a confirmação do primeiro caso de COVID, de acordo com levantamento divulgado pela Microsoft¹³, a ferramenta Skype registrou um aumento de 70% nos usuários, enquanto o Zoom¹⁴ cresceu de 10 milhões para 300 milhões de usuários mundiais e as videochamadas utilizando a ferramenta Teams¹⁵ cresceram o recorde de 1000%, contabilizando 2,7 bilhões de minutos de reunião em apenas um dia. O réveillon de 2020, foi marcado pelo aumento de chamadas de áudio e vídeo no Whatsapp¹⁶,

¹³ <https://news.microsoft.com/pt-br/features/apresentando-as-novas-assinaturas-pessoal-e-familiar-do-microsoft-365/>

¹⁴ <https://blog.zoom.us/pt/reflecting-looking-ahead/>

¹⁵ <https://news.microsoft.com/pt-br/relatorio-de-tendencias-de-trabalho-remoto-reunioes/>

¹⁶ <https://about.fb.com/news/2021/01/new-years-eve-celebration-stats/>

somente na madrugada do dia 31 de dezembro foi registrado um aumento de 50% nas chamadas do aplicativo, foram 1,4 bilhões de chamadas, o maior número de ligações em um único dia. Impactos que também alcançaram a prática diária do telejornalismo.

4.2 TELEJORNALISMO E A COVID-19

Presente no cotidiano da sociedade, o papel de agente social do jornalismo se fez ainda mais essencial no enfrentamento da pandemia da COVID-19. Os profissionais de jornalismo precisaram revisitar profundas reflexões quanto ao fazer jornalístico, diante de um cenário global de caos e incertezas, associado a uma avalanche diária de desinformação, com notícias falsas, replicadas a cada novo segundo, através das plataformas digitais e fomentadas por uma polarização beligerante ideológica e política local, que regia o Brasil.

Se a ciência e a pesquisa apontam que distanciamento e isolamento social são as estratégias adequadas para o enfrentamento da doença causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, o jornalismo amplia horizontes, permitindo entre outros aspectos, o acesso às informações confiáveis e capazes de reduzir incertezas e garantir o exercício da cidadania. Assim, as telas de televisão, computadores e outros dispositivos podem, com o trabalho dos jornalistas, aproximar cidadãos, tornando-se espaço para diferentes vozes, sons e imagens, tanto mais plurais quanto maior o espaço democrático, este também tecido e narrado pelo jornalismo. (COUTINHO, 2020, p.7)

Durante o mês de abril de 2020, grupos de pesquisas da Universidade Federal do Espírito Santo realizaram a pesquisa: Comunicação e informação num contexto de pandemia e isolamento social¹⁷, que revelou um aumento do consumo do jornalismo e das diversas mídias, durante os primeiros meses de pandemia. A pesquisa consultou 831 pessoas de 24 estados brasileiros, além de brasileiros que vivem em outros países, e 75,1% dos entrevistados declaram buscar informações sobre a pandemia diariamente, enquanto 21,8% disseram se informar algumas vezes por semana, enquanto apenas 0,8% disseram não buscar informações sobre a pandemia. Entre as mídias mais consumidas, estão a televisão (73,41%) e os veículos online (65%) consumidos conjuntamente, além das plataformas digitais, como Whatsapp (34,42%) e o Facebook (25,15%).

No Brasil, a crise da COVID-19 ganhou contornos ainda mais caóticos para os jornalistas, que tiveram que lidar com inúmeras tentativas de descredibilização do jornalismo, por parte da população incentivada pelo presidente da época, Jair Messias

¹⁷ Disponível em: < https://www.ufes.br/sites/default/files/anexo/comunicacao_coronavirus-ufes.pdf > , acesso em 13. abr. 2022.

Bolsonaro. No início de 2020, durante os primeiros meses da pandemia, a Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) realizou um monitoramento de ataques contra o jornalismo por parte do Presidente da República, Jair Bolsonaro e divulgou o registro de 245 ocorrências, sendo 211 categorizadas como descredibilização da imprensa, 32 ataques pessoais a jornalistas e 2 ataques contra a Fenaj, somente no primeiro semestre do ano.

No ano seguinte, 2021, um novo relatório desenvolvido pela Fenaj, com o título da ‘Violência contra Jornalistas e Liberdade de Imprensa no Brasil’, revelou que o presidente da República representou o principal agressor da imprensa, responsável por 147 casos de agressão registrados, o que representou o total de 34,19% de todo o estudo. Em sua atuação diante da pandemia, Jair Messias Bolsonaro não apenas agrediu verbalmente profissionais da imprensa, como também atacou a credibilidade da imprensa e incitou seus apoiadores a descumprirem as medidas sanitárias, acreditando e propagando notícias falsas e informações inverídicas sobre a doença.

Em meio a uma pandemia, a produção de *fake news* e a desinformação chancelada pelo Chefe do Poder Executivo do país não apenas influenciou a opinião pública como, diante de uma circunstância calamitosa, ameaçou sobretudo a vida de muitos ao minimizar a gravidade da doença, desconsiderando seus danos, incentivando medidas contrárias às recomendadas pelos órgãos mundiais de saúde e incentivando a automedicação com tratamentos ineficazes.

Do outro lado, o jornalismo enfrentava uma missão diante da ausência de dados oficiais do próprio Ministério da Saúde sobre o número de vítimas e óbitos decorrentes da COVID-19. E em resposta a essa falha de comunicação, em 8 de junho de 2020, as empresas de comunicação Globo, G1, Extra, Estadão, Folha e UOL se uniram para criar um consórcio de apuração de dados, iniciativa inédita na imprensa brasileira¹⁸. Beneficiando a parcela da população que buscava notícias verídicas e confiáveis. Já que diante de um cenário de pandemia global, o jornalismo assumiu um relevante papel em dar voz à ciência e orientar a população.

"O surto de coronavírus envolveu o reconhecimento do jornalismo como uma instância essencial nas sociedades do século XXI. Neste caso, os dados, tanto sobre o consumo quanto sobre a avaliação da credibilidade da cobertura jornalística, reafirmam a alta relevância social do sistema mediático no nosso mundo em momentos críticos." (CASERO-RIPOLLÉ, 2020, p.9)

¹⁸ Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/08/veiculos-de-comunicacao-formam-parceria-para-dar-transparencia-a-dados-de-covid-19.ghtml>>, acessado em 03.dez.2022

E para cumprir este papel social, os jornalistas, assim como os profissionais da saúde e tantas outras categorias de serviços essenciais, precisaram se colocar em linha de frente, e por consequência expor-se e desafiar-se a uma nova realidade estressora, cercada de inseguranças e preocupações, que os deixou ainda mais expostos, para além do estresse já vivenciado no cotidiano da profissão.

Como numa engrenagem, sendo o telejornalismo um trabalho puramente coletivo, há um longo percurso na linha de produção que se estende da apuração até a transmissão ou distribuição das notícias, ao seu destino final. Ciclo que só é possível com o trabalho de personagens, muitas vezes anônimos, mas essenciais no ofício de informar.

Logo que os protocolos sanitários de segurança e saúde foram divulgados, uma das principais recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS) foi o distanciamento social, atingindo drasticamente as relações humanas e os costumes em sociedade. Estar na rua, enquanto a palavra de ordem era ficar em casa, tornou o ofício do jornalista ainda mais desafiador. Estar em contato com outras pessoas, e no caso dos repórteres ainda mais, por visitarem diferentes lugares durante o dia, impôs ao jornalista uma ressignificação do que antes era uma rotina cotidiana, em uma missão diária, com protocolos e cuidados literalmente vitais, devido à alta exposição aos riscos de contaminação.

Em junho de 2021, o Grupo Globo lançou a campanha "Fatos e Pessoas" que mostrava em filmes curtos, o dia a dia dos jornalistas, as relações familiares e os bastidores que nem sempre o público tem acesso.

Com o avançar dos casos da pandemia, passou a ser visível na tela as diversas alterações sofridas pela produção diária do telejornalismo, a começar pela ausência de entrevistados no estúdio, o uso de máscaras pelos repórteres e de dois microfones para as entrevistas externas, sendo um com canopla para o repórter e outro sem a canopla, para o entrevistado, entre outras mudanças que visavam minimizar a exposição dos profissionais ao risco de contaminação.

Psicologicamente, os impactos dessa exposição a este cenário de medo e insegurança ainda estão sendo analisados. A pesquisa "O risco de quem comunica o risco: percepções de jornalistas brasileiros durante a pandemia de COVID-19" proposta pelo Instituto Fiocruz e ainda em andamento, é um exemplo destes estudos, que busca avaliar a percepção de jornalistas brasileiros sobre a COVID-19 e em paralelo desenvolver um panorama sobre os processos de trabalho desenvolvidos durante a pandemia.

Para além desta atmosfera de insegurança, medo e ameaças, os jornalistas ainda

tiveram que enfrentar duas outras inseguranças causadas pelos altos índices de demissões no setor. Em julho de 2020, a Fenaj divulgou um levantamento que apontou que 3.930 profissionais jornalistas que trabalham em regime de CLT, nas bases de 16 Sindicatos do país, tiveram redução de salário e de jornada durante a pandemia. Outros 81 jornalistas tiveram seus contratos de trabalho suspensos e 205 foram demitidos, sendo 39 deles na Paraíba.

5. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo se configura como uma pesquisa científica de natureza original, empírica e exploratória de abordagem quanti-qualitativa. Tem sua motivação na relevância do tema e no percurso acadêmico da pesquisadora, que já se debruça no estudo dos impactos das tecnologias no jornalismo desde a graduação, tendo realizado especializações em telejornalismo e comunicação digital, além de atuar profissionalmente há dezessete anos na área. Para além disso, também se destaca a importância do tema da pandemia da COVID-19 por se tratar de um momento historicamente relevante no século XXI, sem precedentes na humanidade, e que portanto merece ser documentado para o entendimento de futuras gerações, servindo de indicação para estudos futuros.

A hipótese que orienta esta pesquisa é a de que, em decorrência do cenário de restrições impostas pela pandemia da COVID-19, o telejornalismo precisou desenvolver meios para adaptar-se às limitações e protocolos de segurança, ajustando sua produção diária com estratégias e ferramentas que, mesmo com o fim da emergência global da doença, foram incorporadas em sua rotina produtiva. Como percurso adotamos a metodologia da análise de conteúdo com a combinação de demais procedimentos complementares, estruturando a pesquisa em três etapas. Inicialmente com a realização de estudos preliminares através de uma pesquisa de caráter bibliográfico concentrando em quatro eixos temáticos: 1) as transformações na produção telejornalística diante das tecnologias, 2) a relação do telejornalismo com a sociedade e as relações de trabalho e 3) os impactos da COVID-19 na rotina diária do telejornalismo. Com o propósito de contribuir para a construção de uma contextualização, como definido por Fonseca (2002) que argumenta a pesquisa bibliográfica como aquela

(...) realizada a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta. (FONSECA, 2002. p.32)

Na segunda etapa, de caráter exploratório e analítico, nos concentramos na observação de um recorte de dois produtos telejornalísticos do grupo Globo, sendo um de abrangência nacional e outro local: ‘Jornal Nacional’ e do ‘Bom Dia Paraíba’.

O Jornal Nacional, também conhecido como JN, é um noticiário brasileiro exibido nacionalmente pela Rede Globo, desde 1969. Com transmissão de segunda à sábado, às

20h30, e duração média de 40 a 45 minutos, podendo ter menor duração nas edições aos sábados. Primeiro telejornal transmitido em rede, segue sendo o principal telejornal em rede da Globo, conta com um alcance de 99,7%¹⁹ do território nacional.

Atualmente apresentado por Renata Vasconcellos e William Bonner, que também exercem os papéis de editora-executiva e editor-chefe, respectivamente. Aos sábados, o Jornal Nacional recebe um revezamento de outros apresentadores que se alternam na apresentação do noticiário. Exibido no chamado horário nobre da televisão brasileira, o Jornal Nacional é considerado o principal telejornal em audiência e repercussão no país, referência para os demais telejornais, sendo também o mais longo do país.

Já o matutino Bom Dia Paraíba (BDPB) em exibição desde 1983, é produzido pelas TV Cabo Branco e Paraíba, afiliadas da Rede Globo, respectivamente em João Pessoa e Campina Grande, e segue os padrões do Bom Dia Brasil, de exibição nacional, com algumas peculiaridades, como quadros diários que conferem maior leveza ao primeiro telejornal do dia, transformando-o em uma revista eletrônica com um tom mais informal.

O Bom Dia Paraíba (BDPB), apresentado pela jornalista Denise Delmiro, com eventuais substituições quando necessário, é transmitido de segunda a sexta-feira, das 6h às 7h30. Durante o período mais crítico da pandemia da COVID-19, o telejornal, assim como toda a programação jornalística, foi estendido por mais uma hora, chegando até às 8h30. A produção de um noticiário com 2 horas e meia de duração, especialmente em um período crítico de limitações, foi um desafio e tanto para toda equipe. Especialmente em um momento de isolamento e distanciamento social, que limitou as possibilidades de trabalho dos jornalistas e exigiu transformações na maneira de produzir e enxergar o telejornalismo.

A escolha puramente intencional de dois diferentes produtos telejornalísticos, se deu por entendermos a necessidade de compreender como tais práticas e estratégias se deram em diferentes formatos. Sendo o ‘Jornal Nacional’, um telejornal de âmbito nacional, de formato tradicional de bancada, exibido no horário da noite, e o ‘Bom Dia Paraíba’, um noticiário local matinal, com formato de revista eletrônica, portanto menos formal, e com exibição estadual pela TV Cabo Branco, afiliada da TV Globo, apontado em pesquisa²⁰ como líder

¹⁹ Atlas: 2015

²⁰ Pesquisa divulgada em junho de 2022, disponível em:

<https://redeglobo.globo.com/tvcabobranco/comercial/noticia/kantar-ibope-lider-absoluta-tv-cabo-branco-tem-129percent-mais-audiencia-que-streamings.ghtml>, acessado em 12.dez.2022

de audiência por anos consecutivos, além de ser o maior telejornal, em tempo de duração, na Paraíba.

Concentramos nossa análise em uma amostra proposital composta por um corpus de 16 (dezesesseis) edições, sendo 8 (oito) do ‘Jornal Nacional’ e 8 (oito) do ‘Bom Dia Paraíba’, divididas em períodos equivalentes, iniciando propositalmente no dia 26 de março de 2020, data que marca um mês após a comprovação do primeiro caso de COVID-19 no país, e seguindo com datas escolhidas arbitrariamente, compondo a amostra com as seguintes datas: 25/09/2020, 31/03/2021, 30/09/2021, 28/03/2022, 28/12/2022, 15/03/2023 e se encerrando em 05/05/2023, data em que a OMS declarou o fim da emergência global da COVID-19. Na análise destas edições consideramos todos os produtos jornalísticos veiculados, entre eles: telereportagens, links, notas (peladas/secas ou cobertas), entrevistas ao vivo, análise de colunistas e previsão do tempo.

A partir de então concentrou-se em assistir todo o material audiovisual selecionado, mapeando os formatos de conteúdo jornalístico, com foco na dinâmica das reportagens e entrevistas, bem como nas práticas aplicadas, apoiados no entendimento de Bardin (2016, p.38) que propõe a análise das comunicações utilizando um conjunto de técnicas de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens.

Sendo assim, realizamos as três fases propostas pelo autor, baseadas na pré-análise; exploração do material e tratamento dos resultados, inferências e interpretações. Por meio de análise empírica, identificamos seis padrões recorrentes, utilizados com frequência durante o período de amostra, com os quais montamos nossas seis categorias de análise: 1) entrevistas gravadas com o celular, pelos entrevistados; 2) imagens de apoio gravadas com o celular, pelos entrevistados; 3) entrevistas gravadas através de videochamadas; 4) entrevistas ao vivo através de videochamadas; 5) uso de máscaras pelos repórteres e 6) uso de microfone auxiliar em entrevistas. Categorias que trataremos nesta pesquisa como “novos recursos”, em comparação aos “recursos tradicionais”, já institucionalizados pelo telejornalismo.

Para ter acesso às edições já exibidas do ‘Jornal Nacional’ e do ‘Bom Dia Paraíba’, foi utilizada a tecnologia de TV sob demanda (*TV on demand*), que permite o acesso às edições completas do ‘Jornal Nacional’ e trechos do ‘Bom Dia Paraíba’ por meio de uma assinatura paga ao aplicativo de streaming da Rede Globo, Globoplay. Embora a assinatura paga facilite o acesso, tanto os vídeos na íntegra quanto os disponibilizados em trechos são precedidos por publicidades, o que demandou muito tempo da pesquisa.

Cada edição do ‘Bom Dia Paraíba’ possui uma média de 26 trechos e em cada um desses trechos são exibidos de duas a quatro publicidades. Portanto, para assistir a cada edição completa, é necessário assistir uma média de 100 vídeos publicitários com 5 segundos de duração. Considerando que foram analisados o total de 201 trechos nas oito edições, isso representa mais de 800 vídeos publicitários.

Já na terceira etapa da pesquisa realizamos entrevistas estruturadas e semiestruturadas, definidas por Gil (2008) como uma técnica de pesquisa em que o investigador se apresenta diante do investigado e lhe formula perguntas, objetivando a obtenção de dados de interesse à investigação. Para o autor, a entrevista é, portanto, uma forma de interação social, uma forma de diálogo assimétrico, em que uma parte tem o objetivo de coletar dados e o outro serve como fonte de informação.

A entrevista informal é recomendada nos estudos exploratórios, que visam abordar realidades pouco conhecidas pelo pesquisador, ou então oferecer visão aproximativa do problema pesquisado. Nos estudos desse tipo, com frequência, recorre-se a entrevistas informais com informantes-chaves, que podem ser especialistas no tema em estudo, líderes formais ou informais, personalidades destacadas, etc. Também se recorre a entrevistas informais na investigação de certos problemas psicológicos, onde é importante que o pesquisado expresse livre e completamente suas opiniões e atitudes em relação ao objeto de pesquisa, bem como os fatos e motivações que constituem o seu contexto. Nestes casos, a entrevista informal é denominada entrevista clínica ou profunda e, em algumas circunstâncias, não dirigida. (GIL, 2008, p.111)

Desta maneira, realizamos entrevistas com quatro profissionais do ‘Bom Dia Paraíba’, aqui identificados através de suas funções: editora, âncora, repórter 1 e repórter 2, seguidas da sigla do telejornal ‘BDPB’. Para realizar estas entrevistas, que ocorreram entre julho e dezembro de 2021, ainda no período de isolamento social, utilizamos a plataforma *Google Meet*, através de videochamadas com duração média de 1 hora. Sempre iniciando com a autorização dos entrevistados para a captura e gravação de imagem e áudio, para posterior transcrição.

Durante esta etapa, alguns percalços foram enfrentados, o primeiro deles se deu pela dificuldade no uso da tecnologia. Na entrevista com o repórter 1, por exemplo, precisamos realizá-la duas vezes. Na primeira ocasião, a ferramenta usada para capturar e gravar a entrevista não capturou o áudio da entrevista, impossibilitando o uso do material obtido. Com a compreensão e disponibilidade do entrevistado, realizamos uma segunda entrevista. Entretanto, ao regravamos, mesmo aplicando as mesmas perguntas, as respostas do entrevistado foram diferentes, o que acabou representando um prejuízo no conteúdo.

Uma outra consideração importante a ser feita é que, embora as perguntas buscassem respostas mais técnicas quanto às práticas do cotidiano profissional de cada jornalista, por se tratar de um momento atípico e que envolvia não apenas o lado profissional, mas também os indivíduos enquanto pessoas, foi possível perceber por vezes que as respostas se tornaram relatos pessoais. O que é compreensível ante o período de tensão e sobrecarga emocional que o momento representava para os profissionais, fazendo com que as entrevistas servissem, em alguns momentos, como instrumento de catarse.

Quanto à entrevista com a equipe do ‘Jornal Nacional’, as dificuldades ficaram a cargo das restrições e exigências da equipe do telejornal que não costuma autorizar seus profissionais a concederem entrevistas. Por isso, a única entrevista autorizada foi com um dos produtores com mais de 10 anos de atuação no JN, aqui também identificado pela função e telejornal: produtor JN. Além disso, a entrevista precisou ser realizada através de questionário com perguntas previamente formuladas e enviadas por e-mail, no dia 24 de outubro de 2022, que só foram respondidas mediante a aprovação do editor-chefe, em 07 de fevereiro de 2023. As respostas, em sua maioria sucintas, foram encaminhadas também através de e-mail, o que acabou limitando a possibilidade de maiores questionamentos e aprofundamento nas práticas do noticiário nacional.

6. ANÁLISE

6.1 O TELEJORNALISMO DO JORNAL NACIONAL E DO BOM DIA PB NA PANDEMIA

Por efeito da pandemia, o telejornal atribuiu a sua missão diária, mais uma: o de “preservar vidas”, ao combater a desinformação, dando voz ao trabalho da ciência através da divulgação de informações com responsabilidade, devidamente checadas e apuradas. Porém, diante do perigo iminente de uma pandemia global, o exercício do telejornalismo precisou se adaptar às limitações impostas pelo isolamento social, revelando assim novas maneiras de produzir notícias para a televisão.

E exatamente com o objetivo de compreender como se deu essa estratégia de produção jornalística, entre os anos de 2020, 2021, 2022 e 2023 realizamos um estudo comparativo entre 16 edições de telejornais, sendo 8 do Jornal Nacional, 6 horas de conteúdo, e 8 do regional, Bom Dia Paraíba divididos em 197 trechos que contemplaram matérias, entrevistas, notas cobertas e outros formatos, nos quais foi possível constatar significativas mudanças nas práticas e estratégicas, logo nos primeiros meses, com a confirmação dos primeiros casos no Brasil, e o início das primeiras medidas de segurança sanitária.

Enquanto a sociedade era mobilizada a permanecer em casa e as informações abarrotavam as redes sociais na internet e não havia espaço para outras pautas nos telejornais ao redor do mundo, grande parte das equipes do JN e do BDPB permaneceu trabalhando presencialmente, com algumas poucas exceções de profissionais com comorbidades, considerados públicos de maior risco que foram submetidos ao trabalho remoto, experiência inédita para grande parte deles.

Assim como para muitos da geração atual, a pandemia da COVID-19 foi a primeira experiência de uma pandemia global. Talvez, isto explique porque, nas entrevistas realizadas com profissionais envolvidos nos dois telejornais é possível perceber uma unanimidade sobre a incredulidade com o fato de estarmos diante da maior crise sanitária dos últimos tempos. Os relatos dão conta que grande parte dos profissionais acreditavam que a doença ficaria concentrada na China ou que até poderia chegar ao Brasil, mas por consequência do clima, não imaginavam que tomaria a proporção que chegou, muito menos, poderiam esperar pela devastação causada. Sendo assim, as medidas e estratégias adotadas para continuar

colocando os telejornais no ar foram sendo desenvolvidas com o passar dos dias, enquanto os números apresentava o real cenário.

Para a Editora BDPB (2022), diante deste contexto inédito, o procedimento inicial foi não focar na situação “incógnita e temerosa” evitando assim que o medo os paralisassem, enquanto profissionais, já que, em suas palavras “não havia tempo para se desesperar”. A orientação passada por ela à equipe era de não concentrar o pensamento na situação e no medo, mas, na medida do possível, agir naturalmente para conseguir seguir trabalhando e informando a população.

Para a Âncora BDPB (2022), a chegada da doença no Brasil, e mais ainda na Paraíba, também foi uma surpresa. Uma vez que no início de fevereiro de 2020, quando já se falava dos primeiros casos na China, ela viajou para o exterior, passando por alguns países e ambientes de aglomeração, como aeroportos e pontos turísticos. E somente ao retornar ao Brasil, constatou o perigo que correu estando tão exposta ao vírus

“Foi muito apocalíptico. (...) Chegar na redação e a metade do povo estar em casa, porque eram grupo de risco. Ter pouquíssimas pessoas, pra pensar no jornal. Só a gente ali e eu pensava: Meu Deus, será que eu vou morrer aqui? Eu só pensava na minha mãe. (...) Eu vou morrer aqui, longe da minha mãe? Isso passava muito na minha cabeça”. (ÂNCORA BDPB, 2022)

Já para o Repórter 1 BDPB (2022), os primeiros momentos, quando os casos começaram a ser noticiados em outros países, foi encarados com incredulidade, ele chegou a acreditar que, por ser o Brasil um país tropical, o vírus não se comportaria da mesma maneira que em países mais frios, e por isso se manteve otimista até começarem a surgir os primeiros casos brasileiros confirmados. E ainda assim, devido à rotina jornalística do dia-a-dia, continuou sem dimensionar a magnitude da situação, o que somente aconteceu quando passou a perder pessoas conhecidas.

Para Repórter 2 BDPB (2022), ainda com as informações dos primeiros casos no Brasil o otimismo prevalecia, para o jornalista o isolamento social não passaria de 15 dias e o primeiro *lockdown* resolveria a questão, mas com o crescimento dos casos, especialmente com pessoas próximas, ele passou a compreender a seriedade do momento.

"No começo era meio distante, né? A gente não conhecia, a gente sabia que havia morrido alguém aqui, alguém estava doente ali, um famoso que está internado por que está doente, mas depois passou a ser pessoas que a gente conhecia e aí foi quando caiu a ficha de que a doença estava entre nós de fato." (REPÓRTER 2 BDPB, 2023)

Com tudo, as mudanças na rotina jornalísticas acabaram sendo inevitáveis, exigindo não apenas um controle emocional por parte dos profissionais, mas também uma nova rotina exaustiva de protocolos e cuidados, além da criatividade e da readaptação ao uso das tecnologias e das novas práticas e ferramentas.

"A gente passou a ter uma preocupação maior em pautar, o que pautar e como pautar, a gente tinha que perguntar as pessoas se elas tinham algum sintoma de COVID, se estavam adoecendo, a gente sabia que não podia ir pra frente, pra entrar nos locais de atendimento, nos locais de testagens, a gente se preocupava em fazer muito de longe, principalmente na época de pico maior. (...) E a gente não podia colocar a equipe dentro, nem na porta porque se não corria o risco da equipe se contaminar, então fazia de longe, fazia do outro lado da rua, pra que a gente pudesse dar a informação, mas a preocupação principal era que ninguém da equipe se contaminasse." (EDITORA BDPB, 2022)

De fato, o senso de responsabilidade com o ofício do jornalismo e o comprometimento em serem divulgadores de informação verificada é perceptível na fala de todos os profissionais entrevistados. Para o Repórter 1 BDPB (2022) inclusive o momento significou um importante fortalecimento da profissão.

A minha opinião é que antes da pandemia, o jornalismo estava sofrendo um ataque muito forte porque qualquer pessoa que se dissesse portadora de notícias numa rede social ou num canal de Youtube, ela tava ganhando talvez tanta dimensão quanto qualquer rede de televisão apenas por se tratar de uma informação que se viesse num formatozinho bonitinho, todos se apropriavam daquilo como verdade. E eu acredito que principalmente nesse período do pós-pandemia a gente vai ter um fortalecimento do jornalismo profissional, por que as *fake news* circularam e circulam aí a todo vapor, mas uma a uma foram derrubadas. A gente vai ter um fortalecimento do trabalho jornalístico profissional, de verdade, bem checado, com responsabilidade, sem pressa pra dar em primeira mão. (REPÓRTER 1 BDPB, 2023)

Entre os desafios, o Repórter 2 BDPB (2022) destacou a imposição da distância, fazer telejornalismo sem contato presencial parecia algo inimaginável no exercício diário de um repórter, primordialmente por ser em sua essência uma atividade coletiva e realizada através da interação entre as partes. "A gente trabalha ouvindo pessoas, (...) e informa por meio de informações que a gente colhe das outras pessoas".

O trabalho remoto, imposto por esse distanciamento, possibilitou a produção de conteúdos diante de um cenário de limitações, ao mesmo tempo que também suprimiu a atividade jornalística ao delimitar a produção do repórter. Um impacto também pontuado pelo Repórter 2 BDPB.

. (...) Cheguei a fazer uma ou duas matérias de casa, o que pra mim foi horrível, porque é muito difícil você fazer uma reportagem com um material pré-definido, com a entrevista que uma outra pessoa gravou, então você vai ter uma dúvida que não foi gravado, você gostaria de fazer uma pergunta que não foi feita e o entrevistado não está mais disponível, porque foi um vídeo que ele mandou anteriormente. (REPÓRTER 2 BDPB, 2022)

Semelhantemente, no cenário nacional, o Produtor do JN, destacou o caráter desafiador que a pandemia da COVID-19 exigiu da equipe, mobilizando uma força tarefa para que o jornal continuasse indo ao ar, prestando o serviço de informar a sociedade sem deixar de lado os cuidados com a saúde. “Foi um grande esforço da equipe, que teve que seguir normas sanitárias rígidas estabelecidas pela direção”. (Produtor JN, 2022)

Um verdadeiro ritual de cuidados e higiene foi integrado ao dia-a-dia de todos os funcionários, tanto para a permanência na redação quanto nas gravações externas. E, em qualquer sinal de contaminação, os profissionais eram isolados, testados e acompanhados pelo departamento médico da empresa e demais responsáveis.

Todos os postos de trabalho tinham à disposição material de limpeza e esterilização de computadores e teclados. Os profissionais que ficaram na redação tiveram que obedecer a um distanciamento mínimo, mantendo o posto de trabalho ao lado vazio. Ao menor sinal de sintoma gripal, eram imediatamente afastados, testados e avaliados pelo RH, departamento médico e Jornalismo. (PRODUTOR JN, 2022)

Na Paraíba, a nova rotina de cuidados extremos também foi destacada pelos profissionais. O Repórter 1 BDPB conta que chegou a danificar equipamentos com o uso excessivo de álcool.

Na redação da TV foram instalados divisórias de acrílicos, para que a gente não ficasse de frente um pro outro, pra diminuir o risco de qualquer tipo de contágio. Álcool pra todo lado, até hoje, assim que a gente chega pra sentar numa mesa é necessário limpar e higienizar tudo. No carro da reportagem tem mais um pulverizador de álcool, pra gente limpar volante, portas, bancos, tudo, tudo. (...) A gente já chegou a danificar equipamentos porque a gente põe álcool sem economia. (REPÓRTER 1 BDPB, 2022)

Para os profissionais que precisaram se ausentar das redações, seja por apresentarem sintomas da doença ou possuírem comorbidades que representavam um risco maior à exposição ao vírus, o desafio foi tão difícil quanto. Por ser uma atividade essencialmente coletiva, impossível de ser realizada individualmente, o uso da tecnologia, embora já fosse uma realidade na rotina diária do telejornalismo, se tornou essencial para tornar possível o que parecia inimaginável, como ter um conteúdo inteiramente produzido, gravado e editado com distanciamento social.

Uma outra novidade na produção do jornal também foi o uso da tecnologia para realizar a rotina de reuniões do jornal.(...) Com a pandemia, mais uma vez a

tecnologia trouxe modificações: os jornais passaram a usar mais vídeos feitos pelos próprios entrevistados, pelo celular, assim como imagens também feitas por celular exibidas em redes sociais. (...) Também continuaram a ser usadas as sonoras feitas pelo celular, assim como as imagens veiculadas em redes sociais. (PRODUTOR JN, 2022)

O uso de imagens geradas por dispositivos móveis passaram a ser ainda mais comuns na produção telejornalística. O que possibilitou que muito do conteúdo veiculado neste período fosse produzido fora das redações, por não profissionais, em ambientes domésticos e adotando práticas e estratégias que asseguraram a continuidade da produção da notícia, como categorizamos a seguir.

Categoria I - Entrevistas gravadas com o celular, pelos entrevistados

Uma das principais práticas usadas tanto pelo Jornal Nacional, quanto pelo Bom Dia Paraíba foi o uso de imagens capturadas por meio de *smartphones*. Tanto o conteúdo produzido por repórteres, em passagens por exemplo, muitas vezes em cenários de ambientes domésticos ou produzidos por não-profissionais, personagens que gravavam previamente suas próprias entrevistas e captavam imagens que serviram como ilustração para as matérias.

Para a Editora BDPB (2022) a criatividade neste período foi fundamental para que o telejornalismo pudesse continuar produzindo conteúdos diversificados, enquanto o mundo praticamente parou e não haviam outros assuntos em pauta.

O Bom Dia justamente por ser um jornal de longa duração, ele obriga você a ter uma criatividade maior em relação a mecanismos pra trazer assuntos e preencher essa produção. E com a COVID isso veio não só pro Bom Dia, mas pra todo mundo a questão de fazer vídeochamadas, de fazer entrevistas por Skype, de pedir vídeos as pessoas relatando as questões e pedindo imagens. (EDITORA BDPB, 2022)

As imagens captadas por dispositivos móveis, até pouco tempo consideradas amadoras, ganharam ainda mais protagonismo no noticiário, enfatizando a priorização da informação, em detrimento das exigências de padrões técnicos e de qualidade de imagem, revelando um novo modelo de telejornalismo, de estética doméstica, que mais se assemelhava a produção de conteúdo destinado à plataformas de mídias digitais, como o Youtube e Instagram.

Figura 2 - Registros de matérias gravadas em ambientes domésticos



Fonte: Bom Dia Paraíba, 2022 (printscreen)

Na edição de 26 de março de 2020 do Bom Dia Paraíba, por exemplo, a repórter Zuila David, anuncia um novo quadro em um cenário que remete à sala de uma residência. Na nova atração, artistas paraibanos enviam vídeos caseiros, com o objetivo, de “proporcionar um momento de respiro e leveza aos telespectadores”, explica a repórter. A estreia do quadro contou com a participação da cantora paraibana Nathalia Bellar, em um vídeo amador, em um cenário intimista. A artista canta e toca violão, diante de uma estante de livros e quadros decorativos, sugerindo também estar reclusa em casa.

Para Martins (2020), esse é processo de ressignificação estética já vinha ocorrendo gradualmente no telejornalismo, mas foi intensificado e acelerado com a pandemia da COVID-19, que representou um marco histórico, ao equiparar a relevância do conteúdo amador às produções técnicas e profissionais, tão defendidas pelo telejornalismo.

Estas transformações na linguagem jornalística têm se desdobrado de forma gradativa, e estão diretamente vinculadas à popularização de dispositivos de registro do real (como smartphones, câmeras, tablets), os quais disponibilizam ao telejornalismo um acervo infinito de materiais gerados de forma profícua e frequente, e que chegam a emissoras geralmente de maneira gratuita e espontânea. (...) Este processo de adaptação a uma estética mais próxima do amador intensificou-se nos últimos anos, e tem como marco importante a cobertura das manifestações populares em 2013, quando emissões feitas por amadores e/ou veículos independentes tomaram força e reverberaram na opinião pública. (MARTINS, 2020, p.109)

No Jornal Nacional, a matéria exibida no dia 25 de setembro de 2020, noticiando um procedimento cirúrgico, do até então presidente Jair Bolsonaro, aparenta ter sido gravada com uma câmera de celular *smartphone* e mostra o repórter César Menezes em um cenário onde é possível ver uma estante com livros e decorações, além da tela de um notebook ligado, o que lembra uma biblioteca pessoal.

Figura 3 - Enquadramento e angulação de câmera em entrevistas remotas



Fonte: Jornal Nacional (printscreen)

Em entrevista a Editora BDPB reforça que o JN dita os padrões a serem seguidos pelo telejornalismo local:

O parâmetro da gente como afiliada a gente já recebe orientações em determinados assuntos, determinados aspectos, mas o parâmetro é a rede. A partir do momento que a gente vê no JN entrando um vídeo com baixa qualidade, mas é um vídeo que é importante, o conteúdo é importante pra população e a foi a forma que foi possível de ser conseguida, aí você entende que é um mecanismo que tem que ser seguido. Aí você começa... se não tem outro jeito. Se você por exemplo, no pico de uma pandemia, você não vai colocar seu entrevistado dentro de um hospital e você precisa falar com quem tá ali, com um médico. Até a gente durante a pandemia a gente conseguiu falar com pessoas que estavam com sintomas, mas você não vai colocar o entrevistado cara a cara, e aí se o sinal falhar, se qualidade não ficar legal, se o entrevistado não fizer na horizontal, essas coisas não impedem de você colocar a notícia não, o que é importante é o depoimento, o que é importante é a notícia.

Categoria II - Imagens de apoio gravadas com o celular, pelos entrevistados

As chamadas “fontes oculares” desempenham um papel fundamental na cobertura telejornalística da contemporaneidade e durante a pandemia não poderia ser diferente. Ao enviarem imagens e, como enfatizado por Carmo (2008), incentivarem as empresas de comunicação a criarem formas de aproveitar esse material, mesmo que as captações não atendam os formatos tradicionais. Assim como observado nas amostras analisadas, em que algumas entrevistas e imagens de apoio foram captadas com smartphones na posição vertical, o que levou a edição do jornal a utilizar um recurso de *background* para adaptar a imagem ao formato horizontal das TVs, tornando-as esteticamente mais agradável.

Figura 4 - Uso de recurso background no Bom Dia Paraíba



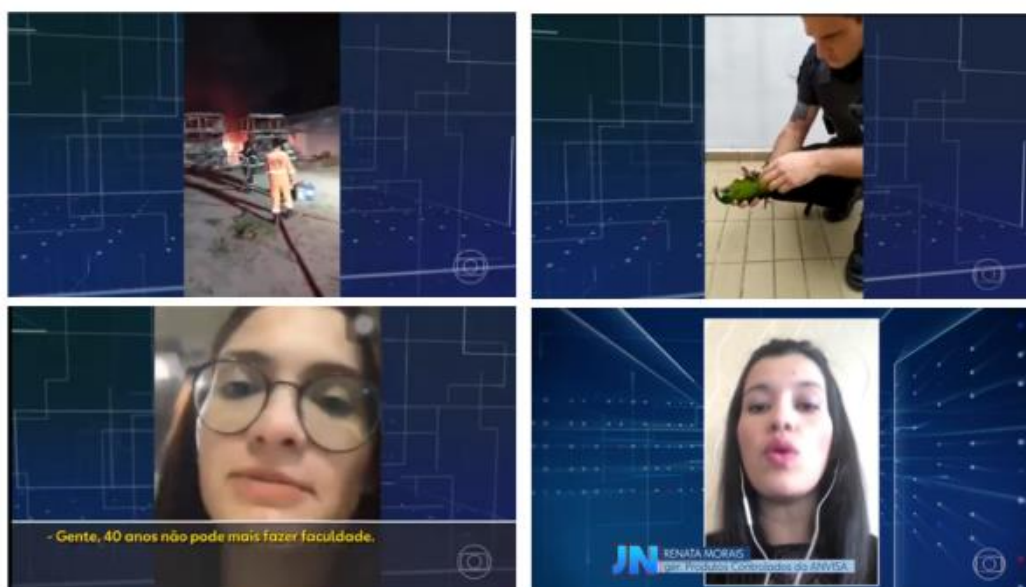
Fonte: Bom Dia Paraíba, 2022 (printscreen)

Os registros produzidos por aparelhos celulares foram essenciais na ilustração de matérias, reportagens e notas cobertas como a que revelou o impacto da COVID pelo mundo, exibida no dia 26 de março de 2020, em que era logisticamente impossível ter um repórter cinegrafista em cada continente ou na matéria que noticiou um incêndio em uma fábrica de fogos de artifício no município de Parnamirim, interior do Rio Grande do Norte, exibida em 28 de dezembro de 2022, em que as imagens revelam o exato momento do fato pelos registros de testemunhas presentes no local.

Uma práxis já utilizada pelo telejornalismo contemporâneo, como vimos anteriormente nos esforços na padronização da produção de vídeos no formato horizontal, seguindo um padrão estético da televisão, mas que se tornou muito mais recorrente durante a pandemia mesmo que em formatos verticais, utilizados em formato vertical, com o recurso gráfico do *background*, ou tela de fundo com a finalidade de completar a imagem, deixando-a em formato horizontal.

A prática ocorreu tanto com vídeos reproduzidos da internet quanto com vídeos enviados pelos telespectadores ou até mesmo em videochamadas. O que demonstra que devido a urgência do momento, a notícia passou a ser priorizada, deixando a preocupação técnica e estética em segundo plano.

Figura 5— Uso do recurso background para vídeos verticais no JN



Fonte: Jornal Nacional (printscreen)

Recurso que se soma a outro recurso observado nas edições analisadas do Jornal Nacional, que foi a quebra de paradigmas com a preocupação estética e a formatação padrão institucionalizada no telejornalismo. O enquadramento de imagem, o plano e a angulação na produção da imagem, premissas básicas dos manuais de produção telejornalística, acabaram se tornando ínfimas durante a cobertura da pandemia da COVID-19.

Categoria III - Entrevistas gravadas através de vídeochamadas

Diante de um panorama completamente atípico, em que as próprias fontes eram responsáveis por produzirem suas imagens, seja por vídeochamadas ou gravadas através de aparelhos de smartphone, foi possível observar a quebra do rigor quanto ao posicionamento de câmera, sendo possível perceber entrevistas em que aparecem mais teto, termo técnico usado para determinar o espaço entre o alto da cabeça até a margem da imagem, do que o objeto principal, que seria o entrevistado ou entrevistas em que o topo da cabeça do entrevistado aparece cortada, além de planos e ângulos, sem a mínima padronização tão presente nas produções audiovisuais profissionais.

Figura 6-Enquadramento e angulação de câmera em entrevistas remotas no JN



Fonte: Jornal Nacional (printscreen)

Revelando mobílias e ambientes domésticos, os planos de fundo dessas entrevistas também denotam um ineditismo ao telejornalismo pandêmico, normalizando uma estética doméstica considerada pelos autores Cunha e Lima (2023) uma quebra de paradigma, afinal para o telejornalismo clássico o jornalista precisa estar onde a notícia acontece. Uma exigência que perde força com a adoção destas novas práticas de produção.

Para o produtor JN (2022) os recursos remotos passaram a ter um papel vital para a produção telejornalística diante do trabalho remoto dos repórteres e da impossibilidade de enviar equipes presencialmente até às fontes ou entrevistados.

Outro aspecto que mudou muito a rotina das redações por conta da pandemia foram as gravações de sonoras de entrevistados para as matérias. Antes da pandemia, a prática era enviar uma equipe de repórter/produtor e cinegrafista ao entrevistado para gravação presencial. Com a pandemia, mais uma vez a tecnologia trouxe modificações: os jornais passaram a usar mais vídeos feitos pelos próprios entrevistados, pelo celular, assim como imagens também feitas por celular exibidas em redes sociais. (PRODUTOR JN, 2022)

Por fim, entre as práticas observadas no Jornal Nacional, estão as entrevistas realizadas por meio de videochamadas, com a utilização de plataformas como Skype, Zoom e Google Meet que possibilitam a realização de chamadas através de vídeo e áudio, por meio de computadores ou aparelhos smartphones, conectados à internet.

Durante estas entrevistas realizadas por videochamadas, um recurso recorrente foi observado e merece destaque: a prática de revelar os bastidores da produção da entrevista. Mostrando em plano aberto o repórter interagindo com a tela, onde o entrevistado aparece. O uso de bastidores geralmente é um recurso geralmente utilizado em reportagens especiais, mas pouco recorrente em matérias corriqueiras do telejornalismo clássico, o que transforma essa produção de conteúdo ainda mais próxima e transparente ao permitir que o olhar do telespectador esteja para além das respostas do entrevistado.

Figura 7-Imagens de bastidores com entrevistas por videochamadas



Fonte: Jornal Nacional (printscreen)

Essa aproximação com a audiência é destacada pelas autoras Piccinin e Sgorla (2015) ao lançarem luz sobre o recurso ao qual qualificam como “autoreferencialidade”.

"No âmbito da midialidade, na tentativa de manter a legitimidade da prática e a vinculação com o público, o fazer do jornalismo passa a ser marcado pela autorreferencialidade que é acionada na exposição de detalhes da construção de produtos jornalísticos, especialmente a partir de seus bastidores. (PICCININ e SGORLA, 2015)

Outro exemplo é a reportagem intitulada “Bons Exemplos”, exibida em 25 de setembro de 2020, produzida pela apresentadora Denise Delmiro, remotamente, compartilhando relatos inspiradores de pessoas que superaram as dificuldades do isolamento social através de ações solidárias. A reportagem foi inteiramente realizada na residência da jornalista e as entrevistas foram conduzidas por meio de videochamadas online.

Figura 8-Matéria produzida inteiramente em home-office no BDPB



Fonte: Bom Dia Paraíba, 2022 (printscreen)

A condição de *home-office* da âncora do BDPB, que inicialmente pra ela parecia inconcebível na atividade telejornalística, acabou representando mais que uma medida de segurança, transformando-se em mais um case ousado e revolucionário para o telejornalismo paraibano, quiçá nacional. Ao descobrir, em meio a pandemia, que estava grávida de seu primeiro filho, a jornalista precisou se afastar do trabalho presencial, mas para que não se afastasse totalmente do BDPB, uma completa estrutura de estúdio foi montada na sala de seu apartamento. O que permitiu que a âncora realizasse suas participações ao vivo no telejornal, que passou a ser apresentado no estúdio por outro jornalista.

(...) Foi uma surpresa maravilhosa, que a empresa disponibilizou pra mim. Eles tiveram essa ideia, e me disseram: a gente quer mostrar você da sua casa todos os dias. Na hora eu pensei: Nossa! Mas como é que vai ser isso? Porque a gente faz o jornal e sabe que fechar um link de qualquer lugar da cidade não é fácil, as vezes

cai, chove, enfim e você ter um link fixo, durante um telejornal longo de 2 horas e meia, de dentro de um apartamento. Vai arriscar? Você vai confiar na internet? Bora lá! Então a equipe confiou e trouxeram todos os equipamentos pra cá, minha sala ficou cheia de fios, um emaranhado de fios de câmeras, e de todo tipo de equipamento que você imaginar, instalaram uma internet melhor pra fazer essa interligação com a TV Cabo Branco e de lá pra toda Paraíba, e aí eu consegui dessa maneira poder conversar com os paraibanos, todos os dias. (ÂNCORA BDPB, 2022)

A experiência inédita para o BDPB, além de proporcionar aprendizado à profissional, possibilitou uma maior aproximação com sua audiência, que se identificava com a situação por também estar em casa, em isolamento, além do efeito didático de conscientizar os telespectadores mais resistentes sobre a importância de permanecer em casa.

Eu aprendi a fazer enquadramento, aprendi a ligar todos os equipamentos dos links, a testar o microfone, a fazer tudo sozinha. Porque tinha um técnico que às vezes me ajudava, mas na maioria das vezes só tinha eu, então eu tinha que me virar e acabei meio que me acostumando. Então, era bem engraçado, eu acordava de camisola mesmo abria o computador, atualizava o jornal, ia lá pra dentro, trocava de roupa, maquiagem e voltava pra sala da minha casa, e assim foi durante toda a gestação, praticamente os nove meses, oito meses e meio eu acho, aqui na minha sala, a frente do Bom Dia Paraíba e trazendo tanta informação, foi uma experiência única. (...) Foi o primeiro home-estudio da Paraíba, não tinha um desses antes. No Globonews, na própria Globo tem muitos comentaristas que conversam de casa, mas um apresentador era mais difícil e acabou que deu certo. (ÂNCORA BDPB, 2022)

Categoria IV - Entrevistas ao vivo através de videochamadas

Uma peculiaridade do BDPB, que não foi observada no Jornal Nacional, foi a utilização de entrevistas por vídeo-chamadas ao vivo, com interação entre o entrevistado e o âncora através de uma tela. Dentre as amostras selecionadas, duas entrevistas ao vivo se destacam por seus formatos e por ultrapassarem a fronteira da Paraíba, e permitem que personagens nacionais pudessem ser entrevistado, o que possivelmente só foi possível devido ao uso da tecnologia, sendo inviável presencialmente.

Figura 9-Entrevistas ao vivo por videochamadas no BDPB



Fonte: Bom Dia Paraíba, 2022 (printscreen)

No dia 31 de março de 2021, Pedro Canísio, apresentando o Bom Dia Paraíba na ocasião, entrevistou ao vivo a empresária Luíza Trajano, proprietária da rede Magazine Luíza. Já no dia 28 de março de 2022, Denise Delmiro entrevistou a violonista paraibana Karoline Menezes, que tocou com a cantora Beyoncé na cerimônia da 94ª edição do Oscar em Los Angeles, a primeira após dois anos de pandemia. E em 5 de maio de 2023, a repórter Zuíla David conversou com o apresentador e jornalista Pedro Bial em uma entrevista gravada por vídeo chamada, falando sobre a reestreia do programa Linha Direta e a abordagem do caso paraibano conhecido como a barbárie de Queimadas.

O recurso das vídeo chamadas ao vivo foi mais uma “descoberta” da pandemia, bastante utilizado pelo BDPB destacado em entrevista pela editora chefe e pela apresentadora do noticiário. Editora BDPB (2022) destacou o quanto o desafio forçou a equipe a desbravar novos caminhos e se aventurar por formatos que antes da pandemia eram inimagináveis.

Engraçado é que a pandemia fez o Bom Dia Paraíba lembrar ou descobrir que é possível passar as fronteiras do estado, como ele é imenso e a gente tinha que apostar em entrevistas, porque senão não preenchia, não tinha como fazer porque as limitações limitavam os vivos, as entrevistas no estúdio, limitavam tudo, então vamos apostar no Skype e aí a gente começou a pensar fora da caixa, a pensar fora das nossas fronteiras. (EDITORA BDPB, 2022)

Âncora BDPB (2022) destacou ainda a pluralidade dos temas abordados nas entrevistas realizadas remotamente, que contrariavam a expectativa. Já que em meio a um

estado inédito de pandemia global, era comum que os noticiários se limitassem a noticiar apenas os impactos da doença e os inúmeros casos que resultaram em milhares de mortes.

Eu consegui várias entrevistas, através de Skype, com nomes nacionais pra conversar sobre tudo que você possa imaginar. Fé, espiritualidade, música, a própria pandemia, e o próprio coronavírus, o que a gente podia buscar de referências nacionais, a gente ia atrás, pra trazer pros paraibanos e inventar várias formas de fazer jornalismo. (ÂNCORA BDPB, 2022)

Categoria V - Uso de máscaras pelos repórteres

Aos repórteres que precisavam estar em circulação nas ruas em contato direto com um risco invisível, os desafios se somavam aos rígidos protocolos de segurança. Ainda em março de 2020, o Ministério da Saúde passou a orientar a população a usar proteção facial, através de máscaras, como barreiras preventivas para a não contaminação e proliferação do coronavírus SARS-CoV-2.

Figura 10-Repórteres sem máscaras na edição do dia 26 de março de 2020



Fonte: Jornal Nacional (printscreen)

Até então a recomendação do Grupo Globo era que todos os profissionais na redação e os que trabalhavam por trás das câmeras em filmagens externas, tais como cinegrafistas e produtores usassem máscaras integralmente, porém, aos âncoras e repórteres valia a recomendação de sempre retirar as máscaras diante das câmeras, com o intuito de evitar o estranhamento do público. Por isso, na primeira edição analisada por esta pesquisa, exibida em 26 de março de 2020, ainda é possível perceber que os repórteres não usavam máscaras em suas passagens ou entradas ao vivo.

Com o aumento catastrófico dos casos de contaminação e por consequência do número de óbitos, o protocolo da emissora passou a ser ainda mais rígido, com direito a

editorial lido ao vivo pelo editor-chefe e âncora, William Bonner, na edição de 04 de maio de 2020²¹. “A essa altura dos acontecimentos com a pandemia no nível em que esta e com a máscara tão necessária pro combate ao novo coronavírus, já incorporada a vida das pessoas no mundo inteiro, estranho é exatamente aparecer sem ela”, diz Bonner ao anunciar que a partir daquele dia os telespectadores iriam perceber os repórteres aparecendo sempre usando máscaras, com a exceção dos que estavam trabalhando de casa ou do estúdio, que segundo ele se tratava de um ambiente controlado.

Figura 11-Repórteres usando máscaras no JN



Fonte: Jornal Nacional (printscreens)

Na edição de 25 de setembro de 2020, a segunda a qual analisamos, já é possível observar repórteres, entrevistados e equipe de redação usando máscaras faciais. Porém, ainda que a medida representasse uma proteção para os profissionais e tivesse um efeito didático ao incentivar e educar a sociedade a fazer o mesmo, a adoção de um acessório que cobria parcialmente o rosto dos repórteres impactou diretamente não apenas na prática cotidiana do telejornalismo, causando debate e discordância entre os profissionais, como fomentou discussões entre a sociedade, sob a justificativa que o uso das máscaras dificultava a comunicação e impossibilitava a leitura labial por parte dos telespectadores com deficiência auditiva.

Ao ponto que algumas emissoras, a exemplo da TV Correio²², na Paraíba, adotarem como inovação o uso de máscaras com recorte de plástico transparente na altura da boca. A

²¹ Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/05/04/reporteres-da-globo-vao-passar-a-usar-mascara-inclusive-diante-da-camera-nas-ruas.ghtml>>, acesso em 16.nov.2022

²² Matéria disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3uv1CU4aRa4>>, acessado em 20.nov.2022

proposta foi anunciada sob a alegação de cumprir “o papel social de informar a população sobre os fatos e acontecimentos do dia a dia, nada melhor que poder observar os gestos e feições dos profissionais da área²³”. Em outras palavras, a intenção era permitir que os telespectadores pudessem ver os lábios dos repórteres e com isso facilitar a leitura labial. Entretanto, a medida causou estranhamento por parte da audiência e acabou não durando muito tempo. A Rede Globo e suas afiliadas em nenhum momento adotou essa medida.

Figura 12-Repórter da TV Correio/Record usando máscara transparente



Fonte: TV Correio (printscreen)

A controvérsia do uso de máscaras transparentes por repórteres, com o objetivo de facilitar a leitura labial, chegou a virar projeto de lei aprovado no Senado Nacional (3370/2020), que versa na alteração da lei de nº 13.146, de 6 de julho de 2015 e prevê a obrigatoriedade do uso de máscara de proteção transparente nas transmissões jornalísticas televisivas durante a vigência do estado de calamidade pública decorrente da emergência de saúde pública de importância internacional relacionada à pandemia de COVID-19, entretanto, a exigência não chegou a ser adotada pelo Jornal Nacional.

Em países orientais o uso de máscaras já se tornou algo comum para a população que faz uso em casos de síndromes virais comuns, mas para o Brasil o uso de máscaras foi hábito inédito, adotado com certa resistência por uma parte da população. Embora uma série de estudos demonstrasse que o uso do acessório está associado à diminuição de taxa de infecção por COVID-19, por isso em alguns países da Europa, nos Estados Unidos e no Canadá o uso de máscaras passou a ser obrigatório em locais públicos, no Brasil essa normativa ficou a

²³ <https://portalcorreio.com.br/jornalistas-usam-mascaras-transparentes-para-facilitar-comunicacao/>

cargo das autoridades municipais, que de acordo com os casos confirmados restringiam ou liberavam o acesso a espaços públicos sem o uso de máscaras.

No telejornalismo, essas alterações também foram possíveis de perceber de acordo com as alterações dos protocolos sanitários. Além da redução das entrevistas presenciais, seguindo as medidas anunciadas pelo Jornal Nacional, em 4 de maio de 2020, os telejornais regionais também passaram a adotar o uso de máscaras pelos repórteres, mesmo em passagens ou links em locais abertos, como demonstram as imagens abaixo.

Figura 13-Repórteres em passagens usando máscaras no BDPB



Fonte: Bom Dia Paraíba, 2022 (printscreen)

Categoria VI - Uso de microfone auxiliar em entrevistas

Nas entrevistas externas uma outra prática que também impactou o cotidiano dos repórteres foi a utilização de dois microfones para realização de entrevistas, o que permitia manter o distanciamento social e evitava uma possível contaminação no compartilhamento do mesmo objeto, medidas inteiramente compreensíveis para o momento, mas que limitou a autonomia do repórter, que muitas vezes enfrentam constrangimentos ao tentar encerrar uma entrevista ou concluir a fala do entrevistado.

Para Silva e Matos (2021) a medida também significou uma transgressão de convenção. Mesmo que, na maioria das vezes, o microfone do entrevistado não tivesse canopla o que o diferenciava do repórter, a prática significou uma ruptura pré-estabelecida e institucionalizada e teve um sentido simbólico ao romper com a ideia do "imaculado" instrumento de trabalho do repórter.

Ainda que na maioria das vezes o microfone utilizado pelos entrevistados eram sem a canopla da emissora, como tentativa de diferenciar, como podemos ver na imagem a seguir, em alguns momentos os entrevistados seguraram exatamente o mesmo microfone utilizado pelos repórteres.

Assim como no uso de dois microfones a medida também representou um desafio para os repórteres, especialmente em entrevistas ao vivo, já que ao entregar um microfone na mão do entrevistado acabava por tirar do repórter a autonomia de conduzir a entrevista.

Figura 14-Entrevistados segurando microfone durante entrevistas no JN



Fonte: Jornal Nacional (printscreen)

Mais uma prática que massivamente utilizada durante o período pandêmico, foi a apropriação de conteúdos audiovisuais, até pouco tempo considerados “amadores”, captados e enviados por telespectadores através de aparelhos smartphones.

No BDPB para se evitar o contato, passou-se a adotar mais entrevistas ao vivo dos repórteres, e menos participação de entrevistados. Mas nas entradas ao vivo em que as entrevistas eram indispensáveis, passou-se a adotar um certo distanciamento entre repórter e entrevistado, e também o recurso do microfone auxiliar. Sendo um microfone com canopla, que ficava sob a posse do repórter, e outro microfone, na maioria das vezes sem canopla que ficava nas mãos dos entrevistados.

Figura 15-Entrevistas com uso de dois microfones no BDPB



Fonte: Bom Dia Paraíba, 2022 (printscreen)

Para Repórter 2 BDPB (2022) essa alteração, apesar de necessária, agregou mais um desafio ao cotidiano da profissão e um risco para as entrevistas ao vivo, já que ao entregar um microfone na mão do entrevistado, acaba-se por tirar do repórter a autonomia e o controle da situação, podendo inclusive causar situações constrangedoras, como relatadas pelo repórter:

“(...)Isso tirou da gente o controle do vivo, porque o entrevistado parava de falar quando ele queria, isso no começo pra gente foi bem difícil, porque tem entrevistado que é bem difícil, principalmente gestores públicos (...) lembro de alguns episódios de certo desconforto, porque ultrapassava alguns limites. A gente tem horário pra sair do ar, a gente tem perguntas que são feitas, pensadas previamente, e quando o entrevistado está com o microfone na mão dele pra ele utilizar da forma que ele quer, corre-se um risco, estamos ao vivo, eu sei o controle, eu sei até onde eu posso ir enquanto repórter, se o microfone esta na minha mão, eu sei puxar o microfone com delicadeza com gentileza. Quando o entrevistado está com ele (microfone), ele encerra quando quer”. (REPÓRTER 2 BDPB, 2023)

O relato do Repórter 2 BDPB vai de encontro com a noção de Pierre Bourdieu (1997 e 2003) quanto ao conceito de campo social, que se apresenta na estrutura de espaços e posições sociais. A ruptura de uma convenção que institucionalizou a posse do microfone para o repórter seria como a deslegitimação do seu papel, da sua posição social, o ícone que o atribui autoridade e o diferencia do outro, representado pela fonte entrevistada. Ao adotar o uso de dois microfones, tentou-se manter essa autoridade marcada pela canopla da emissora, presente apenas no microfone do repórter.

"A posição de um determinado agente no espaço social pode assim ser definida pela posição que ele ocupa nos diferentes campos, quer dizer, na distribuição dos poderes que actuam em cada um deles, seja, sobretudo, o capital econômico - nas suas diferentes espécies -, o capital cultural e o capital social e também o capital simbólico, geralmente chamado de prestígio, reputação, fama etc. que é a forma percebida e reconhecida como legítima das diferentes espécies de capital.(BOURDIEU, 1989, p.134)

Entretanto, em nossa pesquisa foi possível perceber que nem sempre o microfone utilizado pela fonte era descaracterizado, sem a canopla da emissora, o que poderia ocasionar uma confusão mental nos telespectadores ou ainda, momentos embaraçosos por parte dos repórteres em entrevistas ao vivo.

7. RESULTADOS

A presente pesquisa levantou seis estratégias de produção de conteúdo que foram essenciais para que o telejornalismo continuasse sendo produzido diante das limitações impostas pela pandemia da COVID-19, tais resultados podem ser melhor visualizados a seguir, através das tabelas e gráficos.

Nas amostras analisadas do Jornal Nacional, foi possível perceber que as entrevistas gravadas através de videochamadas tiveram uma maior ocorrência, estando presentes em 100% das edições, enquanto as entrevistas gravadas com o celular, pelos entrevistados, representaram 50%, seguidas das imagens de apoio gravadas com o celular, pelos entrevistados, com 48%, a mesma porcentagem que as categorias 5 e 6, uso de máscaras pelos repórteres e o uso de microfone auxiliar em entrevistas, somaram juntas. Enquanto as entrevistas por videochamadas não foram utilizadas em nenhuma das edições analisadas.

Quadro 1 -Ocorrência das práticas recorrentes analisadas no Jornal Nacional

JORNAL NACIONAL	26/03/2020	25/09/2020	31/03/2021	30/09/2021	28/03/2022	28/09/2022	15/03/2022	05/05/2023
ENTREVISTAS GRAVADAS COM O CELULAR, PELOS ENTREVISTADOS	✓	✓	✓	✓				
IMAGENS DE APOIO GRAVADAS COM O CELULAR, PELOS ENTREVISTADOS	✓	✓	✓	✓	✓		✓	
ENTREVISTAS GRAVADAS ATRAVÉS DE VIDEOCHAMADAS	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
ENTREVISTAS AO VIVO ATRAVÉS DE VIDEOCHAMADAS								
USO DE MÁSCARAS PELOS REPÓRTERES		✓	✓	✓				
USO DE MICROFONE AUXILIAR EM ENTREVISTAS	✓		✓	✓				

Fonte: Própria Autoria, 2023

As análises demonstradas no quadro acima revelam uma predominância das entrevistas realizadas por meio de videochamadas, que estiveram presentes em todas as edições examinadas. Esta estratégia demonstrou ser mais usual, possivelmente por suas características dinâmicas e instantâneas, evidenciando uma possível preferência ou conveniência na utilização desta prática.

Em contraste, as entrevistas e imagens de apoio gravadas com o celular pelos entrevistados estiveram presentes apenas em metade das edições analisadas, dados que sugerem que, apesar de menos prevalentes que as videochamadas, essas práticas também desempenharam um papel significativo na produção do telejornalismo do Jornal Nacional no período analisado.

Além disso, pudemos observar que os 48% de ocorrência do uso de máscaras pelos repórteres e o uso de microfone auxiliar em entrevistas foram práticas que refletem as medidas de segurança adotadas durante a pandemia de COVID-19.

E que curiosamente, apesar da prevalência de entrevistas por videochamadas, não houve registro de entrevistas por videochamadas ao vivo em nenhuma das edições analisadas. Esta discrepância pode ser atribuída a uma variedade de fatores, incluindo possíveis limitações técnicas ou preferências editoriais.

Em resumo, os dados indicam uma tendência clara para o uso de videochamadas na produção de conteúdo para o Jornal Nacional, embora outros métodos, como gravações de celular e entrevistas presenciais com medidas de segurança, também tenham sido utilizados. A ausência de entrevistas por videochamadas ao vivo sugere que esta prática pode não ser preferida ou viável ao formato do Jornal Nacional, que não costuma realizar entrevistas ao vivo, exceto em ocasiões excepcionais, como em períodos eleitorais, por exemplo.

Já nas amostras analisadas do Bom dia Paraíba, os números mostraram um cenário distinto em algumas categorias. Por exemplo, a categoria 1, das entrevistas gravadas com o celular, pelos entrevistados, apresentou uma ocorrência de 100%, seguida pelas entrevistas gravadas através de videochamadas com 48% e as imagens de apoio gravadas com o celular, pelos entrevistados com 40%.

O uso de máscaras pelos repórteres e o uso de microfone auxiliar em entrevistas registraram 32% cada, e diferentemente do JN, o BDPB teve uma ocorrência de 24% de entrevistas ao vivo através de videochamadas.

Os dados apontados na análise das amostras do Bom Dia Paraíba revelaram um cenário relativamente distinto em comparação ao Jornal Nacional. As entrevistas gravadas com o celular pelos entrevistados também foram predominantes, ocorrendo em 100% das edições analisadas. Porém, diferentemente do JN, o Bom Dia Paraíba registrou uma ocorrência de 24% de entrevistas ao vivo através de videochamadas, o que pode ser justificado pelo formato e o tempo de duração de cada telejornal.

As entrevistas gravadas através de videochamadas e as imagens de apoio gravadas com o celular pelos entrevistados apresentaram uma ocorrência de 48% e 40%, respectivamente, indicando que embora menos utilizadas que as entrevistas gravadas por celular, tais estratégias também foram relevantes.

Quadro 2 - Ocorrência das práticas recorrentes analisadas no Bom Dia

BOM DIA PARAÍBA	26/03/2020	25/09/2020	31/03/2021	30/09/2021	28/03/2022	28/09/2022	15/03/2022	05/05/2023
ENTREVISTAS GRAVADAS COM O CELULAR, PELOS ENTREVISTADOS	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
IMAGENS DE APOIO GRAVADAS COM O CELULAR, PELOS ENTREVISTADOS	✓			✓	✓	✓	✓	
ENTREVISTAS GRAVADAS ATRAVÉS DE VIDEOCHAMADAS	✓	✓	✓		✓	✓		✓
ENTREVISTAS AO VIVO ATRAVÉS DE VIDEOCHAMADAS			✓	✓	✓			
USO DE MÁSCARAS PELOS REPÓRTERES		✓	✓	✓	✓			
USO DE MICROFONE AUXILIAR EM ENTREVISTAS	✓	✓	✓		✓			

Fonte: Própria Autoria, 2023

Já o uso de máscaras pelos repórteres e o uso de microfone auxiliar em entrevistas foram observados em 32% das edições, refletindo também as medidas impostas pela COVID-19.

Em resumo, os dados apontam que o Bom Dia Paraíba utilizou fortemente de entrevistas gravadas com o celular pelos entrevistados, embora também tenha feito uso significativo de videochamadas e gravações de celular para imagens de apoio. A presença de entrevistas ao vivo através de videochamadas no entanto é o grande diferencial que distingue o Bom Dia Paraíba do Jornal Nacional, sugerindo uma abordagem mais diversificada na produção de conteúdo.

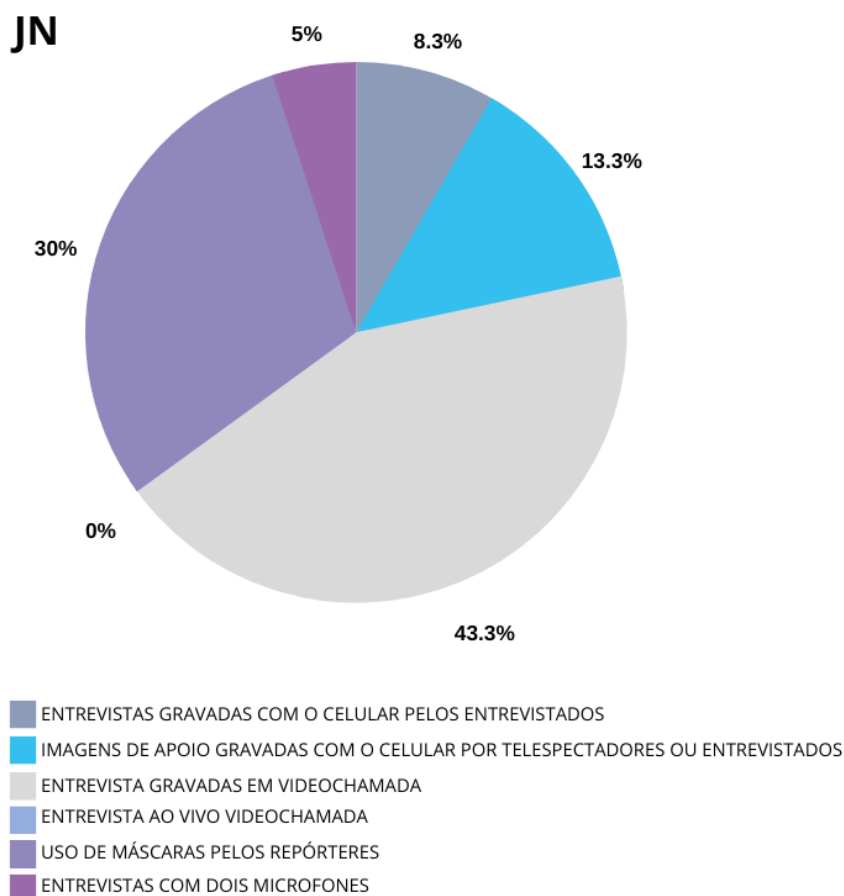
Estas conclusões oferecem uma visão valiosa sobre as práticas de coleta de informações em dois distintos produtos telejornalísticos, durante um período de mudanças significativas na forma de produzir notícia.

Em relação à frequência de utilização das práticas categorizadas, nas 8 edições analisadas do Jornal Nacional, constatou-se que as entrevistas gravadas através de videochamadas foram as mais utilizadas, sendo aplicadas em 26 ocasiões, o que representou um percentual de 43,3% em relação às demais práticas. Em seguida, o uso de máscaras pelos repórteres ocorreu em 18 ocasiões, correspondendo a 30% do total.

As entrevistas com dois microfones totalizaram 5% das práticas, enquanto as entrevistas gravadas com o celular pelos entrevistados representaram 8,3% e o uso de imagens de apoio também gravadas por celular correspondeu a 13,3%. Notavelmente, as entrevistas ao vivo através de vídeochamadas não foram registradas em nenhuma das edições analisadas.

Esses dados fornecem uma visão quantitativa da recorrência das estratégias e práticas de produção de conteúdo utilizadas nas edições analisadas, destacando a prevalência de entrevistas gravadas através de vídeochamadas e o uso de máscaras pelos repórteres, enquanto outras práticas, como entrevistas com dois microfones e gravações de celular, foram menos frequentes.

Ilustração 1-Gráfico com a incidência de novas práticas no Jornal Nacional



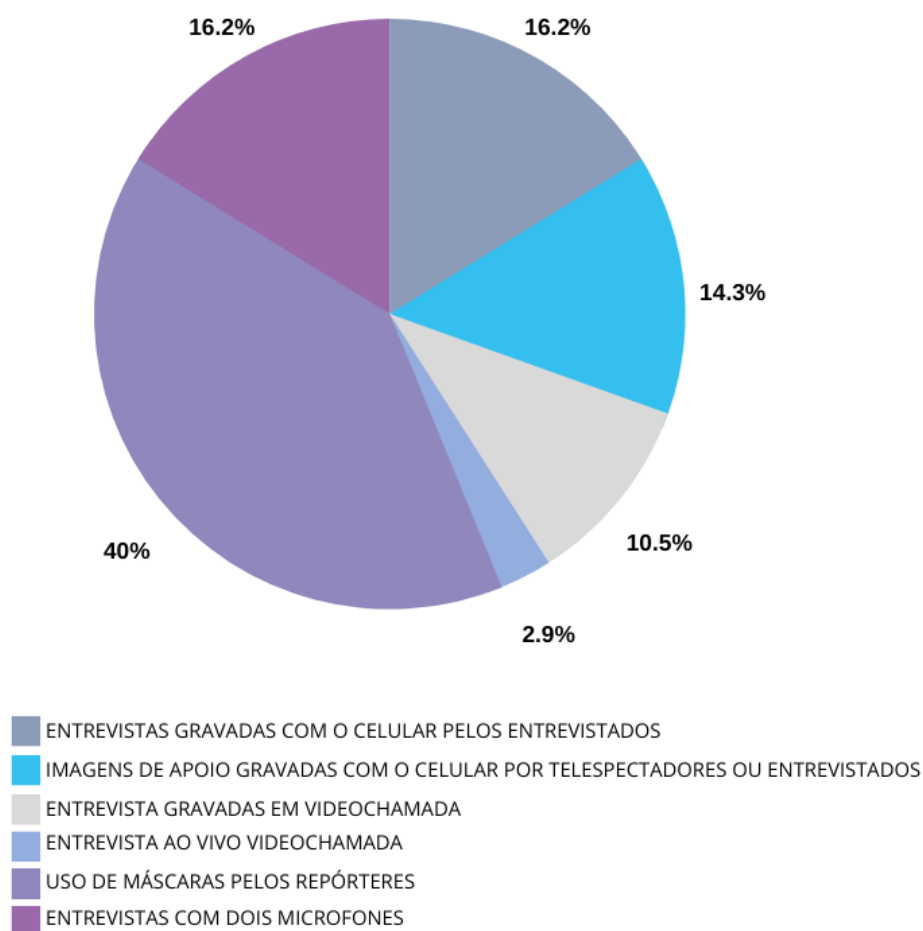
Fonte: Própria Autoria, 2023

No BDPB ao que se refere ao quantitativo de recorrência das práticas categorizadas verificamos que o uso de máscaras pelos repórteres alcançou a maior incidência, com 42

repetições, o que representou 40% do gráfico. Seguida pela utilização de dois microfones nas entrevistas e as entrevistas gravadas por celular, ambas com 16,2% e 17 recorrência. Uma prática com pouca incidência, mas que diferenciou-se da análise do Jornal Nacional foram as entrevistas ao vivo realizadas por videochamadas, com 3 ocorrências, representando 2,9% da amostra analisada.

Ilustração 2-Gráfico com a incidência de novas práticas no Bom Dia

BDPB

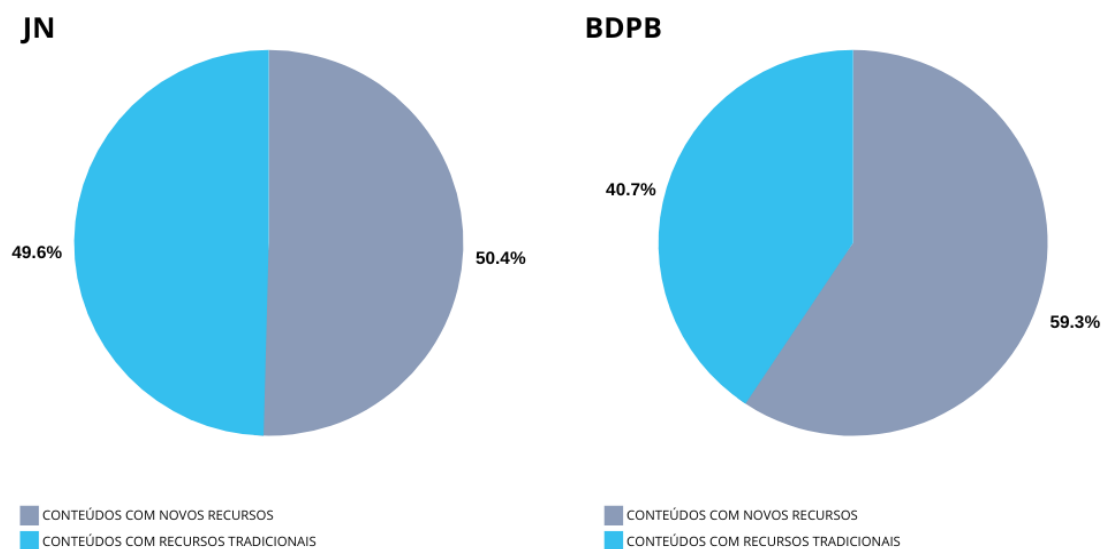


Fonte: Própria Autoria, 2023

No comparativo entre as práticas tradicionais da produção telejornalística e as práticas e estratégias utilizadas durante a pandemia da COVID-19, nas edições analisadas do JN observamos um empate técnico entre as duas modalidades, enquanto no DBPB essa diferença é mais acentuada, representando 31,3%, predominando os recursos não tradicionais.

Resultado que sustenta a ideia de Martins (2020), ao considerar este um marco histórico e corresponde a nossa hipótese inicial de que a pandemia não só intensificou um processo de ressignificação estética no telejornalismo, como quebrou paradigmas ao nos apresentar novas práticas que colocam a notícia como protagonista absoluta deste processo.

Ilustração 3-Gráficos com o comparativo entre práticas tradicionais e novas estratégias



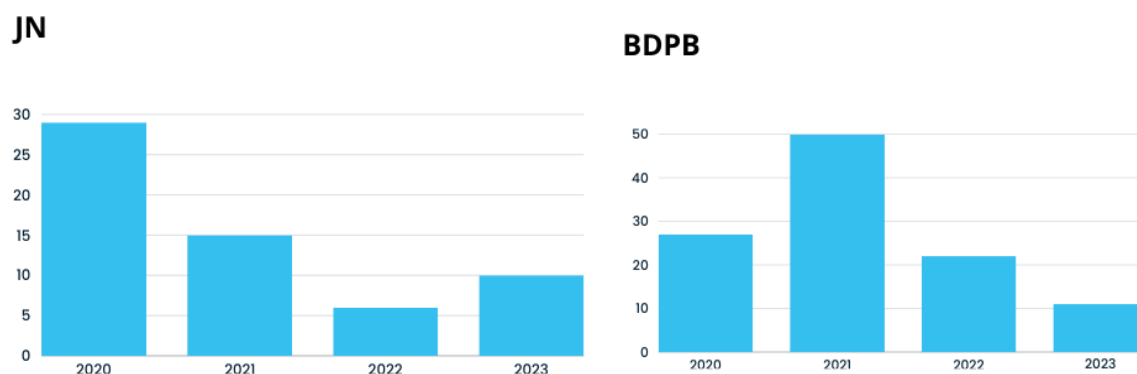
Fonte: Própria Autoria, 2023

A análise da persistência das práticas e estratégias, conforme categorizadas nesta pesquisa, ao decorrer dos anos analisados, revela uma maior incidência entre os anos de 2020 e 2021, período marcado pelo auge da pandemia da COVID-19 e pela implementação de medidas sanitárias rigorosas, o que justifica o registro destes índices significativos. Em números, o Jornal Nacional registrou 29 recorrências em 2020 e 15 em 2021. Em 2022, houve uma diminuição para 6 recorrências, seguida por 10 em 2023. No Bom Dia Paraíba, as recorrências foram ligeiramente superiores, totalizando 27 em 2020, 50 em 2021, 22 em 2022 e 11 em 2023.

Esses dados corroboram a observação de Silva e Matos (2021, p.226) sobre a notável capacidade de adaptação do telejornalismo. Este setor conseguiu se reestruturar de forma rápida e estratégica, mantendo-se como protagonista de um momento crucial na história da humanidade, sem comprometer sua credibilidade ou violar o contrato de leitura com seus telespectadores.

Os dados apresentados no gráfico subsequente ilustram que, mesmo após o anúncio do fim da emergência da pandemia da COVID-19, que permitiu o retorno às atividades cotidianas normais, as práticas adotadas durante a pandemia continuaram a ser perpetuadas na prática diária do telejornalismo. Isso representa uma ruptura de paradigmas e uma evolução tecnocultural, conforme ilustrado nos gráficos abaixo:

Ilustração 4-Gráficos comparativos entre os anos analisados no JN e BDPB



Fonte: Própria Autoria, 2023

A persistência das práticas e estratégias utilizadas pelo telejornalismo mesmo no pós-pandemia denota que a COVID-19 exigiu uma rápida adaptação dos meios de comunicação, incluindo o telejornalismo, para que pudessem continuar a fornecer informações precisas e atualizadas ao público. Isso levou à adaptação e implementação destas novas práticas e estratégias que se mostraram eficazes não apenas durante a crise, mas também além dela.

Além disto, a pandemia acelerou a digitalização em muitos setores, incluindo o jornalismo e as práticas adotadas durante este período se mostraram eficientes e econômicas para as empresas, resultando em sua continuidade mesmo após o fim da pandemia.

8. CONSIDERAÇÕES

Há 15 anos Castells (2008) previu que a comunicação de massa passaria por significativas transformações em decorrência da difusão da internet, da comunicação sem fio e da web 2.0, referindo-se a uma internet mais participativa, fenômeno que o autor conceituou de mass self-communication ou comunicação de massa com maior intervenção dos cidadãos.

Diante de tantas limitações impostas por uma pandemia global, iniciamos o presente estudo com muitas inquietações quanto às rotinas produtivas até o resultado do produto jornalístico final exibido aos telespectadores. E ao longo da pesquisa podemos comprovar que, de fato Castells tinha razão, a tecnologia e os dispositivos móveis conectados a internet transformaram a maneira de fazer telejornalismo e a pandemia global da COVID-19, juntamente com seus impactos, memórias e dores, representou um momento histórico sem precedentes na humanidade. proporcionando uma divisão na comunicação e deixando, para além da marca²⁴ de 703.964 mil vítimas fatais no Brasil (10.563 somente no estado da Paraíba), um legado a ser perpetuado pelo telejornalismo.

Das práticas adotadas, apenas a utilização de máscaras pelos repórteres e uso do microfone auxiliar em entrevistas, foram descontinuadas, o que nos leva a considerá-las medidas pontualmente de segurança. Em contrapartida, a geração de conteúdos remotos, como entrevistas gravadas ou ao vivo por videochamadas, entrevistas gravadas com aparelhos smartphones e imagens captadas por entrevistados e telespectadores para imagem de apoio, passaram a integrar um novo modo de fazer telejornalismo e continuam sendo usadas com recorrência.

Outro resultado que merece destaque é a quebra de paradigmas técnicos e ampliação de vozes e temáticas, através das entrevistas por vídeochamadas, transgredindo limites territoriais. Com isso, tornou-se possível que produções regionais como o Bom Dia Paraíba tragam personagens, profissionais ou destaques da programação nacional, como na entrevista ao vivo com o jornalista e apresentador Pedro Bial, direto de São Paulo, por meio das ferramentas de videochamadas.

²⁴ De acordo com o site Coronavírus Brasil (junho de 2023).

A utilização de imagens enviadas por não-profissionais, que já era uma realidade antes da pandemia da COVID-19 com os registros enviados pela audiência, mas com o isolamento foi possível perceber uma ampliação nesta colaboração, com imagens de apoio produzidas pelos próprios entrevistados, prática que permaneceu mesmo na pós-pandemia.

Ferramentas e aplicativos de troca de mensagens, como o Whatsapp, também já estavam integrados à rotina produtiva do telejornalismo, mas se potencializaram na pandemia, aliados a aplicativos de videochamadas e videoconferências como Skype, Google Meet e Zoom que permanecem sendo utilizadas nas entrevistas remotas.

Como a ascensão do acesso a internet e a ampla aceitação de vídeos amadores, populares por plataformas como Youtube, Tiktok e Instagram, os telespectadores já se adaptaram à estética e à produção antes tida como amadora. O que nos faz refletir sobre essa lógica do amadorismo, já que as imagens ditas como “profissionais”, atualmente podem ser geradas por câmeras ultramodernas de resolução 4K ou produzidas por dispositivos móveis, como aparelhos smartphones, e no produto final tudo é telejornalismo. Aliado a esse fenômeno há também interesses econômicos das empresas e emissoras em adotar práticas e estratégias que gerem maior receita e economia.

A exemplo disto, em abril de 2023, a GloboNews²⁵ anunciou que seus repórteres passarão a usar celulares nas participações ao vivo. A adoção do que ficou conhecido como "kit mojo", composto por aparelho de smartphone, acesso a dados móveis de internet, suporte de estabilização e microfone é uma evidente consequência da adoção desta nova estética, que no que tange a produção de conteúdo traz instantaneidade ao telejornalismo, mas na questão de recursos humanos, tem dividido opiniões entre os profissionais, já que a prática, que já vinha sendo usada em coberturas internacionais e se entendeu as coberturas nacionais, elimina a figura do cinegrafista e atribuiu ao repórter múltiplas funções, gerando economia de tempo e recursos para as empresas.

Para além de aparatos técnicos, diante dos desafios impostos por uma pandemia global, vale a pena também destacar o caráter controvertido que este momento representou, afetando inclusive a presente pesquisa, em diversos aspectos.

Ainda que uma pandemia global representasse para o jornalismo um marco relevante, algo fascinante sob a ótica do ofício de narrar a história que, em breve, estará nos

²⁵<https://www.metropoles.com/colunas/paulo-cappelli/reporteres-da-globonews-passarao-a-usar-celular-para-se-filmar-ao-vivo>

livros didáticos das futuras gerações, representou também um momento de muito temor e incertezas. Afinal, as vidas dos profissionais, das fontes entrevistadas, dos colegas de profissão e de familiares estavam em risco, o que exigiu muito do emocional dos profissionais, em adição a rotina diária de divulgação do número de mortos, que se multiplicava a cada dia, e os ataques por parte de gestores públicos e apoiadores.

Igualmente, o trabalho remoto que ao mesmo tempo facilitou a produção de conteúdo, possibilitando entrevistas com personagens de outras localidades, por exemplo, em outras circunstâncias também limitou a execução de entrevistas, quando feitas com respostas pré-gravadas.

O desdobramento dos profissionais ao assumirem outras funções, tornando-se responsáveis por atribuições técnicas exercidas por outros profissionais, ao mesmo tempo que possibilitou dinamismo a produção de conteúdo, também sobrecarregou profissionais e aventou reflexões sobre a precarização da atividade e possíveis ameaças a postos de trabalho, a exemplo dos repórteres cinematográficos, que podem num futuro simplesmente desaparecer. Dentre outros fatores que instigam maior aprofundamento e novas pesquisas, não apenas para produções nacionais, como o *Jornal Nacional*, mas também em produtos regionais, a exemplo do *Bom Dia Paraíba*.

Ademais, compreendemos que a pandemia da COVID-19 ao forçar o telejornalismo a se adaptar às limitações impostas pela circunstâncias ultrapassou o âmbito de fato histórico para representar um marco na produção telejornalística, com novas práticas e estratégias que impactaram amplamente não apenas o cotidiano da produção e a entrega final, mas principalmente seus profissionais. Em outras palavras, a pandemia da COVID-19 nos apresentou um novo telejornalismo que precisou descobrir e redescobrir novas opções de produção viabilizadas pela tecnologia, mas que como qualquer ecossistema vivo permanecerá em constante transformação, o que nos instiga a permanecemos vigilantes na produção de novas análises e pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Leonel Azevedo de. ANDRADE, Ana Paula Goulart. **As imagens de vídeos amadores e de vigilância no telejornalismo: um estudo sobre as práticas jornalísticas contemporâneas**. Revista Pauta Geral. Vol.6.2019.

AUGÉ, M. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papirus, 1994.

ANDERSON, Chris. **A cauda longa**. Do mercado de massa para o mercado de nicho + Free: grátis: o futuro dos preços. Tradução Cristina Yamagami, Afonso Celso da Cunha Serra. 1 ed, Rio de Janeiro: Elsevier: B2B, 2015.

ARAÚJO, Gilvan Ferreira De. **Telejornalismo da história às técnicas**. Ed. InterSaberes, 2017.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Edição 70. São Paulo, SP: Editora Almedina Brasil, 2016.

BREED, Warren. **Controle social na redação: uma análise funcional**. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega Editora, 1999.

BONNER, William. **Jornal Nacional: modo de fazer**. São Paulo: Globo, 2009.

BORDENAVE, Juan E. Díaz. **O que é comunicação**, 2017.

BOTELLO, Nelson Arteaga. **Orquestração da vigilância eletrônica: uma experiência em CFTV no México**. In: BRUNO, Fernanda, KANASHIRO, Marta, e FIRMINO, Rodrigo (Orgs). **Vigilância e visibilidade: Espaço, tecnologia e identificação**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRASIL, Antônio Cláudio. **Telejornalismo Imaginário**: memórias, estudos e reflexões sobre o papel da imagem nos noticiários de TV. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2012.

BUCCI, Eugênio. **Brasil em tempo de TV**. São Paulo: Boitempo, 1997

CANAVILHAS, João. SATUF, Ivan. **Jornalismo para dispositivos móveis**: produção, distribuição e consumo. Livros LabCom. 2015.

CASERO-RIPOLLÉS, Andreu. **Impact of Covid-19 on the media system**.

Communicative and democratic consequences of news consumption during the outbreak. El profesional de la información, v.29, n.2. Disponível em:

<https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=359413>, acesso em 22. jan. 2022

CASTELLS. Comunicación, poder y contrapoder en la sociedade. Telos: Revista, n. 75, 2008. Entrevista. Disponível em: <https://red.pucp.edu.pe/ridei/files/2012/07/120704.pdf>, acesso em 19.mar.2022

CARMO, Fernando Corrêa. **Jornalismo Móvel: um estudo do noticiário produzido para celulares**. São Paulo, 2008. Disponível em

<<https://static.casperlibero.edu.br/uploads/2014/02/01-Jornalismo-M%C3%B3vel.pdf>>, Acesso em: 02 mar.2023.

CERQUEIRA, Laerte. **A função pedagógica do telejornalismo**: e os saberes de Paulo Freires na prática jornalística. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2018.

COUTINHO, Iluska. O papel e as telas do jornalismo. In: **Jornalismo em tempos de pandemia: reconfigurações na TV e na Internet** / Fabiana Siqueira, Patrícia Monteiro (orgs.). - João Pessoa: Editora UFPB, 2020. 224 p. : il.

CUNHA, Sonia Regina Soares da; LIMA, Érica de Oliveira Lima. **A evolução do jornalismo televisual brasileiro: das máscaras faciais ao conteúdo personalizado**.

2020. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/publication/346446577>>, acessado em 28. jan. 2023.

EMERIM, Cárlica; PEREIRA; Ariane, COUTINHO; Iluska (orgs.). **A (re)invenção do Telejornalismo em tempos de pandemia**. 1.ed. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2020. (Coleção Jornalismo Audiovisual, v.10).

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. Editora Atlas, São Paulo, 6a ed, 2008.

GOMES, Itania; MENEZES, Mariana. **O pacto sobre o papel do jornalismo nos quatro telejornais diários da TV Globo**. Animus. V.13, p.1-20, abril 2008.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo, Ed, Aleph, 2008.

KEEN, Andrew. **O Culto Do Amador**. Como Blogs, Myspace, Youtube E A Pirataria Digital Estão Destruindo Nossa Economia, Cultura E Valores. Editora Zahar. 2009

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teorias e técnicas de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro. Record, 2008.

LEVY, Pierre. **A Inteligência Coletiva**: Por uma antropologia do do ciberespaço. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

LIMA, Fernando Barbosa. **Nossas Câmeras são seus olhos**. 1ºed, Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

LIMA, V.; BEZERRA, V. **Jornalismo e Jornalistas em Tempos de Reestruturação Produtiva**: Reflexos do Pós-Fordismos e das Tecnologias Digitais na Atividade Profissional. In: XII Intercom, Campina Grande/PB, jun. 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2010/resumos/R23-1148-1.pdf>>. Acesso em: 18 jun.2022.

LINS, Aline Maria Grego. A construção telejornalística sob o olhar processual. In COUTINHO, Iluska (orgs.). **Telejornalismo: a nova praça pública: 65 anos de telejornalismo**. 1.ed. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2015. (Coleção Jornalismo Audiovisual, v.4).

MARTINS, Maura Oliveira. A ascensão de estratégias amadoras no telejornalismo profissional. Uma nova visibilidade potencializada pelas limitações técnicas trazidas pela Covid-19. In: EMERIM, Cárlica; PEREIRA, Ariane; COUTINHO, Iluska. **A (re)invenção do telejornalismo em tempos de pandemia**. Florianópolis-SC: Editora Insular, 2020.

MEIO & MENSAGEM. **TV em tempos de pandemia:** Como a crise do novo coronavírus tem moldado a relação entre marcas e televisão. Publicado em: 04/06/2020. Disponível em: < <https://www.meioemensagem.com.br/home/opinioao/2020/06/04/opinioao-tv-em-tempos-de-pandemia.html>>. Acesso em: 8 jul. 2022.

MELLO, Edna. PRF-3 TV TUPI - Difusora e imagens do dia: o pioneirismo da televisão e do telejornalismo no Brasil. In: VIZEU, Alfredo; MELLO, Edna; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska. **Telejornalismo e praça pública:** 65 anos de telejornalismo. 1.ed. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2015. (Coleção Jornalismo Audiovisual, v.4).

MONTEIRO, Gilson. Ecossistemas Comunicacionais: os dispositivos móveis como extensão do corpo humano. In: CANAVILHAS, João; SATUF, Ivan. **Jornalismo para dispositivos móveis:** produção, distribuição e consumo. Editora Livros LabCom, 2015, p.43-61

MUSSER, J; O'REILLY, T. **Web 2.0: Principles and Best Practices.** Sebastopol: O'Reilly Media, Inc., 2007.

NETO, Antônio Pinheiro Torres. **Novas Fronteiras Telejornalísticas:** o uso das imagens de câmeras de vigilância na produção noticiosa. 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/63726/1/2021_eve_aportesneto.pdf> Acesso em: 10 jan. 2023.

PEREIRA, F.H.; MORAES, F.M. **Mas, afinal, Internet é mídia?**. Anais do 26. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Belo Horizonte-MG, setembro de 2003. São Paulo: Intercom, 2003 .Disponível em: <https://www.academia.edu/1240124/Mas_afinal_internet_%C3%A9_M%C3%ADdia> Acesso em: 10 fev.2021.

PICCININ, Fabiana; SGORLA, Fabiane. "Veja como fiz e como faço" - bastidores autenticam o real no Jornal Nacional da Rede Globo de Televisão. In: **Telejornalismo: a nova praça pública: 65 anos de telejornalismo.** 1.ed. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2015. (Coleção Jornalismo Audiovisual, v.4).

PORCELLO, Flávio A.C. **TV e poder:** as relações sombrias que ajudam a fazer a história recente do Brasil. In VIZEU, Alfredo; MELLO, Edna; PORCELLO, Flávio;

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa; TUZZO, Simone Antoniaci. **Não basta informar, tem que participar:** a inserção dos jornalistas nos novos formatos diversionais do telejornalismo. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação | v, 43, nº2 (2020) p.37-51

TUCHMAN, Gaye. **A objetividade como ritual estratégico:** uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson (org.) .Jornalismo: questões, teorias e estórias. Lisboa: Vega, 1999.

REZENDE, Guilherme Jorge. **Telejornalismo no Brasil:** um perfil editorial. SP: Summus, 2000.

RIFKIN, J. **A Era do Acesso:** A transição de mercados convencionais para networks e o nascimento de uma nova economia. Tradução: Maria Lucia Rosa, São Paulo: Makron, 2001.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e pesquisa:** projetos para mestrado e doutorado. 2ª ed. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e artes do pós-humano:** da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

SHAW, Debra Benita. (2008). **Technoculture.** The Key Concepts. Oxford: Berg.

SILVA, Fernando Firmino da. **Uso de dispositivos portáteis na produção da notícia.** Disponível em: < <http://www.jornalistasdawe.com.br/2007/08/20/2241>>. Acesso em: 14 fev.2022.

SILVA, Marcelli Alves da; MATOS, Marcos Fábio Belo. **Telejornalismo e a pandemia da Covid-19: novas práticas de produção.** 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.26807/rp.v25i111.1777>>, acessado em 28. jan. 2023.

SIQUEIRA, Fabiana; MORAIS, Patrícia. **Jornalismo em tempos de pandemia.** Reconfigurações na TV e na Internet. 2020. Disponível em: <<http://www.ccta.ufpb.br/ppj/contents/livros/jornalismo-em-tempos-de-pandemia.pdf>>. acessado em 20.ago.2022

VIZEU, Alfredo; MOTA, Célia Ladeira; PORCELLO, Flávio (orgs.). **Telejornalismo: a nova praça pública**. SC: Editora Insular, 2006.

VIZEU, Alfredo. **Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

VIZEU, Alfredo, CORREIA, João Carlos. **A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência**. In: VIZEU, Alfredo. A sociedade do telejornalismo. Petrópolis: Vozes, 2007.

WEISSBERG, Jean-Louis. **Entre produção e recepção: hipermediação, uma mutação dos saberes simbólicos**. In: COCCO, Giuseppe et al. Capitalismo Cognitivo. Rio de Janeiro: DP&A, 2003

WILLIAMS, Raymond. **The technology and the society**. In: WILLIAMS, Raymond. Television technology and cultural form. London: Routledge, 1997. p. 9-31.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

YORKE, Ivor. **Jornalismo diante das câmeras**. São Paulo: Summus, 1998.

ANEXOS

ENTREVISTA COM PRODUTOR DO JORNAL NACIONAL

1)Quais práticas e estratégias foram fundamentais para colocar o JN no ar durante a pandemia?

Toda a equipe principal do JN trabalhou de forma presencial. Tanto a produção quando a edição do jornal, incluindo apresentadores. Com exceção aos casos de risco. Foi um grande esforço da equipe, que teve que seguir normas sanitárias rígidas estabelecidas pela direção. Todos os postos de trabalho tinham à disposição material de limpeza e esterilização de computadores e teclados. Os profissionais que ficaram na redação tiveram que obedecer a um distanciamento mínimo, mantendo o posto de trabalho ao lado vazio. Ao menor sinal de sintoma gripal, eram imediatamente afastados, testados e avaliados pelo RH, depto médico e Jornalismo. Com o tempo, alguns profissionais adoeceram, claro. Uma das formas encontradas para substituir esses profissionais foi o trabalho remoto de colegas de outras Globo. Uma outra novidade na produção do jornal também foi o uso da tecnologia para realizar a rotina de reuniões do jornal. No caso das reuniões de espelho do JN, por exemplo, ferramentas de reunião virtual começaram a ser usadas, no lugar das reuniões presenciais. Outro aspecto que mudou muito a rotina das redações por conta da pandemia foram as gravações de sonoras de entrevistados para as matérias. Antes da pandemia, a prática era enviar uma equipe de repórter/produtor e cinegrafista ao entrevistado para gravação presencial. Com a pandemia, mais uma vez a tecnologia trouxe modificações: os jornais passaram a usar mais vídeos feitos pelos próprios entrevistados, pelo celular, assim como imagens também feitas por celular exibidas em redes sociais. Sempre, claro, depois de checadas que eram verdadeiras. Outras mudanças que ocorreram no telejornalismo com a pandemia: - repórteres tiveram que usar máscara;- na rua, repórteres tentavam não se aproximar dos entrevistados. As sonoras na rua eram feitas com dois microfones, um para o repórter e outro para o entrevistado.

2) O uso de tais ferramentas e práticas alterou a rotina da produção do JN, mesmo após a flexibilização do distanciamento social?

A tecnologia de trabalho remoto continuou a ser usada após a pandemia, e se mostrou bastante eficaz para algumas tarefas na redação. Na produção de conteúdo pelos

responsáveis pelo site do JN, por exemplo, alguns dias da semana ainda são feitos no formato home office. Os editores de outras Globo, chamados a colaborar remotamente durante a pandemia, continuaram a participar, no mesmo formato, nos plantões do Jornalismo no pós-pandemia. Também continuaram a ser usadas as sonoras feitas pelo celular, assim como as imagens veiculadas em redes sociais.

3) Qual o reflexo da pandemia da COVID-19 para o telejornalismo?

Acho que a principal mudança foi a noção da importância do jornalismo numa situação tão grave como a de uma pandemia mundial. Quantas vidas foram salvas graças às informações veiculadas por cientistas, médicos, infectologistas em todas as plataformas de jornalismo? E o telespectador também percebeu a importância da informação. Durante a pandemia, a maioria dos telejornais percebeu um aumento na audiência, motivado por dois motivos principais: as pessoas estavam em casa, com mais tempo para assistir TV. E os telespectadores queriam assistir aos jornais na Tv, para ter informações sobre a pandemia. Sem falar na mudança dos processos de produção, como a gravação de entrevistas remotamente, o uso de tecnologia, de imagens de redes sociais e muito de tecnologia que passou a ser usado para a produção de notícias. A formação de um consórcio de imprensa para apurar informações sobre as vítimas da doença, por exemplo, foi uma iniciativa inédita. E que pode ser usada em outros momentos.

4) O perfil dos profissionais de jornalismo sofreu alterações com a experiência da COVID-19?

O novo profissional que surge pós pandemia é: mais tecnológico, mais acostumado com ferramentas da Internet, reunindo funções que antes não exercia. Mais criterioso com as informações que se espalham na Internet.

5) Como você enxerga o futuro do telejornalismo?

Mais interativo, mais atento ao consumidor da notícia, que terá cada vez mais poder sobre o que quer, quando e como quer ver.

ENTREVISTA COM EDITORA DO BOM DIA PARAÍBA

Quando os primeiros casos começaram a surgir na China, houve inicialmente uma certa descrença de que a pandemia chegaria ao Brasil. Como os profissionais do Bom Dia PB receberam as primeiras notícias da pandemia?

A gente acreditava que chegaria (no país), por ser uma coisa que vinha acontecendo mundialmente e como o país (Brasil) não tem a cultura de criar barreiras e fortalecer, se precaver. O país não tem essa preocupação, então a gente sabia que cedo ou tarde ia chegar. E quando chegou, eu acho que, eu não posso falar pelas outras pessoas, mas a impressão que eu tive e a sensação que a gente realizou foi no automático. Porque a gente não tinha tempo de se desesperar, como as outras pessoas normalmente. E a estratégia que eu usei e que eu orientava era a gente não pensar, não pensar na questão do problema pra não ter espaço pra você se assustar, pra você ficar aterrorizado, pra você ter medo, não. Vamo tentar agir naturalmente, na medida do possível, e fazer aquilo que for possível pra seguir trabalhando e pra informar as pessoas. Porque como era uma coisa incógnita e temerosa que teve momentos terríveis de muitas mortes e muitas pessoas adoecendo, então se a gente fosse parar pra pensar e dar espaço para ter medo, a gente não trabalhava, então da minha parte eu preferir agir assim, vamo ligar no automático e vamo seguir, claro que tomando todas as medidas possíveis de precaução.

Sendo o Bom Dia Paraíba o telejornal com maior tempo de duração no estado, como foi pra vocês criar conteúdo para preencher o tempo do jornal sem ter tantos recursos, como numa situação normal?

O Bom Dia justamente por ser um jornal de longa duração, ele obriga você a ter uma criatividade maior em relação a mecanismos pra trazer assuntos e preencher essa produção. E com a COVID isso veio não só pro Bom dia, mas pra todo mundo a questão de fazer vídeo chamadas, de fazer entrevistas por Skype, de pedir vídeos as pessoas relatando as questões e pedindo imagens. Porque a gente passou a ter uma preocupação maior em pautar, o que pautar e como pautar, a gente tinha que perguntar as pessoas se elas tinham algum sintoma de COVID, se estavam adoecendo, a gente sabia que não podia ir pra frente, pra entrar nos locais de atendimento, nos locais de testagens, a gente se preocupava em fazer muito de longe, principalmente na época de pico maior. A gente sabia que as UPAS de João Pessoa, por exemplo, estavam atendendo algumas UPAS inicialmente começaram a ser restritas a COVID, depois acho que foi a maioria, e a gente não podia colocar a equipe dentro, nem na

porta porque se não corria o risco da equipe se contaminar, então fazia de longe, fazia do outro lado da rua, pra que a gente pudesse dar a informação, mas a preocupação principal era que ninguém da equipe se contaminasse.

E esse desafio com os entrevistados, com as fontes. Você sentiu que existiu alguma resistência, das pessoas de quererem dar entrevista ou querer se gravar ou foi tranquilo?

Não, não teve resistência não. Muito pelo contrário, as pessoas compreenderam, a gente tem, o Bom Dia tem vários quadros durante a semana com entrevistados e as pessoas não puderem mais vir ao estudo por conta do momento mais crítico da doença e aí fazia por Skyper, quando vinham faziam um vídeo mas não podiam entrar no estúdio, e eles sempre foram acessíveis. A dificuldade com relação a questão dessa entrevistas, nem tanto a entrevista por Skyper, porque numa entrevista você pode perguntar o que você quiser, mas nos vídeos, aí uma opinião enquanto profissional, cai um pouco o lado jornalístico de você poder perguntar, de você poder questionar uma coisa, de você poder observar o entrevistado pra saber qual a pergunta mais ideal, o que é que, se ele tá falando uma coisa e o comportamento tá sendo compatível ou não, isso a gente só faz no pessoal, no cara a cara mesmo, um pouco na rede social, pela videochamada mas não é como pessoalmente. Quando você pede vídeo você limita, você fica restrita ao que a pessoa falou, aí isso eu acho prejudicou um pouco a questão jornalística, mas foi necessário. E isso traz até hoje, depois que a pandemia diminuiu um pouco, mas você percebe que muitas coisas ainda são feitas em videochamada e ainda são feitas gravados vídeos, mas como uma herança, eu acho que é uma herança da pandemia. Porque tornou-se mais rápido, tornou-se mais prático, tornou-se mais seguro. É uma herança. Hoje com os números da COVID voltando a aumentar isso tende a voltar a acontecer se crescer mais ainda, é uma coisa que a gente tem que conviver.

Com relação a qualidade, a gente sabe que por ser uma afiliada da Globo, existe um padrão de qualidade a ser seguindo, durante a pandemia abriu-se mão da qualidade em favor da notícia, como foi pra você?

O parâmetro da gente como afiliada a gente já recebe orientações em determinados assuntos, determinados aspectos, mas o parâmetro é a rede. A partir do momento que a gente vê no JN entrando um vídeo com baixa qualidade, mas é um vídeo que é importante, o conteúdo é importante pra população e a foi a forma que foi possível de ser conseguida, aí você entende que é um mecanismo que tem que ser seguido. Aí você começa... se não tem outro jeito. Se

você por exemplo, no pico de uma pandemia, você não vai colocar seu entrevistado dentro de um hospital e você precisa falar com quem tá ali, com um médico. Até a gente durante a pandemia a gente conseguiu falar com pessoas que estavam com sintomas, mas você não vai colocar o entrevistado cara a cara, e aí se o sinal falhar, se qualidade não ficar legal, se o entrevistado não fizer na horizontal, essas coisas não impedem de você colocar a notícia não, o que é importante é o depoimento, o que é importante é a notícia.

Há alguma orientação ou manual para orientar os entrevistados no envio deste conteúdo e por onde eles eram enviados?

WhatsApp, normalmente (enviava pelo) WhatsApp. Normalmente a gente orienta, a gente passa as perguntas, no caso de vídeo, pede pra gravar na horizontal. Se der algum problema, que não for possível exibir a gente pede novamente, explica o que foi que aconteceu.

Existe alguma recomendação com relação ao cenário, a roupa que deveria usar?

Não, não. Se a pessoa for gravar pelado não vai entrar. Mas a gente não dizia isso não.

Como é lidar com as medidas de prevenção que determinam distanciamento e em alguns casos o trabalho home-office?

É um pouco complicado, pra gente inclusive, a gente com um profissional que só trabalha em casa e como a gente trabalha com TV e TV é imagem isso nos obriga a pensar melhor as pautas. Você é um repórter, você só trabalha em casa, eu não posso passar todo tipo de pauta pra você, eu sou posso passar pautas que você consiga imagens, que você consiga contato. Há uma preocupação maior, há um trabalho maior e também há um trabalho maior pra edição desse material, porque você com a equipe na rua, chegou com o cartão colocou na ilha, puxou você edita e esse material dá um trabalho imenso pra puxar, porque vem, demora pra puxar o material, demora pra encontrar tudo, e isso atrasou muito o nosso processo, isso prejudicou muito, limitou as nossas possibilidades em relação a uma equipe e um profissional, mas por outro lado nos obriga, por que tudo na vida tem seu lado positivo e seu lado negativo, pelo menos a maioria, normalmente eles não têm muita dificuldade não porque os horários são definidos, quando tá pra tv tá pra tv, quando tá pra rádio tá pra rádio, normalmente a gente, enquanto editor, não tem essa dificuldade. O repórter ele tem sim essa preocupação, a gente tem grupos da empresa (no WhatsApp), um desses é a convergência, então o repórter que tá

na rua fazendo determinada reportagem pra TV ele já vai fazendo vídeos e fazendo fotos e vai jogando no grupo da convergência, porque já pode abastecer o G1, pode abastecer a rádio, não só a TV. Pode adiantar o processo da TV porque às vezes a gente não consegue o sinal rápido com as nossas mochilas, mas aí grava um stand up pelo celular e vai desenrolando, vai seguindo a vida com o que tem.

A âncora do Bom Dia Paraíba ficou grávida durante a pandemia e um home-studio foi montado para que ela participasse do programa de casa, como foi esse desafio pra vocês?

Foi complicado porque enquanto editora me obriga a pensar uma entrada que faça sentido, e que não seja aleatória. Por que a âncora tá entrando assim? Por que a âncora tá entrando assado? Então nos obriga a redimensionar a melhor maneira dela entrar, com qual conteúdo ela vai entrar, pra não ficar uma coisa chata pra não ficar uma coisa desnecessária, dá um pouquinho mais de trabalho, mas também nos obriga a pensar, só mais nesse sentido.

O que fica de herança da pandemia no jornalismo?

Engraçado é que a pandemia fez o Bom Dia Paraíba lembrar ou descobrir que é possível passar as fronteiras do estado, como ele é imenso e a gente tinha que apostar em entrevistas, porque senão não preenchia, não tinha como fazer porque as limitações limitavam os vivos, as entrevistas no estúdio, limitavam tudo, então vamos apostar no Skype e aí a gente começou a pensar fora da caixa, a pensar fora das nossas fronteiras e aí a gente começou a ver pessoas de destaque nacional e que estavam na mídia e que poderiam talvez nos atender e felizmente a gente teve um bom retorno e até hoje perdura, por exemplo, Ana Scobar era do Bem Estar, que hoje está dentro do É de Casa, que é uma excelente profissional que agrega junto aos profissionais daqui informações importantíssimas e ela nos atendeu e até hoje ela nos atende, sempre que possível, muito bem. Aí a gente entrevistou infectologistas, começamos a ampliar nosso leque de entrevistas, grandes empresários, como Luiza Trajano, dona da Magalu, entendesse? A gente pensou, rapaz vamos apostar, vamos tentar, o que normalmente a gente não tentaria porque como é um jornal local, normalmente a gente busca nossas informações, mas aí a gente percebeu que é possível sim a partir dessas pessoas que estão no cenário nacional, trazer também informações que nos interessam, informações relevantes. E aí a gente traz até hoje infectologista de São Paulo pra falar sobre a COVID, a gente entrevistou médico paraibano que trabalha no Instituto Butantã, dentro do contexto da COVID, paraibanos que tomaram vacina pela primeira vez no exterior, então a gente abriu

um mundo, então a gente abriu um mundo, a gente descobriu que poderia fazer esse leque de entrevistas, esse leque de troca de informação através da internet que a gente nem imaginaria se fosse a pandemia.

Neste período, houve alguma situação em que a tecnologia falhou, prejudicando o andamento do telejornal?

No jornal diário e um jornal imenso isso acontece quase todos os dias. (risos) Quem tá em casa não percebe porque a gente tem o hábito de não chamar aquilo que pode cair. Então é quase todo dia que a gente tem problema com o vivo, que a gente tem problema com internet. Que marca com o entrevistado, mas infelizmente a internet não dá condição. Não teve esse que tenha me marcado, porque isso é algo que acontece, infelizmente, quase todo dia. Aí a gente vai... Quem trabalha em TV sabe que tem que ter o plano A, plano B, plano C e quem trabalha no Bom Dia, que é imenso, aí tem que ter o alfabeto inteiro, né? De possibilidades pra poder desenrolar e continuar com o programa. Mas não é uma coisa que marcou severamente nem de positivo, nem de negativo, não. Eu achei interessante a entrevista da dona da Magalu, porque foi um ano tentando, aí assim, a gente nem imaginava que poderia conseguir e conseguimos, e conseguimos tantos outros que a gente nem imaginava que iriam atender. Tinha um entrevistado que é paraibano, um psicólogo, que vivia em Fátima, eu sou péssima de nomes, na hora eu não me lembro nenhum, mas ele participava muito do programa encontro e aceitou conversar com a gente e quase que toda semana estava com a gente e isso foi muito positivo, em relação a conteúdo, porque não é só preencher, né? A gente não tapa buraco, a gente tenta trazer o máximo de informação que consideramos relevante pra o telespectador e foi bom.

E com relação a esse aspecto educativo que o telejornalismo teve no período da pandemia, como isso foi tratado no Bom Dia?

Eu acho que foi essencial, o trabalho da gente é informar, alertar, indicar caminhos de acordo com especialistas, porque a gente em quanto jornalista a gente não tem uma informação gabaritada por nós, nós gabaritamos por profissionais. É por isso que a gente escuta médico, é por isso que a gente escuta advogado, é por isso que a gente escuta o especialista. Porque não somos nós jornalistas que detemos aquela informação. A informação ela precisa ser gabaritada, ela precisa ser verdadeira naquele aspecto. E eu acho que o jornalismo profissional é essencial nesse aspecto porque ele busca a fonte correta, a fonte ideal pra

orientar você e não o achismo, entendeu? Então diante de uma pandemia, você tem que buscar informação mais precisa, informação de um médico que estudou pra isso, eu não estudei pra dizer nada a ninguém na área de saúde, então eu não posso achar nada, eu posso perguntar o médico o que é mais indicado, o que é que oriente as pessoas. E foi um trabalho árduo e um trabalho necessário, porque as pessoas durante a pandemia não queriam mais nem saber de pandemia e teve muita fake news. E ficavam criticando a gente porque a gente ficava o tempo todo "use máscara", "vá se vacinar", e eles criticavam. Eu vi na rede social uma pessoa, telespectador ou não, (dizendo) que era o "Bom Dia Covid" (risos), que ele não aguentava mais em assistir o "Bom Dia Covid". Mas assim, eu não posso me preocupar exclusivamente... claro, a gente tem uma meta de atingir o máximo de audiência, mas a nossa responsabilidade social é maior. Então eu não posso me preocupar se fulano tá cansado de ver Covid ou não porque a minha obrigação de alertar a população é maior do que isso, aí a gente tem que ponderar sempre o social é sempre aquilo que impacta maior as pessoas, eu não posso me preocupar em ter audiência. É o que diferencia a gente, em relação... é o que diferencia o jornalismo profissional das pessoas que ocupam esse espaço sem essa compreensão, sem essa qualificação, sem esse desejo. Porque a gente... não é fácil, não é um trabalho fácil.

ENTREVISTA COM ÂNCORA BDPB

Como você lidou com o início da pandemia?

Em fevereiro de 2020 eu fiz uma viagem pra Turquia, Holanda e Bélgica, os primeiros casos já tinham surgido na China mas já tava tudo certo pra viagem e eu lembro que a minha editora chefe disse: tem cuidado visse, usa máscara. Mas assim, não tinha chegado no Brasil ainda, era início de fevereiro quando eu viajei e eu fui de boa. Eu sinceramente achei que iria ficar por lá mesmo, assim como outros casos que aconteceu com outras doenças, e que eu ia voltar e que ia dar tudo certo. Assim que eu voltei, era no meio de fevereiro, começaram as histórias aqui no Brasil e de repente em março tudo fechou. Então assim, foi assustador pra mim porque eu tava em locais de risco, em aeroportos, perto de pessoas que poderiam estar transmitindo o vírus, mas eu e as pessoas que estavam comigo, meu marido e minha cunhada, ficaram livres. Mas assim, eu levei álcool em gel e usava máscaras em locais com mais aglomerações, mas eu não acreditava que iria chegar a um ponto desse. E foi muito apocalíptico. Você chegar na redação e a metade do povo está em casa, porque eram grupo

de risco. Ter pouquíssimas pessoas, pra pensar no jornal só a gente ali e eu pensava: Meu Deus, será que eu vou morrer aqui? Eu só pensava na minha mãe, eu estou há 300 km de distância dela e nessas horas a gente só pensa na mãe. Eu vou morrer aqui, longe da minha mãe? Isso passava muito na minha cabeça. Mas acabou que as coisas estão melhorando. Eu lembro da gente, freneticamente, todos os dias dando os dados de mortes. Eu lembro da primeira morte, que foi uma luta pra gente confirmar, aqui na Paraíba. Uma médica confirmou pra gente, e a gente ficou naquela luta com a Secretaria de Saúde, pra confirmar e tudo mais, pra saber se realmente era ou não. Tivemos que esperar os resultados dos exames, e por ser o primeiro (caso) foi muito impactante. Mas a sequência de todos os dias aqueles números crescendo, crescendo e crescendo. Isso me deixava muito angustiada, tanto que eu tenho certeza, embora não tenha confirmado, que eu tive os primeiros sintomas de ansiedade. Porque eu ia dormir com o coração super acelerado, batendo na garganta, como se diz, eu não conseguia respirar antes de dormir. Eu demorava muito pra dormir, e eu conversava com os amigos e eles diziam: esses são sintomas de ansiedade. E eu acredito que sim, porque a gente ficava todos os dias ali atualizando as pessoas, nós enquanto jornalistas tínhamos a responsabilidade de ter que passar informação, só que a gente é humano. A gente se decepciona, a gente fica triste, a gente fica apereado, e quando eu vi aqueles casos de pessoas morrendo, principalmente os mais velhos, volto a dizer que eu só pensava nos meus. Pensava no meu pai que tem mais de 70 anos, meu sogro que tem 75, pensava na minha mãe, que é professora. Ficava pensando em cada um que poderia estar correndo o risco maior de pegar essa doença e morrer, então pra mim, sempre foi assustador a cada dia, como eu falei, freneticamente atualizando todo dia, atualizando dados. Aquilo ali me assustava muito, e me assusta até hoje.

Qual foi o papel do telejornalismo durante a pandemia?

Foi crucial, essencial, como dizem. A gente escutava tanto "serviços essenciais", "só os essenciais estão acontecendo", "só os essenciais podem abrir", e o jornalismo é e foi essencial. Eu senti muito orgulho de ser jornalista nesta pandemia. Tenho duas versões, a antes de estar grávida e depois de estar grávida. Eu ainda trabalhei uns 6 meses dentro da pandemia, sem estar grávida e eu saí de casa achando que eu ia pra uma batalha, para uma guerra. Saía na rua e não via ninguém, eu saía às 4 da manhã, que é um horário que já não tem muita gente na rua, e na pandemia tinha menos ainda. E ia apresentar o Bom dia Paraíba sem saber o que ia acontecer da minha vida, com a minha família longe, lá em Pernambuco,

pensando na minha mãe e indo trabalhar com o coração na mão, tendo que falar sobre um vírus que ninguém sabia o que era, tendo que fazer um conteúdo bom para o telejornal sem poder chegar perto das pessoas, pela questão do distanciamento. Então, como a Globo de última hora aumentou o tempo do Bom Dia Paraíba, que eram duas horas e na pandemia foram duas horas e meia de telejornal, então a gente ficou perdido. E agora? Como encontrar conteúdo se não tem ninguém na rua, se não pode chegar perto das pessoas? Então aí, a equipe se uniu, boa parte em home-office, eu estava presencial porque eu não era grupo de risco até então. E aí tivemos que ter várias ideias, então aquilo ali me encheu de orgulho. Eu pensava: Nossa! A gente tá fazendo um bom jornalismo, lidando com algo tão difícil, tendo que atualizar as pessoas e tendo que buscar vários caminhos. Então assim, eu acho que nesta pandemia, sem o jornalismo as pessoas não teriam sobrevivido.

Você descobriu que estava grávida durante a pandemia, como foi vivenciar essa experiência aliado ao trabalho e ao cenário pandêmico?

Eu sempre quis ser mãe, mas eu não estava tentando ainda ser mãe. Mas meio que escapuliu e aconteceu. Foi uma surpresa, eu achei que quando eu visse lá o resultado positivo do exame eu ficaria pulando de alegria, mas na verdade eu fiquei muito preocupada. Quando eu vi lá o teste de farmácia eu fiquei preocupada e eu não conseguia ficar feliz, porque eu pensava na pandemia, pensava no meu trabalho, pensava em tudo. Até que o meu marido me acalmou e disse: já tava na hora, a gente queria um herdeiro ou uma herdeira, tenha calma vai dar tudo certo. Enfim, já eram os hormônios da gravidez me perturbando, mas aí, meio que a ficha veio cair depois. Eu achei que eu ainda conseguiria trabalhar, nem que fosse só apresentando o jornal e voltando pra casa, só que o risco na época era muito alto. Uma pesquisa feita no ano passado mostrou que a cada 10 grávidas que morreram no mundo por covid-19, 8 eram no Brasil. Então eu não podia me arriscar desta maneira, nem arriscar a vida da minha filha, que na época eu ainda nem sabia que era menina. Então eu não podia fazer um negócio desses, então eu conversei muito com a minha família, com o meu marido, com os meus colegas de trabalho, e todo mundo dizendo: você tem tantos anos de carreira, se dedicou tanto, o momento agora é de se guardar, se proteger e ter calma. Então, assim confesso que eu fiquei muito ansiosa, fiquei muito frustrada também porque eu queria trabalhar e até então a gente tinha a ideia de que o trabalho do apresentador de jornal não tinha como ser home-office, mas depois a gente viu que era possível como o home-studio

aqui em casa, mas enfim, nunca é a mesma coisa. Mas acabou que deu tudo certo. A gente se preocupa tanto, sem necessidade. Mas deu tudo certo.

E como foi lidar com a experiência de apresentar o telejornal de casa?

Foi uma surpresa maravilhosa, que a empresa disponibilizou pra mim. Eles tiveram essa ideia, e me disseram: a gente quer mostrar você da sua casa todos os dias. Na hora eu pensei: Nossa! Mas como é que vai ser isso? Porque a gente faz o jornal e sabe que fechar um link de qualquer lugar da cidade não é fácil, as vezes cai, chove, enfim e você ter um link fixo, durante um telejornal longo de 2 horas e meia, de dentro de um apartamento. Vai arriscar? Você vai confiar na internet? Bora lá! Então a equipe confiou e trouxeram todos os equipamentos pra cá, minha sala ficou cheia de fios, um emaranhado de fios de câmeras, e de todo tipo de equipamento que você imaginar, instalaram uma internet melhor pra fazer essa interligação com a TV Cabo Branco e de lá pra toda Paraíba, e aí eu consegui dessa maneira poder conversar com os paraibanos, todos os dias. Então assim, realmente eu aprendi a fazer enquadramento, aprendi a ligar todos os equipamentos dos links, a testar o microfone, a fazer tudo sozinha. Porque tinha um técnico que às vezes me ajudava, mas na maioria das vezes só tinha eu, então eu tinha que me virar e acabei meio que me acostumando. Então, era bem engraçado, eu acordava de camisola mesmo abria o computador, atualizava o jornal, ia lá pra dentro, trocava de roupa, maquiagem e voltava pra sala da minha casa, e assim foi durante toda a gestação, praticamente os nove meses, oito meses e meio eu acho, aqui na minha sala, a frente do Bom Dia Paraíba e trazendo tanta informação, foi uma experiência única. Eu sou muito grata a empresa que confiou em mim e que investiu nisso, né? Foi o primeiro home-studio da Paraíba, não tinha um desses antes. No Globonews, na própria Globo tem muitos comentaristas que conversam de casa, mas um apresentador era mais difícil e acabou que deu certo.

E como era a rotina do home-office para uma âncora de telejornal?

Então, eu apresentava o jornal, depois do jornal eu tomava meu cafézinho e produzia uma reportagem de casa, com o meu celular mesmo, entrevistei dezenas de pessoas por Skype, fiz várias matérias daqui de casa, e eu ainda pensava: mas eu posso dar mais. Mas eu não tinha como dar mais de dentro de casa. O que eu podia eu falava com as meninas da produção, mas não é a mesma coisa que algo pessoalmente. Uma reunião de pauta é maravilhosa, cada um dá a sua dica, o pessoalmente, o cara a cara, olho no olho é

maravilhoso. E ainda bem que essa pandemia aos poucos está melhorando pra que a gente volte a isso, mas eu me senti insegura nesse sentido de achar que minha carreira ia dar uma estagnada e que eu não ia conseguir ir pra frente. Mas logo depois eu vi que não tinha nada a ver, que era só um período de pausa, e que eu posso muito bem retomar depois e de uma maneira muito melhor do que antes.

Como você enxerga o telejornalismo no pós-pandemia?

O jornalismo é outro, é cheio de possibilidade. Não existe mais aquela coisa de: Ah, não vai dar pra entrevistar fulana porque ela tá lá no Paraguai, dá sim. Dá pra mandar vídeo, dá pra fazer Skype, dá pra fazer tudo, então assim, essa pandemia, apesar de tudo, aproximou as pessoas, pela internet, pelas redes. Todo mundo tá online agora, e dá sim pra aproximar, e dá pra pensar em outros tipos de conteúdo. E quanto ao lado humano do jornalista se sobressaiu muito neste momento, a gente viu repórteres emocionados, apresentadores também, por que em um momento como este a gente via a morte na nossa frente diretamente. Então, eu percebi que as pessoas estavam tirando mais aquelas capas de jornalista sério e não transparecendo emoção, mas pelo contrário a pandemia veio pra mostrar que o jornalismo tende a ser cada vez mais emotivo, com histórias mais fortes e se aproximando muito mais das pessoas. Por que a gente descobriu na pandemia, inúmeras formas de fazer jornalismo agora, por que fomos pressionados, a gente ficou na berlinda, então colocamos a cabeça pra pensar e conseguimos. Estamos fazendo até hoje. Produzindo conteúdo bom, com informação com credibilidade, mesmo com os empecilhos que a pandemia nos criou, que é o distanciamento e tudo mais.

E como pessoa, acho que a valorização da vida, a valorização da família, a valorização da ciência, como um todo, a valorização de coisas simples que a gente não valorizava antes. Eu acho que a gente vivia numa correria desenfreada tão grande, pra ganhar, pra estar, pra crescer, que não tinha necessidade e a gente percebeu nessa pandemia, com o risco de perde quem a gente amava que o que mais vale é o amor, é a amizade, o carinho. É aquele momento único que não volta mais, eu acho que a pessoa que sou hoje pós-pandemia, é essa que valoriza os momentos, que valoriza as pequenas coisas, que vai correr bem menos, eu não tenho mais pressa, antes eu tinha muita pressa, eu queria viver, eu queria lutar, claro que eu vou continuar lutando pelos meus ideais, mas assim, com muito mais tranquilidade e serenidade, Hoje sei que não tem necessidade de você se estressar demais não por que tudo passa.

ENTREVISTA COM REPÓRTER BDPB 1

Como você lidou com o início da pandemia?

Em março, mesmo com o fechamento, os primeiros casos, a primeira morte, eu pessoalmente imaginava: não, tá essa situação, começou na China, mas eles construíram hospitais, dizem que estão controlando já alguma coisa. A situação tá muito feia na Itália e começando a chegar em outros países. Algumas pessoas diziam que em países de clima tropical talvez o vírus não se comportaria da mesma forma. Então eu achava que era algo que com um ou dois decretos, um mês parado e a gente tomando alguns cuidados não ia chegar aqui como estava sendo lá. Só que a coisa foi só piorando, então no início eu tava naquele otimismo de ser algo mais brando e que não iria alterar tanto a rotina da gente, mas aí foi tudo aquilo que a gente acompanhou. E como eu tava acompanhando o processo muito todo dia, na rotina do jornalismo, acho que algum mecanismo psicológico que a gente tem que a gente vai meio que se acostumando com essas cenas e eu não tive esse choque nesse momento assim, eu tive um choque maior quando eu comecei a perder pessoas próximas, gente da minha cidade (que eu sou de Pesqueira-PE), então um amigo do meu pai morreu, e depois principalmente quando minha tia morreu, irmã do meu pai. Ela foi pro Recife, passou só três dias e morreu. Aí, quando vai chegando perto da gente, na família da gente, nos amigos da gente é quando a gente diz: Caramba! eu tô sentido o que aquelas pessoas com quem eu falo e entrevisto, estão sentido. Então, aí eu não tinha nenhuma barreira, nenhuma armadura psicológica pra me proteger. Essa que a gente usa no jornalismo pra poder entrar em cena de crime, pra poder ver um acidente, pra numa entrevista ao vivo talvez confrontar um político, alguma coisa desse tipo. Tudo isso a gente tem uma armadura que a gente usa pra esses momentos, mas ali a minha caiu. Porque o ser humano e o jornalista ali eles eram um só. E aí foi o momento, metade do ano passado em junho, que isso aconteceu e eu (...) realmente deu uma estremeçada.

Com a pandemia da Covid-19 impactou no telejornalismo?

Mesmo antes da pandemia, nós já vínhamos num processo de carência muito grande de fortalecimento do jornalismo profissional, frente a essa ampla divulgação de informações, nem sempre notícias, mas muitas informações através das redes sociais, do Whatsapp e de

outros aplicativos de mensagem instantânea. Então, essa grande circulação de informações fez com que as pessoas passassem a se informar bastante por esses meios e nem sempre dessem a mesma credibilidade ao jornalismo profissional. Então a pandemia, acentuou a necessidade de você ter equipes de jornalismo com a capacidade de trazer esse material cada vez mais profissional, mais pautado em fontes confiáveis, na ciência, em se tratando dessa questão da pandemia e da saúde pra a gente está orientando a população. Então até hoje, do primeiro dia da pandemia, desde o primeiro fechamento em março de 2020, até o dia de hoje, a imprensa séria, os jornalistas profissionais sempre estiveram do lado certo. Porque estavam do lado do que a gente tem de palpável, do que é confirmado, pelo menos confirmado até então. Se há alguma coisa diferente do que a gente tá falando é porque alguém ainda não ratificou, ainda não é consenso nem na ciência mundial, nem em outros meios, então por isso a gente não pode afirmar. Então, a gente vai defendendo o que a ciência, o Ministério da Saúde, a secretaria de saúde, as pesquisas internacionais. E a gente levou muita pedrada por conta disso. Por que quando você defende algo, sempre tem pessoas que defendem outra coisa, por questões ideológicas também. A gente enfrentou muito isso, além da correria, de a gente ter trabalhar num ritmo ainda mais acelerado, de checar ainda mais as informações, sofrer esta incompreensão, essa ignorância de ser xingado na rua, de quase apanhar. Uma vez eu quase apanhei na Empasa, sem dizer uma só palavra pra um cidadão, pela simples presença da nossa equipe lá. De ter entradas ao vivo atrapalhadas, enfim, todo o tipo de situação. Então, eu acho que a grande marca, a grande importância do jornalismo neste período foi justamente a gente não abrir mão de fazer a coisa mais profissional possível e enfrentar tudo que a gente vem enfrentando pra não arrefecer dessa missão.

E como foi a rotina de produção durante os momentos mais críticos da pandemia?

Ao contrário do que muitas pessoas até denunciavam, que a TV só falava nas mortes, todas falavam, mas a Globo e as afiliadas ficaram taxadas como se a gente tivesse prazer em noticiar aquilo. E na verdade, as pessoas não sabem o tamanho do incômodo que é você chegar na redação e perguntar como foi o boletim do dia e responderem que foram mais trinta e cinco mortes. E a gente, caramba! E todos os dias os números aumentando, todo dia aumentando. E aqui ou acolá alguém conhecido, um entrevistado, alguém que a gente entrevistava direto, um profissional de saúde, um profissional de alguma área administrativa, um político, um secretário. Aqui ou acolá sempre tinha alguém assim, conhecido. O filho do dono da empresa, foi um dos primeiros no ano passado, a morrer aqui no estado. Nós

perdemos um rapaz do setor de TI também, já este ano, o Dejackson, que estava ali direto, ajudando a gente com os computadores. Então, sempre tinha alguma coisa próxima acontecendo e isso vai massacrando você, isso vai lhe consumindo um pouco. A sorte é que a gente tem família, eu tenho filhos, e a gente vai se amparando. Eles criam as necessidades, as demandas deles bem alheios a tudo isso que está acontecendo, então a gente mergulha um pouco no mundo deles pra poder esquecer o que acontece no nosso mundo. Então, acho que cada um buscou na sua fonte própria uma maneira de não sentir tanto esse impacto, porque na realidade se a gente for assimilar tudo isso, todos esses números, e tudo que a gente notícia, a gente vai adoecendo também.

Como foi lidar com as críticas do público, diante de um momento atípico e ainda polarizado politicamente?

Eu acho que isso só contribuiu para o agravamento de toda a situação, por que quando você tem diante qualquer problema, seja na nação ou dentro da sua casa, pessoas que convergem pensamentos para resolver a situação tende a ser um pouco melhor ou pelo menos menos ruim, por que tem uma força conjunta, todo mundo pelo mesmo objetivo. Agora quando por cima do problema você ainda tem briga e tudo mais aí as coisas tendem a piorar e eu pensava: meu Deus a gente tá aqui trabalhando, a gente tá aqui com números reais, com situações reais acontecendo a nossa volta e ainda tem pessoas acusando de estarmos alarmando ou tentando criar alguma coisa. Quando cai um avião, podem ser 10 pessoas, caiu o da Chapecoense, sei lá cento e poucas, aquele da Tam, 199, é uma notícia que choca todo mundo, que fica nos noticiários durante semanas e meses até, até que se ache a causa do acidente, os processo da investigação, com um único acidente, com essa quantidade de mortes de uma só vez e a gente chegou a ter mais de 3 mil mortes em único dia, e durante meses, e ainda haver esse discurso de quem quer que seja está alarmando a população. Imagine mil, dois mil caixões, um ao lado do outro todo santo dia, duas mil famílias perdendo pessoas e chorando, isso é a mídia querer alarmar? Então, isso é de um absurdo, de uma desumanidade sem tamanho, de uma desonestidade não só intelectual, mas de uma atrocidade muito forte, então eu acho que esse discurso que até parou-se um pouco de ser reproduzido diante dos quase 600 mil mortes. Ou seja, precisou chegar a esse número para que parassem de acusar a imprensa de alarmista, de uma entidade que esta gostando das mortes que estava acontecendo, porque isso supostamente jogaria a culpa pra alguém. Não! Quase 600 mil mortes, são números, são vidas, são fatos e isso é indiscutível.

E como foi se adaptar às novas rotinas?

Eu passei oito meses com cuidados extremos. Na redação da TV foram instalados divisórias de acrílicos, para que a gente não ficasse de frente um pro outro, pra diminuir o risco de qualquer tipo de contágio. Álcool pra todo lado, até hoje, assim que a gente chega pra sentar numa mesa é necessário limpar e higienizar tudo. No carro da reportagem tem mais um pulverizador de álcool, pra gente limpar volante, portas, bancos, tudo, tudo. Saiu, gravou com alguém, a pessoa usou um segundo microfone, terminou mais álcool no microfone. A gente já chegou a danificar equipamentos porque a gente põe álcool sem economia. Nas mãos direto, já cheguei a ficar com as mãos descascando de tanto álcool que eu usei. E quando volta pra casa vou direto pra dispensa, tira a roupa, sapato e corre pro banheiro antes de chegar perto de qualquer pessoa, antes de tocar nos filhos e mesmo assim, depois do oito meses não sei como, porque eu fui a única pessoa em todos os ambientes que eu frequentei e sempre de máscara, sempre tomando esses cuidados todos que eu citei e mesmo assim eu contrai o vírus e acabei passando pra minha esposa e meus filhos, inclusive um recém nascido de dois meses, o que nos obrigou a ficar em confinamento durante duas semanas. Eu tive uma queda de saturação um pouco importante, por pouco não fui para o hospital, mas deu tudo e eu fiquei em casa. Mas foi um momento realmente de muito medo, você vê seus filhos com febre, você sozinho dentro de casa, as pessoas vinham e deixavam compras na porta do meu apartamento, compras de farmácia, de supermercado e só depois deles irem embora você abrir e pegar. Foi horrível, medo de perder alguém, já havia tido uma perda familiar e de amigos também, então é uma situação que mesmo que você se cuide qualquer vacilo. Eu devo ter passado a mão em algum lugar e antes de passar álcool devo ter passado a mão no olho ou no nariz, algo assim, porque eu realmente sempre me cuidei bem e até hoje a gente tá. Há um ano e quatro meses a gente tá assim, do trabalho pra casa, a gente não sai. Sempre pensando nos outros, porque a gente tem medo de pegar e de sofrer, mas principalmente de passar pra alguém e de ser responsável pelo mal que aconteça a alguém, então no início foi essa dificuldade, mas depois a gente se adapta, o ser humano tem essa capacidade de adaptação. E a gente enfrenta porque a gente sabe que é o certo.

Você protagonizou um dos momentos mais ícones da pandemia no estado, quando foi vacinado ao vivo, durante um link no Bom Dia Paraíba, como foi essa experiência?

O planejamento era apenas vacinar ao vivo. A gente agendou, chegamos bem antes, não furamos fila, deixei algumas pessoas passarem na minha frente e fiquei lá esperando a hora da entrada ao vivo. E a ideia era apenas comemorar, dizer: finalmente chegou o dia. Mas na hora passou todo um filme desse período, das perdas, das distâncias, de quantas famílias a gente viu chorar. Aí eu não segurei. Não consegui segurar, mas como eu vi também que não tava segurando a emoção não quis também alongar, não quis parecer muito dramático, que eu tava, sei lá, querendo aparecer e tal. Foi espontâneo e eu fiquei surpreso com o retorno. Foi quando eu vi a verdadeira audiência do jornal, porque você sabe que tem muita gente que vê, e é líder de audiência no horário, mas não tem a dimensão. Então, depois daquilo ali meu Whatsapp começou a chover de mensagens, de pessoas que eu nem sabia que tinha o meu numero, e aí a TV postou este vídeo nas redes sociais da própria TV e aí dezenas e dezenas de comentários, de todas as regiões do estado, e aí eu disse: caramba! a gente é visto mesmo. Mas no fim das contas, mesmo sem ter sido planejado pro resultado que foi, nós ficamos satisfeitos por que muitos diziam da importância daquele momento, por que eu tinha falado por muita gente, porque muita gente pensava e queria dizer a mesma coisa, e muitos avaliando que aquilo ali teve um potencial de estimular as pessoas a procurar a vacina, a se protegerem um pouco mais. Então, não faz parte do modelo jornalístico, talvez em vigência até hoje, em que um repórter coloca as próprias emoções na tela mas ao mesmo tempo eu acho que quando tudo é bem dosado, quando não é forçado, quando não faz isso direto, muito menos em busca de audiência ou coisa do tipo, é natural, humaniza e a gente volta a campanha da Globo, que é mostrar que nós somos pessoas que tem sentimentos, que vem passando por seus dramas pessoais e que torce para que tudo isso acabe. Então, foi mais um momento, assim... (emociona-se) que vai ficar pra memória, ficar na história da gente. Nós mostramos muitas histórias, e não é que as pessoas não imaginem que a gente não tenha uma história, mas ninguém lembra que a gente também tem uma história, parece que a gente tem só a função de mostrar a história dos outros.

Como você enxerga o telejornalismo no pós-pandemia?

A minha opinião é que antes da pandemia, o jornalismo estava sofrendo um ataque muito forte porque qualquer pessoa que se dissesse portadora de notícias numa rede social ou num canal de Youtube, ela tava ganhando talvez tanta dimensão quanto qualquer rede de televisão apenas por se tratar de uma informação que se viesse num formatozinho bonitinho, todos se apropriavam daquilo como verdade. E eu acredito que principalmente nesse período do pós-

pandemia a gente vai ter um fortalecimento do jornalismo profissional, por que as fake news circularam e circulam aí a todo vapor, mas uma a uma foram derrubadas. A gente vai ter um fortalecimento do trabalho jornalístico profissional, de verdade, bem checado, com responsabilidade, sem pressa pra dar em primeira mão, mas se preocupando com a confirmação dos fatos reais, então isso as pessoas passaram a reconhecer, observando não apenas a notícia, mas quem a notícia.

ENTREVISTA COM REPÓRTER BDPB 2

Como você lidou com o início da pandemia?

Eu sem... desde o começo eu quando surgiu essa doença eu acreditava que ela chegaria no Brasil, até porque não tem mais barreira de um país para outro, com a globalização, mas eu não imaginava que fosse como foi. É, ah! daqui pra lá descobrem algum remédio, daqui pra lá passa, ah! Um isolamento de quinze dias, o lockdown vai resolver, que a gente até pensava isso, né? No começo, em 2020 a gente pensava que com o isolamento de quinze dias ia tá todo mundo em casa, o vírus ia morrer e voltava à vida normal. No começo a gente pensava isso, mas depois eu comecei a perceber que não era tão simples assim, quando foram aumentando o número de pessoas doentes, quando foram tendo as primeiras mortes, que não foram na Paraíba, demorou um pouquinho mais a chegar lá, mas pelo quadro que eu via em outros estados e eu: "ih o negócio vai ser sério mesmo!", e aí rapidamente se espalhou, né? rapidamente se espalhou para muita gente. E no começo era meio distante, né? A gente não conhecia, a gente sabia que havia morrido alguém aqui, alguém estava doente ali, um famoso que está internado por que está doente, mas depois passou a ser pessoas que a gente conhecia e aí foi quando caiu a ficha de que a doença estava entre nós de fato.

Com as medidas preventivas de distanciamento social houveram algumas mudanças no cotidiano da sociedade e na prática diária do telejornalismo... pra você quais foram as mudanças mais impactantes, como você lidou com elas?

Olha eu acho que foi muito difícil pra gente estar distante das pessoas, porque a gente trabalha ouvindo pessoas, a gente informa por meio de informações que a gente colhe das

outras pessoas, então ficou um jornalismo mais distante. Então por muitas vezes, a gente ia fazer uma matéria, o próprio repórter estava em casa, como foi em algumas situações, como a apresentadora do Bom Dia Paraíba que tava grávida, e apresentou o jornal de casa, e repórteres também que tinham comorbidades e faziam matérias de casa, eu cheguei a fazer uma ou duas matérias de casa, o que pra mim foi horrível, porque é muito difícil você fazer uma reportagem com um material pré-definido, com a entrevista que uma outra pessoa gravou, então você vai ter uma dúvida que não foi gravado, você gostaria de fazer uma pergunta que não foi feita e o entrevistado não está mais disponível, porque foi um vídeo que ele mandou anteriormente. Então assim pra mim, o primeiro impacto foi a questão da distância, e essa distância se mostrou de diversas formas, a distância física principalmente, então começou com a maioria fazer muito ao vivo, então a maioria dos vivos não tinham entrevistado e quando tinha eram dois microfones, então isso tirou da gente o controle do vivo, porque o entrevistado parava de falar quando ele queria, isso no começo pra gente foi bem difícil, porque tem entrevistado que é bem difícil, principalmente gestores públicos, a gente tinha um gestor em saúde que era uma pessoa que não era fácil de entrevistar em João Pessoa, na capital municipal, e eu lembro de alguns episódios de certo desconforto, porque ultrapassa alguns limites. A gente tem horário pra sair do ar, a gente tem perguntas que são feitas, pensadas previamente, e quando o entrevistado está com o microfone na mão dele pra ele utilizar da forma que ele quer, corre-se um risco, estamos ao vivo, eu sei o controle, eu sei até onde eu posso ir enquanto repórter, se o microfone está na minha mão, eu sei puxar o microfone com delicadeza com gentileza. Quando o entrevistado está com ele (microfone) ele encerra quando quer. E também tem a questão das entrevistas serem feitas muito online, isso no começo era impensável, antes da pandemia. A gente muitas vezes derrubava a pauta por que "ah! vamos falar sobre adoção", aí o juiz da vara da infância não tava disponível porque estava viajando, "ah! então derruba a pauta!", agora não o juiz manda o vídeo. E isso ficou, durante a pandemia a gente teve que fazer isso por que as autoridades pararam de falar presencialmente. Eu lembro que o governador da Paraíba, João Azevedo, parou de atender a imprensa presencialmente, toda a informação foi prestada, a gente não ficou em momento nenhum sem informação, mas presencialmente não, quando a gente queria uma entrevista a gente marcava e fazia por Skyper. Continuaram atendendo mas de forma diferente, então isso era impensável até mesmo pelo padrão que a Globo exige, de uma boa imagem, de um bom áudio, de um back assim atrás da pessoa que está aparecendo, então a gente teve que se

adaptar a isso. A gente passou a valorizar ainda mais a notícia em detrimento a qualidade como era produzida.

Com as pessoas em isolamento ficou mais difícil pro repórter ir até os entrevistados, como foi pra vocês essa realidade?

Olha eu acho que para o jornalismo, para a notícia, isso foi positivo. A gente tem notícias muito mais rápidas, a gente consegue hoje fazer reportagens muito mais completas, por que eu tenho a informação muito mais rapidamente na minha mão, a que preço? Às vezes com o vídeo ruim, mas ao mesmo tempo a gente tem a condição de fazer materiais muito melhores do que antes quando só era possível fazer com uma equipe da TV estando no local. Então por exemplo, a gente tá cobrindo agora a chegada das equipes de saúde, do exército, da aeronáutica até a terra Yanomami, então, a gente não tem equipe lá. Muitos dos vídeos, muito boa parte do que a gente coloca no ar é com vídeo que o pessoal do exército grava, que a polícia grava, que o corpo de bombeiros grava, que assessorias locais gravam e mandam pra gente pra que a gente possa utilizar. Então assim, a gente tem condição de mostrar uma realidade muito mais palpável por conta disso, por que a gente consegue ter a utilização desses vídeos. De outro lado, a gente teve um grande problema muito grande que todo mundo se tornou criador de conteúdo, e a gente enquanto jornalista, a gente que estuda pra isso, a gente que faz jornalismo profissional, a gente tem agora a missão de mais do que nunca averiguar se é isso mesmo, se aquele vídeo é real, se aquele vídeo é de hoje, se não há manipulação, então assim se tornou um pouco mais delicado, um pouco mais trabalhoso nesse sentido, porque se eu mandou uma equipe minha lá eu tenho certeza da qualidade do que está sendo feito, da veracidade. Se alguém me mandar um vídeo eu vou precisar comprovar isso, então vou precisar que alguém diga de fato que isso aconteceu. Ano passado aconteceu um caso curioso a gente tava com o jornal no ar, eu faço o Jornal Hoje, e chegou a notícia que a FAB havia derrubado um avião com drogas no interior de São Paulo, e a gente tinha imagens do avião, a gente tinha imagens da droga, a gente tinha equipe nossa no lugar, mas eu precisei (...) tava todo mundo dizendo a FAB derrubou, e eu disse mas quem foi que foi a FAB que derrou? Porque é muito sério você dizer que a FAB derrubou um avião. Pode ter sido (...) de fato tinha droga, mas pode ter acontecido que o avião tenha dado algum problema. Então assim era muito grave eu dizer que a FAB derrubou um avião dentro de uma plantação no interior de São Paulo, vai que não era. E aí a gente não deu que a FAB tinha derrubado, a gente disse que um avião fez um pouso forçado dentro de uma plantação,

os dois ocupantes, segundo a polícia, dois homens estavam lá dentro, fugiram e a polícia disse que tinha droga lá dentro. Aí quando acabou o jornal chegou a notícia oficial da Polícia Federal, que a FAB havia perseguido o avião e que tinham dado ordem do avião pousar numa pista lá perto, e que eles preferiram pousar numa plantação e fugir. Então de fato houve a FAB no meio, mas a FAB não derrubou um avião, então seria muito grave falar que a FAB, falavam até que a FAB atirou no avião e o avião caiu, abateu um avião, foi esse o termo que chegou pra gente. Então assim a gente tem que ter um cuidado muito grande com as notícias por que elas estão chegando muito rápido e se a gente na pressa bota no ar o que chega muito rápido por meio desses vídeos, desse legado da pandemia também, a gente termina errado. Então assim a gente tem que ter preciosismo muito maior hoje em dia, porque é muito tentador você tem um vídeo de um avião pousado no meio da uma plantação, cheio de droga, cheio de polícia lá é muito tentador botar no ar, então a gente tem que ter muito cuidado nisso. Então eu acho que assim foi muito positivo de um lado mas do outro todo mundo virou criador de conteúdo, e isso tem que ter um pouquinho de freio, até por meio por parte da imprensa, existe parte da imprensa que não checa, que bota no ar, que acredita, prefere ter a audiência e depois a gente pede desculpas, mas vamos ter a audiência agora, é assim que funciona.

A questão do super profissional, a convergência de mídias, produzir com celular...

Olha eu acho que a gente pode fazer uma analogia, talvez um pedreiro ele saiba construir a casa, cuidar da parte da eletricidade, cuidar da parte hidráulica, pintar, fazer todos os acabamentos mas se for uma equipe maior, cada um especializado no que faz, a casa vai ficar mais segura, muito mais bonita, muito mais edificada e muito mais bem feita, talvez até demore um pouquinho mais, mas muito mais bem feita eu acho que o jornalismo é a mesma coisa. O que a gente tem hoje é uma diminuição de custos, isso é óbvio, isso não é segredo pra ninguém, as empresas precisam diminuir custos, e a gente precisa lembrar que são empresas, precisam fechar conta no final do mês, precisam dar lucro para os acionistas, então as empresas fazem isso mirando lucro. Não acredito que seja, ah! vamos modernizar o jornalismo, ah! vamos fazer de forma mais dinâmica, não. É lucro, é diminuir gastos na verdade. Se eu tenho um repórter da TV e no mesmo grupo de comunicação eu tenho o repórter do portal e eu tenho o repórter da rádio e eu posso simplesmente demitir o repórter da rádio, deixar um repórter só na redação recebendo material do repórter que esta na rua pela TV, fazendo foto, colhendo informação, gravando pílulas pra rádio, ele deixa de pagar

três e paga um, um e meio aí, mais ou menos, vai ter uma diminuição dos gastos. Eu vejo isso como uma alternativa pra que o lucro seja aumentado, a gente tem experimentado todo tipo de "inovação", entre aspas, bem aspas mesmo que chega pra que a pessoa possa acumular funções, na verdade quando a gente fala em super-profissional fica até bonito, na verdade é um profissional acumulando diversas funções. Então é o editor que vai escrever o texto porque o repórter já tá com outra matéria, então o editor tem que escrever o texto, é o editor de texto que vai pra ilha editar na máquina porque não tem mais editor de imagem, é apresentador de TV que passa o TP com o controlezinho na mão, enfim, é a modernidade chegando. A gente se sente meio que naquele filme Tempos Modernos, do Charlie Chaplin, onde vai mudando tudo, onde as pessoas foram querer quebrar as máquinas e a gente tem que se adaptar, porque é um caminho sem volta. De uma hora pra outra não vão recontratar todo mundo, vão se fazer de equipamentos. Não vai acontecer. É uma evolução da comunicação isso, e faz parte da evolução mesmo, mas eu não encaro como algo, no produto final, não é algo bom. A gente vê que um produto feito quando tem um editor de imagens, editor de texto, tem um repórter tranquilo com tempo pra fazer aquilo, um cinegrafista com tempo de fazer as imagens, ter um bom produtor, a gente consegue ver a diferença no material, um bom equipamento também, a gente consegue ver a diferença no material. Fica uma reportagem bem maior, bem melhor. Então assim vai do interesse de cada empresa, né? O quê que é o foco? é fazer um material bom ou é fazer mais material? E aí vai de cada um.

Quais dessas ferramentas e práticas permaneceram nesse pós pandemia?

Eu acho que a agilidade. O que começou durante a pandemia como engessamento, que era assim as notícias demoram a chegar, a gente tem que pedir vídeo e o vídeo demora. Hoje em dia tá todo mundo muito acostumado, os próprios entrevistados, as autoridades, aqueles entrevistados que já tem costume de dar entrevista, já sabem como filmar, como montar o celular, como montar um cenáriozinho atrás. Então essa agilidade pra que a gente possa botar o conteúdo no ar, a gente vive numa situação muito acelerada e eu falo por mim que faço TV, a gente tem a concorrência direta da internet, que a internet aconteceu há um segundo tá na internet, a gente na TV ainda tem um certo *delay* muitas vezes pra trazer essa informação. Então, se às 10h da manhã tem uma coletiva de imprensa, às 10h30 pela internet já dá pra saber o que tem, então na TV a gente tem que buscar algo diferente, tem que buscar

algo melhor, então essa agilidade que esses vídeos trazem isso é positivo porque ajuda a gente, a gente talvez não receba com tanta qualidade, mas a gente tem a informação de forma mais prática pra gente.